



# O Porque Da Vida

!œ

## ÍNDICE

Dedicatória

Prefácio do Tradutor

- I - Dever e Liberdade
- II - Os problemas da existência
- III - Espírito e matéria
- IV - Harmonia do Universo
- V - As vidas sucessivas

- VI - Justiça e progresso
- VII - O Alvo Supremo
- VIII - Provas experimentais
- IX - Resumo e conclusão

## CORRESPONDÊNCIA INÉDITA DE LAVATER

Preâmbulo

Primeira carta

Segunda carta

Terceira carta

Quarta carta

Carta de um defunto a seu amigo, habitante da Terra, sobre o estado dos Espíritos desencarnados

Quinta carta

Carta de um Espírito bem-aventurado a seu amigo da Terra, sobre a primeira visão do Senhor

Sexta carta

Carta de um defunto a seu amigo, sobre as relações que existem entre os Espíritos e os seres que foram por eles amados na Terra.

## A REENCARNAÇÃO E A IGREJA CATÓLICA

GIOVANA (novela)

É a vós, irmãos e irmãs na Humanidade, a vós todos a quem o fardo da vida curvou, a quem as lutas árduas, as

angústias, as provações têm acabrunhado, que dedico estas páginas. É em vossa intenção, aflitos, deserdados deste mundo, que as escrevi. Humilde campeão da verdade e do progresso, pus nelas o fruto de minhas vigílias, reflexões e esperanças, tudo o que me consola e sustém nesta jornada.

Oxalá achem nelas alguns ensinamentos úteis, um pouco de luz para esclarecer o vosso caminho. Possa esta modesta obra ser para o vosso espírito contristado o que é a sombra para o trabalhador queimado do Sol, o que é, no deserto árido, a fonte límpida e fresca oferecendo-se ao viajor sequioso!

### Prefácio do Tradutor

Nesta época em que certos homens se esforçam em propagar as doutrinas da negação e do ódio, é doce e confortador ver um escritor, um filósofo tão extraordinariamente dotado como o Sr. Leon Denis, reagir, com a autoridade que lhe dão o seu nome e o seu belo talento, contra essa obra de desvirtuamento social.

O Sr. Leon Denis teve a idéia de dedicar esta pequena obra aos que sofrem, e nós, querendo completar suas noções sobre o Espiritismo, acrescentamos aqui, com o consentimento do autor, as cartas que o célebre filósofo Laváter dirigiu à Imperatriz Maria da Rússia, e o seu primoroso romance Giovana.

As páginas deste livro deveriam ser o vade-médium dos inumeráveis vencidos na luta pela vida.

Pela perspectiva do além-túmulo, baseada na lei da reencarnação, mais verdadeira, mais humana, menos

rigorosa, sobretudo que a da tradição católica ou protestante, elas consolam e reconfortam os mais aflitos, ao mesmo tempo em que induzem os poderosos deste mundo a serem doces, fraternais e piedosos para com os fracos.

## O TRADUTOR

### I - Dever e Liberdade

Qual o homem que, nas horas de silêncio e recolhimento, já deixou de interrogar a Natureza e o seu próprio coração, pedindo-lhes o segredo das coisas, o porquê da vida, a razão de ser do Universo? Onde está esse que não tem procurado conhecer os seus destinos, erguer o véu da morte, saber se Deus é uma ficção ou uma realidade? Não há ser humano, por mais indiferente que seja, que não tenha enfrentado algumas vezes com esses grandes problemas. A dificuldade de resolvê-los, a incoerência e a multiplicidade das teorias que daí se derivam, as deploráveis conseqüências que decorrem da maior parte dos sistemas conhecidos, todo esse conjunto confuso, fatigando o espírito humano, o tem atirado à indiferença e ao cepticismo.

Entretanto, o homem tem necessidade de saber; precisa do esclarecimento, da esperança que consola, da certeza que guia e sustém. Também tem os meios de conhecer, a possibilidade de ver a verdade desprender-se das trevas e inundá-lo com sua luz benéfica. Para isso, deve afastar-se

dos sistemas preconcebidos, perscrutar-se a si próprio, escutar essa voz interior que fala a todos e que os sofismas não podem deturpar: a voz da razão, a voz da consciência.

Assim fiz eu. Muito tempo refletiu; meditei sobre os problemas da vida e da morte; com perseverança sondei esses abismos profundos. Dirigi à Eterna Sabedoria uma ardente invocação e Ela me atendeu, como atende a todo espírito animado do amor do bem. Provas evidentes, fatos de observação direta vieram confirmar as deduções do meu pensamento, oferecer às minhas convicções umas bases sólidas, inabaláveis. Depois de duvidar, acreditei; depois de ter negado, vi. E a paz, a confiança, a força moral desceram sobre mim. Eis os bens que, na sinceridade do meu coração, desejoso de ser útil aos meus semelhantes, venho oferecer aos que sofrem e desesperam.

Jamais a necessidade da luz fez sentir-se de um modo mais imperioso. Uma transformação imensa se opera no seio das sociedades humanas. Depois de estarem submetidos durante uma longa série de séculos ao princípio de autoridade, os povos aspiram cada vez mais à liberdade e querem dirigir-se por si próprios. Ao mesmo tempo em que as instituições políticas e sociais se modificam, os cultos são esquecidos. Existe nisso ainda uma das conseqüências da liberdade em sua aplicação às coisas do pensamento e da consciência. A liberdade, em todos os seus domínios, tende a substituir-se à coação e à autoridade, a guiar as nações para horizontes novos. O direito de alguns se tornou o direito de todos; mas, para que o direito soberano seja conforme com a justiça e produza seus frutos, é necessário que o conhecimento das leis morais venha regular o seu exercício. Para que a liberdade seja fecunda, para que ofereça às obras

humanas uma base segura e duradoura, deve ser aureolada pela luz, pela sabedoria, pela verdade. A liberdade, para homens ignorantes e viciosos, não será como arma poderosa entre as mãos de uma criança? A arma, nesse caso, volta-se muitas vezes contra aquele que a traz, e o fere.

## II - Os problemas da existência

O que importa saber antes de tudo é o que somos, de onde viemos, para onde vamos, quais são os nossos destinos. As idéias que fazemos do Universo e suas leis, do papel que cada um de nós deve exercer sobre este vasto teatro, tudo isso é de uma importância capital. É de conformidade com elas que dirigimos os nossos atos. É consultando-as que fixamos um alvo à nossa vida, e para ele caminhamos. Eis a base, o verdadeiro incentivo de toda a civilização. Conforme for o ideal, assim é o homem. Para as coletividades, da mesma forma que para o indivíduo, a concepção do mundo e da vida é que determina os deveres; mostra o caminho a seguir, as resoluções a adotar.

Mas, já o dissemos, a dificuldade de resolver esses problemas faz muitas vezes rejeitá-los. A opinião do maior número é vacilante, indecisa; os atos, os caracteres se ressentem. Nisso consiste o mal da época, a causa da perturbação que pesa sobre todos. Há o instinto do progresso; quer-se caminhar, mas para onde ir? Ninguém pensa nisso suficientemente. O homem ignorante dos seus destinos é semelhante ao viajante que percorre maquinalmente a sua rota, sem conhecer o ponto de partida

nem o ponto de chegada, e mesmo sem saber qual o motivo da sua viagem; do que resulta, sem dúvida, o estar sempre disposto a parar diante do menor obstáculo e a perder o tempo sem cuidar do alvo que deve atingir.

O vácuo e a obscuridade das doutrinas religiosas, os abusos que elas engendraram, lançam muitos espíritos no materialismo. Ficam dispostos a acreditar que tudo acaba com a morte, que o destino do homem é o de desaparecer no vácuo.

Demonstraremos mais adiante como esse modo de ver está em oposição flagrante à experiência e à razão. Digamos desde já que isso é contrário a toda a noção de justiça e progresso.

Se a vida está circunscrita entre o berço e a tumba, se as perspectivas da imortalidade não vêm esclarecer a nossa existência, o homem não tem outra lei que não seja a dos seus instintos, dos seus apetites, dos seus gozos. Pouco importa que ame o bem, a equidade. Se nada mais faz que aparecer e desaparecer neste mundo; se leva consigo para o olvido as suas esperanças e afeições, ele sofrerá tanto quanto mais puras e elevadas forem suas aspirações; amando a justiça, como soldado do direito, acreditar-se-á condenado a jamais ver a sua realização; apaixonado pelo progresso, sensível aos males dos seus semelhantes, imagina que se extinguirá antes de ver triunfar seus princípios.

Com a perspectiva do nada, quanto mais praticardes a abnegação e a justiça, tanto mais vossa vida será fértil em amargores e decepções. O egoísmo bem compreendido seria então a suprema sabedoria; a existência perderia toda a sua grandeza e dignidade. As mais nobres faculdades, as mais

generosas tendências do espírito humano acabariam por fenecer, por extinguir-se completamente.

A negação da vida futura também suprime toda a sanção moral. Assim, todo ato bom ou mau, criminoso ou sublime, termina com os mesmos resultados. Não há compensação às existências miseráveis, à obscuridade, à opressão, à dor; não há mais consolação nas provas, esperança para os aflitos. Nenhuma diferença existe, no futuro, entre o egoísta que viveu para si só, e muitas vezes à custa dos seus semelhantes, e o mártir ou o apóstolo que sofreu, sucumbiu no combate pela emancipação e pelo progresso da raça humana. A mesma obscuridade os encobrirá.

Se tudo acaba com a morte, o ser não tem nenhum motivo para constranger-se, para comprimir seus instintos, seus gostos. Fora das leis sociais, nada pode detê-lo! O bem e o mal, o justo e o injusto se confundem igualmente, se esvaem no nada. E o suicídio será sempre um meio de escapar aos rigores das leis humanas.

A crença em o nada, ao mesmo tempo em que arruína toda a sanção moral, deixa de resolver o problema da desigualdade das existências na parte que toca à diversidade das faculdades, das aptidões, das situações, dos méritos. Com efeito, qual o motivo por que uns possuem todos os dons do espírito e do coração, favores da fortuna, quando muitos outros só tiveram em partilha pobreza intelectual, vícios e misérias? Por que na mesma família, parentes, irmãos, nascidos da mesma carne e do mesmo sangue diferem essencialmente sobre tantos pontos de vista? Estas questões são insolúveis para os materialistas, da mesma forma que para muitos crentes; entretanto, vamos examiná-las sumariamente à luz da razão.

### III - Espírito e matéria

Não há efeito sem causa; o nada não poderia produzir coisa alguma. Estão aí axiomas, isto é, verdades incontestáveis. Ora, como se verifica em cada um de nós a existência de forças, de potências que não podem ser consideradas como materiais, há necessidade, para explicar a sua causa, de remontar a outra origem além da matéria, a esse princípio que designamos por alma ou Espírito.

Quando, perscrutando-nos a nós mesmos, queremos aprender a nos conhecermos, a analisar as nossas faculdades; quando, afastando da nossa alma a escuma nela acumulada pela vida, o espesso invólucro de que os preconceitos, os erros, os sofismas revestiram a nossa inteligência - penetramos nos recessos mais íntimos do nosso ser e nos achamos então em face desses princípios augustos, sem os quais não há grandeza para a Humanidade: o amor do bem, o sentimento da justiça e do progresso. Esses princípios, que se encontram em graus diversos, no ignorante do mesmo modo que no homem de gênio, não podem proceder da matéria, que está desprovida de tais atributos. E, se a matéria não possui essas qualidades, como poderia por si só formar os seres que estão com elas dotados? O sentimento do belo e do verdadeiro, a admiração que experimentamos pelas obras grandes e generosas, teriam assim a mesma origem que a carne do nosso corpo e o sangue das nossas veias. Entretanto, devemos antes considerá-los como reflexos duma alta e pura luz que brilha em cada um de nós, do mesmo

modo que o Sol se reflete sobre as águas, estejam estas turvas ou límpidas. Em vão se pretenderia que tudo fosse matéria. Pois quê! Somos susceptíveis de amor e bondade; amamos a virtude, a dedicação, o heroísmo; o sentimento da beleza moral está gravado em nós; a harmonia das leis e das coisas nos penetra, nos inebria; e nada de tudo isso nos distinguiria da matéria? Sentimos, amamos, possuímos a consciência, à vontade e a razão, e procederíamos dum causa que não possui essas qualidades em nenhum grau, dum causa que não sente, não ama, nem conhece coisa alguma, que é cega e muda! Superiores à força que nos produz, seríamos mais perfeitos e melhores do que ela.

Tal modo de ver não suporta um exame. O homem participa de duas naturezas. Pelo seu corpo, pelos seus órgãos deriva-se da matéria; pelas suas faculdades intelectuais e morais, procede do Espírito.

Relativamente ao corpo humano, digamos ainda com mais exatidão que os órgãos componentes dessa máquina admirável são semelhantes a rodas incapazes de andar sem um motor, sem uma vontade que os ponha em ação. Esse motor é a alma. Um terceiro elemento liga a ambos, transmitindo ao organismo as ordens do pensamento. Esse elemento é o perispírito, matéria etérea que escapa aos nossos sentidos. Ele envolve a alma, acompanha-a depois da morte nas suas peregrinações infinitas, depurando-se, progredindo com ela, constituindo para ela um corpo diáfano, vaporoso. Mais adiante trataremos da existência desse perispírito.

O Espírito reside na matéria como um prisioneiro na sua cela; os sentidos são as fendas pelas quais se comunica com o mundo exterior. Mas, enquanto a matéria declina cedo ou

tarde, se enfraquece e se desagrega, o Espírito aumenta em poder e se fortifica pela educação e pela experiência. Suas aspirações engrandecem, estendem-se por além-túmulo; sua necessidade de saber, de conhecer, de viver é sem limites. Tudo isso mostra que o ser humano só temporariamente pertence à matéria. O corpo não passa de um vestuário de empréstimo, de uma forma passageira, de um instrumento por meio do qual a alma prossegue neste mundo a sua obra de depuração e progresso. A vida espiritual é a vida normal, verdadeira, sem-fim.

#### IV - Harmonia do Universo

Estabelecida em nós a existência de um princípio inteligente e racional, o encadeamento das causas e dos efeitos, para explicar a sua origem mister se faz remontarmos à fonte donde ela dimana. Essa fonte, na pobre e insuficiente linguagem humana, é designada pelo nome de Deus.

Deus é o centro para o qual convergem e onde vão terminar todas as potências do Universo. É o foco de que emana toda a idéia de justiça, de solidariedade, de amor, o alvo comum para o qual todos os seres se encaminham, consciente ou inconscientemente. É das nossas relações com o Grande Arquiteto dos mundos que decorre a harmonia universal, a comunhão, a fraternidade. Para sermos realmente irmãos, é necessário um pai comum, e esse pai só pode ser Deus.

Deus, dirão, tem sido apresentado sob aspectos tão estranhos, às vezes tão odiosos, pelos homens de seita, que o

espírito moderno se desviou dele. Mas que importam as divagações dos sectários? Pretender que Deus pode ser rebaixado pelos intentos dos homens, equivale a dizer que o Monte Branco e o Himalaia podem ser abalados pelo sopro de um mosquito. A verdade paira radiosa e deslumbrante muito acima das obscuridades teológicas.

Para entrever essa verdade, o pensamento deve desligar-se dos preceitos acanhados, das práticas vulgares; deve rejeitar as formas grosseiras com que as religiões envolveram o supremo ideal. Deve estudar Deus na majestade das suas obras.

A hora em que tudo repousa, quando a noite é transparente e o silêncio se estende sobre a Terra adormecida, então, ó homem, ó meu irmão, eleva o teu olhar e contempla o infinito dos céus.

Observa a marcha cadenciada dos astros, evoluindo nas profundezas. Esses focos inumeráveis são mundos, comparada aos quais a Terra não é mais que um átomo, sóis prodigiosos, rodeados por cortejos de esferas e cujo rápido percurso se mede, em cada minuto, por milhões de léguas. Distâncias espantosas os separam de nós, e eis por que nos parecem simples pontos luminosos. Mas, projeta sobre eles essa luneta colossal da ciência, o telescópio. Distinguirás suas superfícies semelhantes a oceanos de fogo. Procurarás inutilmente contá-los; eles se multiplicam até às regiões mais remotas, confundindo-se pouco a pouco numa poeira luminosa. Verás, também, sobre os mundos vizinhos da Terra desenharem-se os mares, moverem-se as nuvens. Reconhecerás que as manifestações da vida se produzem por toda parte e que uma ordem admirável une, sob leis uniformes e em destinos comuns, a Terra e seus irmãos, os

planetas errantes no infinito. Saberás que todos esses mundos, habitados por outras sociedades humanas, se agitam, se afastam, se aproximam, impulsionados por diversas velocidades, percorrendo órbitas imensas; que por toda parte o movimento, a atividade, a vida, se patenteiam em espetáculo grandioso. Observa também o nosso globo, esta terra, nossa mãe, que parece dizer-nos: vossa carne é a minha; sois meus filhos. Observa esta grande nutrir da Humanidade; vê a harmonia dos seus contornos, seus continentes no seio dos quais as nações cresceram e se multiplicaram, seus vastos oceanos sempre em movimento; segue o renovamento das estações que a revestem de verdes enfeites e messes douradas; contempla todos os seres vivos que a povoam: aves, insetos, animais, plantas e flores, cada um dos quais é uma obra maravilhosa, uma jóia do escrínio divino. Observa-te a ti mesmo; vê o jogo admirável dos teus órgãos, o mecanismo maravilhoso e complicado dos teus sentidos. Que gênio humano poderia imitar obras-primas tão delicadas: os olhos e os ouvidos?

Considera todas essas coisas e pergunta à tua razão, ao teu discernimento, se tanta beleza, esplendor, harmonia, podem resultar do acaso, ou se não deveremos antes atribuir tudo isso a uma causa inteligente presidindo à ordem do mundo e à evolução da vida. E se, em contestação, aludes aos flagelos, às catástrofes, enfim a tudo o que vem perturbar essa ordem admirável, responderei: Perscruta os problemas da Natureza, não te detenhas à superfície, desce ao fundo das coisas e descobrirás com surpresa que essas aparentes contradições não fazem mais que confirmar a harmonia geral, pois tudo é útil ao progresso dos seres, único fim da existência.

Se Deus fez o mundo, replicam garbosamente certos materialistas, quem fez, portanto a Deus? Tal objeção é insensata. Deus não se vem adaptar à cadeia das suas criaturas. É o Ser universal, sem limites no tempo e no espaço; por conseguinte, é infinito e eterno. Não pode existir ser superior ou igual a Ele. Deus é a fonte e o principio de toda a vida. É por Ele que se unem, ligam e harmonizam todas as forças individuais, que, se não fosse Ele, estariam insuladas e divergentes. Abandonadas a si mesmas, não sendo regidas por uma lei, por uma vontade superior, essas forças só teriam produzido a confusão e o caos. A existência dum plano geral, dum alvo comum para o qual tendem todas as potências do Universo, prova a existência duma causa, duma inteligência suprema que é Deus.

## V - As vidas sucessivas

Dissemos que, para esclarecer o seu futuro, o homem devia antes de tudo aprender a conhecer-se. Para se caminhar com segurança, é necessário saber aonde se vai. É conformando seus atos com as leis superiores que o homem trabalhará eficazmente pelo seu próprio melhoramento e pelo da sociedade. O que precisamos é discernir essas leis, determinar os deveres que lhes são inerentes, prever as conseqüências das nossas ações.

Quando se compenetrar da grandeza da sua missão, o ser humano saberá desprender-se melhor daquilo que o rebaixa e abate; saberá governar-se criteriosamente, preparar pelos

seus esforços a união fecunda dos homens numa grande família de irmãos.

Mas, quão longe estamos desse estado de coisas! Ainda que a Humanidade avance na via do progresso, pode-se, entretanto dizer que a imensa maioria de seus membros caminha através da vida como no meio duma noite escura, ignorando-se a si mesma, nada sabendo do fim real da existência.

Trevas espessas velam a razão humana. Os pálidos e enfraquecidos raios da verdade que lhe chegam, são impotentes para esclarecer as vias sinuosas percorridas pelas inumeráveis legiões que estão em caminho, e não conseguem fazer resplandecer a seus olhos o alvo ideal e longínquo.

Ignorante dos seus destinos, vacilando sem cessar entre o prejuízo e o erro, o homem maldiz às vezes a vida. Curvado ao seu fardo, inculpa os seus semelhantes das provações que suporta e que são quase sempre ocasionadas pela sua imprevidência. Revoltado contra Deus, a quem acusa de injustiça, ele chega algumas vezes, na sua loucura e no seu desespero, a desertar do combate salutar, da única luta que pode fortificar sua alma, esclarecer seu julgamento, prepará-lo para trabalhos de ordem mais elevada. Por que o homem desce, fraco e desarmado, à grande arena onde se entrega sem repouso, sem descanso, à eterna e gigantesca batalha? Porque a Terra é um degrau inferior na escala dos mundos. Nela residem apenas espíritos principiantes, isto é, almas nas quais a razão começa a despontar. A matéria reina soberanamente sobre o mundo. Curva-nos ao seu jugo, limita nossas faculdades, refreia nossos impulsos para o bem, nossas aspirações para o ideal.

Assim, para discernir o porquê da vida, para perceber a lei suprema que rege as almas e os mundos, é necessário saber libertar-se das influências grosseiras, desligar-se das preocupações de ordem material, de todas as coisas passageiras e mutáveis que encobrem nosso espírito, obscurecem nossas apreciações. É elevando-nos, pelo pensamento, acima dos horizontes da vida, fazendo abstração do tempo e do espaço, pairando de alguma sorte acima das minúcias da existência, que entreveremos a verdade.

Por um esforço da vontade, abandonemos por um instante a Terra, elevemo-nos a essas alturas extraordinárias. Então se desenrolará para nós o imenso panorama das idades inumeráveis e dos espaços ilimitados. Assim como o soldado, perdido no meio da peleja, só vê confusão ao seu redor, enquanto que o general, cujo olhar abrange todas as peripécias da batalha, calcula e prevê os resultados; assim como o viajante extraviado nos desfiladeiros pode, ao subir a montanha, vê-los formar um conjunto grandioso, assim também a alma humana, das alturas elevadas em que paira, longe dos ruídos da Terra, longe das suas misérias, descobre a harmonia universal. A mesma coisa que lhe parecia aqui contraditória, inexplicável, injusta, então se harmoniza e o esclarece; as sinuosidades do caminho desaparecerão; tudo se une, se encadeia; ao espírito deslumbrado aparece a ordem majestosa que regula o curso das existências e a marcha do Universo.

Dessas alturas luminosas, a vida não é mais, aos nossos olhos, como o é para os da multidão, a vã procura de satisfações efêmeras, mas sim um meio de aperfeiçoamento intelectual, de elevação moral; uma escola onde se aprendem

a docilidade, a paciência, o dever. E essa vida, para ter proveito, não pode ser isolada. Fora dos seus limites, antes do nascimento e depois da morte, vemos, numa espécie de penumbra, desdobrar-se multidão de existências através das quais, à custa do trabalho e do sofrimento, conquistamos gradualmente, palmo a palmo, o diminuto saber e as qualidades que possuímos, assim também conquistaremos o que nos falta: uma razão perfeita, uma ciência sem lacunas, um amor infinito por tudo o que vive.

A imortalidade, semelhante a uma cadeia sem-fim, desenrola-se para cada um de nós na imensidade dos tempos. Cada existência liga-se, pela frente e por detrás, a vidas distintas e diferentes, porém solidárias umas das outras. O futuro é a conseqüência do passado. Gradualmente o ser se eleva e engrandece. Artista dos seus próprios destinos, o espírito humano, livre e responsável, escolhe sua estrada e, se esta é má, as pedras e os espinhos que o ferem produzirão o desenvolvimento da sua experiência fortificarão a razão que vai despontando.

## VI - Justiça e progresso

A lei superior do Universo é o progresso incessante, a ascensão dos seres até Deus, foco das formas mais rudimentares da vida; por uma escala infinita, por meio de transformações inumeráveis, nos aproximamos dele. No íntimo de cada alma está depositada o germe de todas as faculdades, de todas as potências, competindo-nos, portanto o dever de fazê-las frutificar pelos nossos esforços e

trabalhos. Entendida por esse modo, a nossa obra é a do adiantamento e da felicidade futura. O favoritismo não tem mais razão de ser. A justiça irradia sobre o mundo; se todos houverem lutado e sofrido, todos serão salvos.

Da mesma forma se revela aqui, em toda a sua grandeza, a necessidade da dor, sua utilidade para o adiantamento dos seres. Cada globo que rola pelo espaço é um vasto laboratório onde a substância espiritual é incessantemente trabalhada. Assim como o mineral bruto, sob a ação do fogo ou das águas, se transforma pouco a pouco em metal puro, assim também a alma, incitada pelo agulhão da dor, se modifica e fortalece. É no meio das provações que se retemperam os grandes caracteres. A dor é a purificação suprema, a fornalha onde se fundem os elementos impuros que nos maculam: o orgulho, o egoísmo, a indiferença. É a única escola onde se depuram as sensações, onde se aprendem a piedade e a resignação estóica. Os gozos sensuais, prendendo-nos à matéria, retardam a nossa elevação, enquanto o sacrifício e a abnegação nos liberam com antecedência desta espessa atmosfera, preparando-nos para outra ordem de coisas e para uma ascensão mais elevada. A alma, purificada, santificada pelas provas, vê cessar suas encarnações dolorosas. Deixa para sempre as esferas materiais e eleva-se na escala magnífica dos mundos felizes. Percorre o campo ilimitado dos espaços e das idades. Cada conquista que fizer sobre suas paixões, cada passo que der para diante, fará alargar os seus horizontes e aumentar a sua esfera de ação; perceberá cada vez mais distintamente a grande harmonia das leis e das coisas, concorrendo nelas de um modo mais íntimo e eficaz. Então, o tempo desaparece para ela, os séculos escoam-se como se fossem segundos.

Unida a suas irmãs, companheiras da eterna viagem, continua assim o seu progresso intelectual e moral no seio de uma luz sempre em aumento.

Das nossas observações e pesquisas resulta também o conhecimento de uma grande lei: a pluralidade das existências da alma. Vivemos antes de termos nascido, e viveremos depois da morte. Essa lei dá a chave de problemas até então insolúveis, pois explica a desigualdade das condições, a variedade infinita das aptidões e dos caracteres. Conhecemos ou teremos de conhecer sucessivamente todas as fases da vida terrestre, atravessaremos todos os meios. No passado, éramos como os selvagens que povoam as regiões atrasadas; no futuro, poderemos elevar-nos à altura dos gênios imortais, desses grandes espíritos que, semelhantes a focos luminosos, esclarecem o caminho da Humanidade. A história da Humanidade é a nossa própria história. Com a Humanidade, percorremos as vias árduas, suportamos as evoluções seculares que estão relatadas nos anais das nações. O tempo e o trabalho eis os elementos do nosso progresso.

Essa lei da reencarnação mostra de um modo notável a soberana justiça reinando sobre os seres. Alternadamente construímos e quebramos os nossos próprios grilhões. As provas terríveis, suportadas por certas criaturas, são conseqüentes da sua conduta passada. O déspota renascerá como escravo; a mulher altiva e vaidosa da sua beleza habitará um corpo enfermo, sofredor; o ocioso se tornará mercenário, curvado sob uma tarefa ingrata. Quem tiver feito sofrer, sofrerá a seu turno. É inútil procurar o inferno em regiões desconhecidas e longínquas, pois ele está em nós; se oculta nos recessos ignorados da alma culpada, e somente a

expição pode fazer cessar as suas dores. Não há penas eternas.

Mas, dizem alguns, se o nosso nascimento foi precedido por outras vidas, qual a razão por que não nos recordamos delas? Como poderíamos fazer a nossa expiação, desconhecendo a origem das faltas passadas?

A lembrança! Não seria esta antes um pesado fardo preso aos nossos pés? Saídos apenas das épocas do furor e da bestialidade, qual poderia ter sido o passado de cada um de nós? Através das fases por que passamos, quantas lágrimas vertidas, quanto sangue espalhado por nossa causa! Conhecemos o ódio e praticamos a injustiça. Como se tornaria acabrunhadora essa longa perspectiva de faltas para um espírito ainda débil e contristado!

E, além disso, não estaria o nosso passado preso de maneira íntima ao passado dos outros? Que situação para o culpado que se visse marcado a ferro em brasa por toda a eternidade! Pela mesma razão, os ódios, os erros se perpetuariam, causando divisões profundas, intermináveis, no seio dessa Humanidade já tão atribulada. Deus fez bem em apagar dos nossos fracos cérebros a lembrança de um passado temível. Depois de beber as águas do Letes, renascemos para uma nova vida. Uma educação diferente, uma civilização mais vasta, fazem desvanecer as quimeras que outrora ocuparam o nosso espírito. Aliviados dessa bagagem embaraçosa, avançamos mais rapidamente no caminho que se nos apresenta.

Entretanto, esse passado não está de tal forma apagado que deixemos de poder entrever-lhe alguns vestígios. Se, desprendendo-nos das influências exteriores, descermos ao fundo do nosso ser; se analisarmos escrupulosamente os

nossos gostos, as nossas aspirações, descobriremos coisas que coisa alguma em nossa existência atual ou mesmo na educação recebida pode explicar. Partindo daí, chegaremos a reconstituir esse passado, senão em seus pormenores, ao menos em seu conjunto. As faltas que acarretam nesta vida uma expiação necessária, embora estejam momentaneamente apagadas da nossa recordação, não deixam por isso de subsistir, ao menos em sua causa primordial, isto é, em nossas paixões e em nosso caráter feroso, que devem ser domados e corrigidos em novas encarnações.

Assim, pois, se deixamos sobre os vestíbulos da vida as mais perigosas lembranças, trazemos, entretanto os frutos e as conseqüências dos trabalhos realizados, isto é, uma consciência, um discernimento, um caráter, tais como nós mesmos os formamos. As idéias inatas não são mais que a herança intelectual e moral que vêm das nossas vidas passadas.

Todas as vezes que se abrem para nós as portas da morte; quando, libertos do jugo material, a nossa alma desprende-se da sua prisão de carne para entrar no mundo dos Espíritos, então o passado lhe reaparece completamente. Uma após outra, sobre a rota seguida, tornamos a ver nossas existências, nossas quedas, nossas paradas, nossas marchas apressadas. Julgamo-nos a nós mesmos, ao medirmos o caminho percorrido. No espetáculo dos nossos méritos ou deméritos, encontramos a recompensa ou o castigo.

Sendo o alvo da vida o aperfeiçoamento intelectual e moral do ser, que condição, que meio, nos convirá melhor para podermos atingi-lo? O homem pode trabalhar pelo seu aperfeiçoamento em qualquer condição, em qualquer meio

social; entretanto, será mais bem sucedido sob certas e determinadas condições.

A riqueza concede ao homem poderosos meios de estudo; permite-lhe dar ao seu espírito uma cultura mais desenvolvida e perfeita; dispensa-lhe maiores faculdades para aliviar seus irmãos infelizes, para contribuir com obras úteis em benefício da sorte destes. Mas são raras essas pessoas que consideram um dever o trabalhar pelo alívio da miséria, pela instrução e melhoramento dos seus semelhantes.

A riqueza quase sempre esteriliza o coração humano; extingue essa chama interna, esse amor do progresso e dos melhoramentos sociais que anima as almas generosas: interpõe uma barreira entre os poderosos e os humildes; faz viver numa esfera onde não participam os deserdados do mundo, e na qual, por conseguinte, as necessidades, os males destes, são ignorados, desconhecidos.

A miséria tem também seus perigos terríveis a degradação dos caracteres, o desespero, o suicídio. Mas, enquanto a riqueza nos torna indiferentes e egoístas, a pobreza, aproximando-nos dos humildes, faz apiedar-nos das suas dores. É necessário que nós mesmos soframos para podermos avaliar os sofrimentos de outrem. Enquanto os poderosos, no seio das honras, se invejam reciprocamente e procuram rivalizar em pompas, os pequenos, unidos pela necessidade, vivem às vezes em afetuosa fraternidade.

Observai os pássaros nos meses de inverno, quando o céu está sombrio e a Terra coberta com um alvo manto de neves: aconchegados uns aos outros à beira dum telhado reaquecem-se mutuamente em silêncio. A necessidade os une. Voltam, porém os dias belos, o Sol resplandecente, a

colheita abundante, e então, cada um trata de si, perseguem-se, guerreiam-se, despedaçam-se. Assim é o homem. Dócil, afetuoso para os seus semelhantes nas ocasiões da necessidade, a posse dos bens materiais torna-o quase sempre esquecido e intratável.

Uma condição modesta convirá melhor ao espírito que deseja progredir e conquistar as virtudes necessárias à sua ascensão moral. Longe do turbilhão dos prazeres enganosos, julgará melhor a vida. Tomará à matéria tudo o que é preciso para a conservação dos seus órgãos, mas evitará cair em hábitos perniciosos, para não se tornar joguete de inumeráveis necessidades fictícias que são os flagelos da Humanidade. Será sóbrio e laborioso, contentando-se com pouco, preferindo acima de tudo os prazeres da inteligência e as alegrias do coração.

Assim fortificado contra os assaltos da matéria, o homem prudente e inspirado pela luz da razão verá resplandecer os seus destinos. Esclarecido sobre o alvo da vida e sobre o porquê das coisas, permanecerá firme, resignado na dor; saberá aproveitar-se desta vida para sua depuração e seu adiantamento; afrontará a provação com coragem, pois sabe que ela é salutar e que as suas impressões servirão para espremer o fel que está em si. Se alguém o ridiculariza, se o tornam vítima da injustiça e da intriga, ele aprenderá a suportar pacientemente os seus males, ao lembrar dos antepassados: Sócrates bebendo a cicuta, Jesus pregado na cruz, Joana d'Arc atirada à fogueira. Consolar-se-á com o pensamento de que seres maiores, mais virtuosos, mais dignos, sofreram e morreram pela Humanidade.

Enfim, após uma existência cheia de obras, quando soar a hora fatal, é com calma e sem pesar que receberá a morte; a

morte, que os mundanos revestem de um sinistro aparato; a morte, espantallo dos poderosos e sensuais, e que, para o pensador austero, é simplesmente a libertação, a hora da transformação, a porta que se abre para o império luminoso dos Espíritos.

Este vestíbulo das regiões ultraterrestres, ele o franqueará com serenidade. Sua consciência, desprendida das sombras materiais, mostrar-se-á diante dele como um juiz representante de Deus, e que lhe perguntará: Que fizeste da vida? E ele responderá: Lutei, sofri, amei, ensinei o bem, a verdade, a justiça, dei a meus irmãos o exemplo da correção, da doçura; aliviei os que sofriam, consolei os que choravam. Contudo, que o Eterno me julgue, pois estou em suas mãos!...

## VII - O Alvo Supremo

O homem, ó meu irmão, tem fé em teu destino, pois ele é grandioso. Nasceste com faculdades incultas, com aspirações ilimitadas, e a eternidade te é dada para desenvolveres umas e satisfazeres outras. Engrandecer-te de vida em vida, esclarecer-te pelo estudo, purificar-te pela dor, adquirir uma ciência cada vez mais vasta, qualidades sempre mais nobres: eis o que te está reservado. Deus fez mais, ainda, em teu benefício: concedeu-te os meios de colaborares em sua obra imensa; de participares na lei do progresso sem limites, abrindo vias novas a teus semelhantes, elevando teus irmãos, atraindo-os a ti, iniciando-os nos esplendores do que é verdadeiro e belo, e nas sublimes harmonias do Universo. O

progresso das almas e dos mundos não será a realização dessa obra? Esse trabalho gigantesco, fértil em gozos, não será preferível a um repouso insípido e estéril? Colaborar com Deus! Levar a efeito em tudo e por toda parte o bem, a justiça! Que poderá haver de maior, de mais digno para o teu espírito imortal?!

Ergue, pois o teu olhar e abraça as vastas perspectivas de teu futuro infinito! Recolhe desse espetáculo a energia necessária para afrontar os vendavais e as tormentas mundanas. Caminha, valente lutador! Transpõe as escarpas que conduzem às sumidades designadas sob os nomes de virtude, dever, sacrifício! Não te entretendas pelo caminho a colher florzinhas das moitas, ou a divertir-te com coisas pueris. Avante e sempre avante!

Vês, nos céus esplêndidos, esses astros reluzentes, esses sóis inumeráveis arrastando, em suas evoluções, prodigiosos cortejos brilhantes de planetas? Quantos séculos acumulados não foram precisos para formá-los! Quantos outros séculos não serão necessários para dissolvê-los! Pois bem, dia virá em que todos esses focos se extinguirão, em que todos esses mundos gigantesco deverão desaparecer para dar lugar a novas esferas, a novas famílias de astros emergindo das profundezas abismais. O que vês hoje não perdurará. O sopro do infinito varrerá para sempre a poeira desses mundos gastos; mas tu, tu viverás sempre, prosseguindo a eterna jornada no seio duma criação renovada incessantemente. Que serão, pois para a tua alma purificada, engrandecida, as sombras, os cuidados da época presente? Acidentes efêmeros da viagem não deixarão em nossa memória senão tristes ou doces lembranças. Diante dos horizontes infinitos da

imortalidade, os males do presente, as provas suportadas, serão como névoa fugaz no meio dum céu sereno.

Considera, portanto, no seu justo valor as coisas terrenas. Sem dúvida, não deverás desdenhá-las, porque são necessárias ao teu progresso; a tua missão é a de contribuir para o seu aperfeiçoamento, melhorando-te a ti mesmo; mas não prendas exclusivamente nelas a tua alma, e busca antes de tudo os ensinamentos que em si contiverem. Graças a eles, compreenderás que o alvo da vida não é de gozos ou venturas, mas o aperfeiçoamento por meio do trabalho, do estudo, do cumprimento do dever inerente à alma, personalidade esta que encontrarás além do túmulo, tal como tu mesmo a trabalhaste nesta existência terrestre.

## VIII - Provas experimentais

A solução que acabamos de dar sobre os problemas da vida é baseada na mais rigorosa lógica. É conforme com as crenças dos maiores gênios da Antigüidade, os ensinamentos de Sócrates, de Platão, de Orígenes; está em concordância com as profundas doutrinas dos druidas, que, depois de vinte séculos, puderam ser reconstituídas pela História e hoje extasiam o espírito humano. Essa solução forma a parte essencial das filosofias do Oriente e inspirou obras e atos sublimes. É nela que os gauleses encontravam a sua coragem indomável e aprendiam a desprezar a morte. Nos tempos modernos, ela foi acolhida por Jean Reynaud, Henri Martin, Esquiros, Pierre Leroux, Victor Hugo, etc.

Entretanto, apesar do seu caráter absolutamente racional, apesar da autoridade das tradições em que repousa, essa solução seria qualificada de pura hipótese e levada ao domínio da imaginação se não pudéssemos firmá-la sobre uma base inabalável, sobre experiências diretas, sensíveis, ao alcance de todos.

O espírito humano, fatigado das teorias e dos sistemas, perante toda a afirmação nova, reclama provas. Essas provas da existência da alma e sua imortalidade, o espiritualismo experimental no-las patenteia, materiais, evidentes. Bastará observar, imparcial e seriamente, estudar com perseverança os fenômenos designados como espíritas, para nos convenceremos da sua realidade e importância, para compreendermos as suas enormes conseqüências sob o ponto de vista das transformações sociais, visto trazer uma base positiva, um apoio sólido às leis morais, ao ideal da justiça, sem o que nenhuma civilização poderia desenvolver-se.

As almas dos mortos se revelam aos entes humanos. Manifestam sua presença, se entretêm conosco, nos iniciam nos mistérios das vidas renascentes, nos esplendores desse futuro que será o nosso.

Eis aí um fato real, muito pouco conhecido e ainda menos contestado. As experiências ao novo espiritualismo foram acolhidas com sarcasmos e todos os que, apesar disso, se ocuparam com ele, foram escarnecidos, ridiculizados, considerados como loucos.

Tal tem sido em todos os tempos o destino das idéias novas, o acolhimento reservado às grandes descobertas. Muitos consideram como trivial o fato da dança das mesas; porém, as maiores leis do Universo, as mais poderosas forças da Natureza, não foram reveladas por um modo mais digno.

Não foi devido às experiências com as rãs que se chegou a descobrir a eletricidade? A queda duma maçã demonstrou a atração universal, a ebulição duma panela patenteou a ação do vapor. Quanto ao fato de serem alcunhados de loucos, os espíritas partilham a esse respeito à sorte de Salomão de Caus, de Harvey e muitos outros homens de gênio.

Coisa digna de nota: a maior parte dos que criticam apaixonadamente esses fenômenos, não os observaram nem os estudaram, e, no número daqueles que os conhecem e afirmam a sua existência, contam-se os maiores sábios da época. Tais são entre outros: na Inglaterra, William Crookes, membro da Sociedade Real de Londres, químico eminente, a quem se deve a descoberta da matéria radiante; Russel Wallace, o êmulo de Darwin; Varley, engenheiro-chefe dos telégrafos; na América, o jurisconsulto Edmonds, presidente do Senado; na Alemanha, o ilustre astrônomo Zöllner e os professores Ulrici Weber, Rechner, da Universidade de Leipzig; na França, Camille Flammarion, o Dr. Paul Gibier, discípulo de Pasteur, Vacquerie, Eugène Nus, C. Fauvety, etc. Na Itália, o célebre professor Lombroso, depois de ter por muito tempo contestado a possibilidade dos fatos espíritas, fez acerca deles um estudo e terminou reconhecendo publicamente a sua realidade (setembro de 1891). Visto isso, digam agora de que lado estão às garantias de exame sério, de reflexão circunspeta. Aos que negavam o movimento da Terra, Galileu respondia: "e, no entanto, ela se move!" E Crookes, a propósito dos fatos espíritas: "Não digo que isso é possível, mas sim que é real." A verdade, a princípio qualificada de utopia, acaba sempre por prevalecer.

Verificamos também que a atitude da imprensa a respeito desses fenômenos tem-se modificado sensivelmente. Já não

se zomba nem se ridiculiza; percebe-se que há nisso alguma coisa de importante. Os grandes jornais parisienses, o *Rappel*, o *Figaro*, o *Gil Bias*, etc., publicam, freqüentemente, artigos notáveis sobre o assunto. A doutrina do espiritualismo experimental se espalha no mundo com uma rapidez prodigiosa. Nos Estados Unidos da América do Norte seus adeptos se contam por milhares; a Europa ocidental está nele iniciada, e nos centros mais afastados, na Espanha, na Rússia, fundam-se sociedades de investigações, aparecem numerosas publicações. Acaba de ser fundada em Paris a *Société de Recherches Psychiques*, pelo professor Charles Richet e pelo coronel de Rochas, diretor da Escola Politécnica, a fim de estudar experimentalmente os fatos espíritas.

Para a obtenção dos fenômenos psíquicos, é indispensável o concurso de certos indivíduos particularmente dotados. Os Espíritos não podem agir sobre os corpos materiais e chocar os nossos sentidos sem uma provisão de fluido vital, que retiram de certas pessoas designadas pelo nome de médiuns. Todos possuem rudimentarmente a mediunidade, a fim de a desenvolver pelo trabalho e exercício.

A alma, na sua existência ultraterrestre, não está desprovida de forma. Possui um corpo fluídico, de matéria vaporosa, quintessenciada, que reveste todas as aparências do corpo humano e que se denomina perispírito. O perispírito é preexistente e sobrevive ao corpo material. É nele que se registram e se acumulam todas as suas aquisições intelectuais e lembranças. Constitui um organismo sutil e é por sua ação sobre o fluido vital dos médiuns que o Espírito se manifesta aos entes humanos, faz ouvir pancadas, desloca

objetos, corresponde-se conosco por sinais convencionais. Em certos casos, pode também se tornar visível, tangível, produzir a escrita direta, etc. Todos esses fatos foram observados, milhares de vezes, pelos sábios acima citados e por pessoas de todas as classes, de todas as idades e de todos os países. Provam-nos experimentalmente que existe, em volta de nós, um mundo invisível, povoado de almas que deixaram a Terra, entre as quais se acham muitas das que conhecemos, amamos, e às quais nos juntaremos algum dia. São elas que nos ensinam a filosofia consoladora e grandiosa, de que esboçamos acima os traços principais.

E note-se bem que essas manifestações, consideradas por tantos homens - sob o império de preconceitos acanhados - como estranhas, anormais, impossíveis, essas manifestações existiram sempre. Relações contínuas têm unido o mundo dos Espíritos ao mundo dos encarnados. A História vem em nosso apoio. A aparição de Samuel a Saul, o Gênio familiar de Sócrates, os de Tasso e de Jerônimo Cardan, as vozes de Joana d'Arc e muitos outros fatos análogos, procedem das mesmas causas. Mas o que se considerava outrora como sobrenatural, hoje se apresenta com um caráter racional, como uma síntese de fatos regidos por leis rigorosas, cujo estudo faz despontar em nós uma convicção profunda e esclarecida. Esses fatos vê-se bem, longe de serem desprezíveis, constituem uma das maiores revoluções intelectuais e morais que têm sido produzidas na história deste planeta. São a maior barreira que se pode opor ao materialismo. A certeza de revivermos além do túmulo, na plenitude de nossas faculdades e de nossa consciência, faz que a morte não mais cause temor. O conhecimento das situações felizes ou desgraçadas que couberam aos Espíritos

por causa das suas boas ou más ações oferece uma poderosa sanção moral. A perspectiva dos progressos infinitos, das conquistas intelectuais, que aguardam todos os seres e os conduzem para destinos comuns, deverá aproximar as criaturas, uni-las pelos laços fraternais. A doutrina do espiritualismo experimental é a única filosofia positiva que se adapta às necessidades morais da Humanidade.

## IX - Resumo e conclusão

Em resumo, os princípios que decorrem do novo espiritualismo - princípios ensinados por Espíritos desencarnados, em muito melhores condições do que nós para discernir a verdade - são os seguintes:

Existência de Deus: inteligência diretriz, alma do Universo, unidade suprema onde vão terminar e harmonizar-se todas as relações, foco imenso das perfeições, donde se irradiam e se espalham no infinito todas as potências morais: Justiça, Sabedoria, Amor!

Imortalidade da alma: essência espiritual, que encerra no estado de germe todas as faculdades, todas as potências; é destinada a desenvolver estas pelos seus trabalhos, encarnando em mundos materiais, elevando-se por vidas sucessivas e inumeráveis, de degraus em degraus, desde as formas inferiores e rudimentares, até a perfeição na plenitude da existência.

Comunicação entre os vivos e os mortos: ação recíproca de uns sobre os outros; permanência das relações entre ambos os mundos; solidariedade entre todos os seres, idênticos em origem e nos fins, diferentes somente em sua situação transitória; uns, no estado de Espírito, livres no espaço, outros revestidos dum invólucro perecível, mas passando alternadamente dum estado a outro, não sendo a morte mais que um tempo de repouso entre duas existências terrestres.

Progresso infinito; Justiça eterna, sanção moral; a alma, livre em seus atos e responsável, edifica por si mesma o seu futuro; conforme seu estado moral, os fluidos grosseiros ou sutis que compõem seu perispírito e que atrai a si pelos seus hábitos e tendências, esses fluidos, submetidos à lei universal de atração e gravidade, a arrastam para essas esferas inferiores, para esses mundos de dor onde ela sofre, expia, resgata o passado, ou então a levam para esses planetas felizes onde a matéria tem menos império, onde reina a harmonia, a bem-aventurança; a alma, na sua vida superior e perfeita, colabora com Deus, forma os mundos, dirige suas evoluções, vela pelo progresso das Humanidades e pelo cumprimento das leis eternas.

Tais são os ensinamentos que o Espiritismo experimental nos traz. Não são outros senão os do Cristianismo primitivo, desprendidos das formas materiais do culto, despojados dos dogmas, das falsas interpretações, dos erros com que os homens velaram e desfiguraram a filosofia do Cristo.

A nova doutrina, revelando a existência dum mundo oculto, invisível, tão real, tão vivo como o nosso, abre ao pensamento humano horizontes diante dos quais ele hesita ainda porque fica atônito e deslumbrado. Mas, as relações

que esta revelação facilita entre os vivos e os mortos, as consolações, as animações que daí decorrem, a certeza de que encontraremos todos esses a quem supúnhamos perdidos para sempre, de que recebemos deles os supremos ensinamentos, tudo isso constitui um conjunto de forças incalculáveis, de recursos morais que o homem não pode esquecer ou desprezar sem incorrer em penas.

Entretanto, apesar do grande valor desta doutrina, o homem do século, profundamente céptico, imbuído de preconceitos, não lhe teria ligado importância se os fatos não viessem corroborá-la. Para abalar o espírito humano, superficial, indiferente, eram precisas as manifestações materiais, estrondosas. Eis por que, cerca do ano 1850, em meios diferentes, móveis de toda a espécie foram agitados, soaram fortes pancadas nas paredes, corpos pesados se deslocaram, assim contradizendo as leis físicas conhecidas; mas, após essa primeira fase grosseira, os fenômenos espíritas tornaram-se cada vez mais inteligentes. Os fatos psíquicos (do grego *psyché*, alma;) sucederam às manifestações de ordem física; médiuns escreventes, oradores, sonâmbulos, curadores, se revelaram, recebendo mecânica ou intuitivamente inspirações cuja causa estava acima deles; aparições visíveis e tangíveis se produziram, e a existência dos Espíritos tornou-se incontestável para todos os observadores que não estavam obcecados por idéias preconcebidas.

Assim apareceu à Humanidade a nova doutrina, apoiada, por um lado, nas tradições do passado, na universalidade dos princípios que se encontram na origem de todas as religiões e da maior parte das filosofias; pelo outro, nos inumeráveis

testemunhos psicológicas, nos fatos observados em todos os países, por homens de todas as condições.

Coisa notável: esta ciência, esta filosofia nova, simples e acessível a todos, livre de todos os aparatos e formas de culto, esta ciência apresenta-se mesmo na ocasião propícia, em que as velhas crenças se enfraquecera e se esboroam, no momento em que o sensualismo se espalha qual praga imensa, quando os costumes se corrompem e os laços sociais se afrouxam, quando o velho mundo erra em aventuras, sem freio, sem ideal, sem lei moral, como um navio privado de leme, flutuando a matroca.

Qualquer observador refletido não desconhecerá que a sociedade moderna atravessa uma crise temerosa. Profunda decomposição a corrói surdamente. O amor do lucro, o desejo dos gozos, tornam-se dia por dia mais aguçados, mais ardentes. Deseja-se possuir a todo o custo. Todos os meios são bons para se adquirir o bem-estar, a fortuna, único alvo que julgam digno da vida. Tais aspirações só poderão produzir estas conseqüências: o egoísmo inexorável dos felizes, o ódio e o desespero dos infelizes. A situação dos pequenos, dos humildes, é dolorosa; e estes, muitas vezes atirados às trevas morais, onde não vislumbram uma consolação, buscam no suicídio o termo de seus males. Por uma progressão gradual, o número dos suicidas, que no ano de 1830 era de 1.500, calculando-se só os da França, foi-se elevando cada vez mais até atingir atualmente mais de 8.000.

O espetáculo das desigualdades sociais, os sofrimentos de uns em oposição às alegrias aparentes, às satisfações sensuais, à indiferença de outros; esse espetáculo atíça no coração dos deserdados um ódio ardente. A reivindicação dos bens materiais já se acentua. Organizem-se essas massas

enormes de entes humanos, levantem-se, e o velho mundo será abalado por convulsões terríveis.

A Ciência é impotente para conjurar o mal, erguer os caracteres, curar as feridas dos combatentes da vida. Na verdade, as ciências da época apenas tratam de assuntos superficiais da Natureza, reunindo fatos, oferecendo ao espírito humano uma soma de conhecimentos sobre o objeto que lhe é próprio. É assim que as ciências físicas se enriqueceram prodigiosamente desde meio século, mas esses trabalhos esparsos são deficientes em concatenação, unidade e harmonia. A Ciência por excelência, essa, que da série dos fatos deve remontar à causa que os produz, essa que deve ligar, unir as ciências diversas em grandiosa e magnífica síntese, fazendo despontar uma concepção geral da vida, fixar nossos destinos, desprender uma lei moral, uma base de melhoramento social, essa Ciência universal e indispensável não existe ainda.

Se as religiões agonizam, se a fé velha desaparece, se a Ciência é impotente para fornecer ao homem o ideal necessário, a fim de regular sua marcha e melhorar as sociedades, ficará tudo por isso em situação desesperada?

Não; porque uma doutrina de paz, de fraternidade e progresso, desce a este mundo perturbado e vem apaziguar os ódios selvagens, acalmar as paixões, ensinar a todos a solidariedade, o perdão, a bondade.

Oferece à Ciência essa síntese desejada, sem o que ela permaneceria estéril para sempre. Triunfa da morte e, além desta vida de provações e males, abre ao Espírito as perspectivas riosas dum progresso sem limites na imortalidade.

Diz a todos: Vinde a mim, eu vos animarei, vos consolarei, vos tornarei mais doce à vida, mais fáceis à coragem e a paciência, mais suportáveis as provas. Povoarei de bastante claridade vosso caminho escuro e tortuoso. Aos que sofrem, dou a esperança; aos que procuram, concedo a luz; aos que duvidam e desesperam, ofereço a certeza e a fé.

Diz a todos: Sede irmãos ajudai-vos, sustentai-vos na vossa marcha coletiva. Vosso alvo é mais elevado que o desta vida material e transitória, pois consiste nesse futuro espiritual que deve reunir-vos todos como membros duma só família, ao abrigo de inquietações, de necessidades e males inumeráveis. Procurai, portanto merecê-lo por vossos esforços e trabalhos!

No dia em que for compreendida e praticada esta doutrina, fonte inesgotável de consolações, a Humanidade será grande e forte. Então, a inveja

E o ódio ficarão extintos; o poderoso, sabendo que foi fraco e pode tornar a sê-lo, que a sua riqueza deve ser considerada como um empréstimo do Pai comum, tornar-se-á mais caritativo, mais afável para com seus irmãos desgraçados. A Ciência, completa, fecundada pela nova filosofia, expelirá as superstições, as trevas. Não mais haverá ateus ou cépticos. Uma fé simples, grandiosa, fraternal, se estenderá sobre as nações, fará cessar os ressentimentos, as rivalidades profundas. A Terra, desembaraçada dos flagelos que a devoram, prosseguindo sua ascensão moral, elevar-se-á cada vez mais na escala dos mundos.

Correspondência inédita de Laváter  
PREÂMBULO

No castelo grão-ducal de Pawlowsk, situado a vinte e quatro milhas de Petersburgo, onde o Imperador Paulo da Rússia passou os anos mais felizes da sua vida e que se tornou depois à residência favorita da Imperatriz Maria, sua augusta viúva, verdadeira benfeitora da Humanidade que sofre, acha-se uma seleta biblioteca, fundada por esses imperantes, na qual, entre muitos tesouros científicos e literários, encontra-se também um maço de cartas autógrafas de Laváter, que ficaram desconhecidas dos biógrafos do célebre fisiognomista.

Essas cartas são datadas de 1798 e procedentes de Zurique. Dezesseis anos antes, em Zurique e em Schaffhouse, Laváter teve ocasião de ser apresentado ao Conde e à Condessa do Norte (é este o título sob o qual o Grão-Duque da Rússia e sua esposa viajavam então pela Europa), e, de 1796 a 1800, ele dirigiu à Imperatriz Maria algumas cartas sobre os traços fisionômicos, e bem assim algumas outras sobre o futuro reservado à alma depois da morte.

Nessas cartas Laváter estabelece que a alma, depois de deixar o corpo, pode inspirar idéias a qualquer pessoa que esteja apta para receber-lhe à luz, e assim fazer-se comunicar por escrito a algum amigo que houvesse deixado na Terra, a fim de lhe dar suas instruções.

Essas cartas inéditas de Laváter foram descobertas após uma revisão que o Doutor Minzloff, diretor da biblioteca imperial de Petersburgo, ali fez. Com a autorização do proprietário atual do castelo de Pawlowsk, sua alteza imperial o Grão-Duque Constantino, e sob os auspícios do

Barão de Korff, atualmente conselheiro do império e antigo diretor-chefe da biblioteca desse castelo, que lhe deve os seus mais notáveis melhoramentos, essas cartas foram em 1858 publicadas em Petersburgo, sob o título: Johann-Kaspar Lavater's briefe, an die kaisserin Maria Feodorawna gemahlin kaisser Paul I Von Russland (cartas de João Gaspar Laváter à Imperatriz Maria Féodorawna, esposa do Imperador Paulo I da Rússia). Essa obra foi editada à custa da biblioteca imperial e oferecida em homenagem à Universidade de Iena, por ocasião do terceiro centenário da sua fundação.

A correspondência oferece um duplo interesse, por causa da alta posição das personagens às quais foi dirigida, e pela especialidade do assunto. As idéias expressas por Laváter sobre o estado da alma depois da morte aproximam-se muito das que foram emitidas pelos teósofos do seu tempo, seita essa que era abraçada por grande número de homens esclarecidos; sua concordância com a doutrina espírita moderna é um fato digno de nota.

Essas cartas provam que a crença nas relações entre o mundo material e o mundo espiritual germinava na Europa desde o fim do século XVIII, e que não somente esse célebre filósofo alemão estava convencido dessas relações, mas também (os próprios termos da sua correspondência não permitem duvidar) que tais idéias fossem partilhadas pelo imperador e pela imperatriz, pois, expondo-as, Laváter não fazia mais do que atender ao desejo que eles haviam manifestado.

Seja qual for à opinião que se forme sobre essa correspondência, ela não deixa de ser muito interessante, mesmo somente do ponto de vista histórico.

As cartas vão simultaneamente acompanhadas de notas, inseridas por nós como explicação complementar às idéias nelas emitidas, e que, aliás, estão em concordância com a doutrina espírita, que apareceu ou foi compilada muito depois dessa época.

## PRIMEIRA CARTA

### Sobre o estado da alma depois da morte IDÉIAS GERAIS

Muito veneranda Maria, da Rússia.

Dignai-vos permitir-me a liberdade de não vos dar o título de Majestade, que vos é devido pelo mundo, mas que não se harmoniza com a santidade do assunto sobre o qual desejustes ouvir-me, a fim de eu poder escrever-vos com franqueza e sinceridade.

Desejais conhecer algumas das minhas idéias sobre o estado das almas depois da morte.

Apesar do pouco que é dado ao mais douto conhecer de tal assunto, apesar de nenhum dos que têm partido para essa região (1) ignota, ter jamais voltado, o homem pensador, o discípulo dAquele que desceu até nós, pode, entretanto, dizer quanto é necessário para termos coragem, tranqüilidade e podermos refletir.

Desta vez limitar-me-ei a idéias gerais.

Penso que deve existir grande diferença entre o estado, a maneira de sentir e de pensar de uma alma separada do seu corpo material, e o estado em que se achava quando a ele ligada. Essa diferença deve ser tal, pelo menos, qual a que existe entre uma criança recém-nascida e o feto ainda no seio materno. (2 )

Ligados estamos à matéria, e é pelos órgãos desta que a alma recebe as percepções e o entendimento.

A diferença na construção dos telescópios, dos microscópios e dos óculos comuns, faz que os objetos, que por meio deles vemos, nos apareçam sob formas diferentes.

Nossos sentidos são os telescópios, os microscópios e os óculos necessários à nossa vida material.

Penso que o mundo visível deve ser perfeitamente penetrável para a alma separada do corpo, assim como ele o é durante o sono, ou por outra, o mundo em que a alma estava durante sua existência corpórea, deve aparecer-lhe sob outro aspecto, quando ela se desmaterializa. Se, durante algum tempo, a alma pudesse estar sem corpo, o mundo material não existiria para ela. Se, porém, imediatamente depois de haver deixado o corpo, ela se reveste de um corpo espiritual (3), extraído do seu corpo material (o que me parece muito verossímil), o novo corpo dar-lhe-á, forçosamente, uma diferente percepção das coisas.

Se, como pode suceder às almas impuras, o novo corpo permanecesse durante algum tempo imperfeito e pouco desenvolvido, todo o Universo apareceria à alma em estado confuso e turvo, como se fosse através de um nevoeiro. (4)

Se, porém, o corpo espiritual, o condutor, o intermediário de suas novas impressões, for ou vier a ser mais aperfeiçoado ou mais bem organizado, o mundo da alma lhe aparecerá mais belo e regular, de acordo sempre com a natureza ou as qualidades de seus novos órgãos e com o grau de sua perfeição.

Os órgãos se simplificam, adquirem entre si harmonia e são mais apropriados à natureza, caráter, necessidades e forças da alma, à medida que esta se concentra, se enriquece

e se purifica no mundo material, visando um único objetivo e obrando num determinado sentido.

A alma aperfeiçoa em sua existência material as qualidades do corpo espiritual, veículo este com que continuará a existir depois da morte do corpo material, e pelo qual conceberá, sentirá e ostrará em sua nova existência. (5 )

Esse novo corpo, apropriado à sua natureza íntima, fará a alma mais pura e amante, mais viva e apta às belas sensações, impressões, contemplações, ações e gozos.

Tudo o que se pode, e tudo o que alias não se pode ainda dizer sobre o estado da alma depois da morte, será sempre fundado neste axioma permanente e geral: o homem colhe o que houver plantado. (6)

Difícil seria encontrar um princípio mais simples, mais claro, mais abundante e próprio para ser aplicado a todos os casos possíveis.

Existe uma lei geral da Natureza, estreitamente ligada e mesmo identificada com o princípio que acabo de mencionar, relativamente ao estado da alma depois da morte, uma lei que rege todos os mundos e todas as condições possíveis, tanto no mundo visível, como invisível, a saber: - tudo o que se assemelha tende a reunir-se, tudo o que é idêntico se atrai reciprocamente, desde que não haja obstáculos que se oponham a essa união. Toda a doutrina sobre o estado da alma depois da morte baseia-se neste princípio: - tudo o que vulgarmente chamamos juízo prévio, compensação, felicidade suprema, condenação, pode ser explicado deste modo: - se tiveres semeado o bem em ti mesmo e nos outros, fora de ti, pertencerás à sociedade daqueles que, como tu, semearam o bem em si e fora de si;

gozarás a estima daqueles a quem te assemelhaste na maneira de fazer o bem.

Cada alma, separada do seu corpo, livre das prisões da matéria, se apresenta a si própria tal como é na realidade. (7)

Todas as ilusões, todas as seduções que a impediam de ver e reconhecer suas forças, suas fraquezas ou suas faltas desaparecerão nesse novo estado. Assim, ela manifestará irresistível tendência a dirigir-se para as almas que lhe estão em afinidade e a afastar-se das que lhe são dessemelhantes. Seu peso intrínseco, como que obedecendo à lei de gravitação, atrai-la-á aos abismos insondáveis (ao menos isso assim lhe parece), ou, segundo o seu grau de força, lança-la-á, qual chispa por sua ligeireza, aos ares e ela passará rapidamente às regiões luminosas, fluídicas, etéreas.

A alma, por seu senso íntimo, conhece o seu próprio peso e é este, ou seu estado de progresso, que a impele para diante, para trás ou para os lados, e seu caráter moral ou religioso é que lhe inspira certas tendências particulares.

O bom Espírito elevar-se-á para os bons; será atraído para eles em virtude da necessidade que sente do bem.

O perverso ou mal será forçosamente empurrado (8) para os perversos ou maus. A descida precipitada das almas grosseiras, imorais e irreligiosas para as que se lhes assemelham, será tão rápida e inevitável como a queda do junco num abismo onde nada o detém.

Basta por hoje.

Zurique, 14 de agosto de 1796.

João Gaspar Laváter

(Com a permissão de Deus, escrever-vos-ei sobre este assunto, de oito em oito dias.)

## SEGUNDA CARTA

As necessidades experimentadas pelo Espírito durante o seu desterro no corpo material, ele continua a senti-las depois de o abandonar. (9)

A felicidade para ele consistirá na satisfação dessas necessidades; a condenação resulta da impossibilidade de satisfazer seus apetites carnis no mundo espiritual, onde então se acha.

Tais necessidades constituem-lhe uma condenação, pois somente ficaria satisfeita se pudesse saciá-las.

Eu quisera poder dizer a toda a gente: analisa o caráter de tuas necessidades, dá-lhes o verdadeiro nome, e depois pergunta a ti mesmo: serão tais vícios admissíveis no mundo espiritual? Podem achar em tal mundo sua legítima satisfação? E, caso possam ser aí saciados, serão eles, porventura, daqueles que o Espírito imortal não sinta profunda vergonha em confessar honrosamente que os tem e deseja satisfazê-los à face dos outros seres espirituais e imortais como ele?

A necessidade de satisfazer aspirações espirituais de outras almas imortais, de procurar os puros gozos da existência, de inspirar a certeza da continuação da vida depois da morte, de cooperar, por esse meio, no grande plano da sabedoria e do amor supremos, o progresso adquirido por essa nobre atividade, tão digna como o desejo desinteressado do bem, permitem às almas a aptidão e o direito de serem

recebidas nos grupos ou círculos de Espíritos os mais elevados, os mais puros, os mais santos.

Quando tivermos, ó veneranda senhora, a íntima persuasão de que a necessidade mais natural que pode nascer numa alma imortal é a de aproximar-se cada vez mais de Deus e de assemelhar-se ao Pai de todas as criaturas, quando essa necessidade predominar em nós, oh! então nenhum receio deveremos nutrir a respeito do nosso futuro, ao ficarmos despojados do corpo, essa espessa muralha que nos oculta o Criador.

Esse corpo material que nos separa dEle, será decomposto e o véu que nos tolhia a vista do mais Santo dos santos, será rasgado. o ser adorável, a quem amávamos sobre todas as coisas, terá então, com suas esplendorosas graças, livre entrada em nossa alma, sedenta dEle, e que então o receberá com alegria e amor.

Desde que o amor de Deus seja o maior de nossa alma, esta, por obra dos esforços empregados para se aproximar e se assemelhar a Ele em seu amor vivificante da Humanidade, essa alma, desembaraçada do seu corpo, passando sucessivamente por muitos graus para aperfeiçoar-se cada vez mais, subirá com assombrosa velocidade até ao objeto de sua mais profunda veneração e de seu amor ilimitado, até ao inesgotável manancial, único que poderá satisfazer todas as necessidades e aspirações.

Nenhuma vista débil, enferma ou coberta de névoa, poderá fixar-se no Sol; do mesmo modo, nenhum Espírito impuro envolto na névoa formada por uma vida exclusivamente material, poderá, embora libertado do corpo, suportar a vista do mais puro sol dos Espíritos em sua esplendorosa luz, não poderá ver esse foco de que partem

raios de luz e de sentimentos infinitos, que penetram todos os recessos da criação.

Quem melhor do que vós, senhora, sabe que os bons são atraídos para os bons? Que só as almas elevadas sabem gozar da presença de outras almas delicadas?

Quem for conhecedor da vida e dos homens, esse que muitas vezes se tem encontrado na sociedade com adutores pouco recatados, com efeminados e pessoas sem caráter, pressurosas sempre em fazer sobressair à palavra mais insignificante, a menor alusão, para mendigarem favores, quem conhecer os hipócritas que buscam cuidadosamente penetrar o pensamento dos outros para interpretá-los em sentido contrário ao verdadeiro; esse homem superior, digo, deve saber como e quanto essas almas vis e escravas se sentem subitamente feridas e trespassadas por uma simples palavra pronunciada com firmeza e dignidade, e como ficam elas confundidas ante um olhar severo que lhes faça sentir que são conhecidas e julgadas pelo seu justo valor.

Quão penoso lhes é então suportar a presença de um homem honrado!

Nenhuma alma vil e hipócrita pode sentir-se bem ao contacto de uma alma nobre e enérgica, que lhe penetrou os sentimentos.

A alma impura, que deixou o corpo, deve, por sua natureza íntima, como que atuada por força oculta e invencível, fugir à presença de todo ser puro e luminoso, a fim de lhe ocultar, tanto quanto for possível, as imperfeições que não pode esconder a si e às suas iguais.

Ainda que não estivesse escrito: "ninguém poderá ver o Senhor sem estar purificado", esta idéia permanece na ordem natural das coisas.

Uma alma impura está naturalmente colocada em condições de não poder entreter relações com uma alma pura, e mesmo de não poder ter simpatia por ela.

Uma alma que teme a luz não pode, pela mesma razão, ser atraída para o manancial da luz. A claridade sem mescla de trevas deve abrasá-la como um fogo devorador.

E quais são, senhora, as almas a que chamamos impuras? Creio que são aquelas em quem nunca despontou o desejo de purificar-se, de corrigir-se, de aperfeiçoar-se. Creio que são aquelas que jamais se curvaram ao elevado princípio do desinteresse, aquelas que se constituíram o centro único de todos os seus desejos e de todas as suas idéias, aquelas que se consideram o objetivo de tudo o que existe e que somente procuram o meio de satisfazer suas paixões e seus sentidos, aquelas, enfim, em quem dominam o orgulho, o egoísmo, o amor-próprio, o interesse pessoal e querem, ao mesmo tempo, servir a dois senhores que se contradizem.

Semelhantes almas devem encontrar-se, depois da sua separação do corpo, segundo me parece, no miserando estado de uma horrível contemplação de si mesmas, ou, o que vale o mesmo, sentem reciprocamente um profundo desprezo por si, e serão arrastadas por uma força irresistível para a esmagadora sociedade de outras almas egoístas. (10)

O egoísmo, pois, é que produz a impureza da alma e acarreta o sofrimento.

O egoísmo é combatido por alguma coisa de puro e divino que existe na alma: - o sentimento moral.

Sem esse sentimento, o homem seria incapaz de qualquer gozo moral, da estima ou do desprezo de si mesmo, da esperança ou do temor da vida futura. Essa luz divina é que lhe faz insuportável toda a obscuridade que existe em si, e eis aí a razão pela qual as almas delicadas, que possuem o senso moral, sofrem cruelmente, quando o egoísmo se apodera delas e as domina.

Da concordância e da harmonia que se estabelece no homem, entre ele mesmo e sua lei íntima, dependem sua pureza, sua aptidão para receber a luz, sua ventura, seu céu e seu Deus, que então lhe aparece assemelhando-se a ele próprio.

Aquele que sabe amar, Deus aparece como o supremo amor sob mil formas amantes (11), e seu grau de felicidade ou de aptidão para fazer ditosos aos outros, são proporcionais ao princípio de amor que ele sente.

Aquele que ama sem interesse, vive em harmonia com o manancial de todo o amor, e com todos os que nele bebem.

Procuremos, pois, senhora, conservar em nós o amor em toda a sua pureza, e seremos sempre atraídos para as almas amorosas.

Purifiquemo-nos progressivamente das máculas do egoísmo, porque, quando tenhamos de abandonar este mundo, devolvendo a terra nosso invólucro mortal, nossa alma tomará seu vôo com a velocidade do raio, até alcançar o modelo de todos os que amam e unir-se a ele com inefável alegria.

Nenhum de nós pode saber qual será a sorte da alma depois da morte do corpo; entretanto, estou plenamente convencido de que, depois de rotos os laços da matéria, o amor purificado deve necessariamente dar ao nosso Espírito

uma existência feliz, um gozo contínuo de Deus e um poder ilimitado para fazer ditosos todos os que são aptos para a felicidade.

Oh! quão incomparável é a liberdade moral do Espírito despojado do corpo! Com que ligeireza o Espírito do bem, rodeado de clara luz, efetua a sua ascensão! A ciência e o poder de comunicar com os outros são seu patrimônio! Que luz emite de si! Que vida se irradia de todo o seu ser!

As mais límpidas claridades aparecem de todos os lados, a fim de satisfazerem suas necessidades mais puras e elevadas! Legiões numerosas de bons Espíritos o recebem em seu seio. Vozes harmoniosas, radiantes de amor e de alegria lhe dizem: Espírito de nosso Espírito, coração de nosso coração, amor saído da fonte de todo o amor, alma do bem, tu nos pertences e nós somos teus! Cada um de nós te pertence, e tu pertences a cada um de nós. Deus é amor e está conosco. Somos cheios da Divindade e o amor encontra sua felicidade na felicidade de todos.

Desejo ardentemente, venerada senhora, que vós e vosso nobre e generoso esposo, o imperador, tão inclinados um e outro ao bem, possais, do mesmo modo que eu, nunca ser estranhos ao amor que é Deus, e homem ao mesmo tempo, e que seja concedido nos purificarmos por nossas obras, nossas orações e nossos sofrimentos, acercando-nos mais e mais dAquele que se deixou elevar na cruz do Gólgota.

Zurique, 18 de agosto de 1798.

João Gaspar Laváter

(Brevemente receberéis minha terceira carta.)

TERCEIRA CARTA

Veneranda senhora.

Despojado do corpo, cada Espírito será afetado pelo mundo exterior de um modo correspondente ao seu estado de adiantamento, isto é, tudo lhe aparecerá tal qual ele é em si mesmo.

Tudo parecerá bom à alma boa, o mal só existirá para as almas perversas. Os bons Espíritos se acercarão das almas bondosas, os maus atrairão a si as naturezas ruins. Cada alma se refletirá nas que se lhe assemelham.

O bom Espírito torna-se melhor e será recebido no círculo dos seres que lhe são superiores. O santo far-se-á mais santo, pela simples contemplação de

Espíritos mais puros e santos do que ele. O Espírito amante aumentará ainda em amor.

Do mesmo modo, o perverso far-se-á ainda pior (12), pelo simples contacto de outros seres inclinados ao mal.

Se, mesmo na Terra, nada há mais contagioso do que a virtude e o vício, que o amor e o ódio; da mesma forma, além-túmulo, toda perfeição moral ou religiosa, todo sentimento imoral ou irreligioso devem, necessariamente, fazer-se mais e mais atraentes.

Vós, virtuosa senhora, sereis toda amor no círculo das almas benévolas. Quanto a mim, o que me sobrar de egoísmo, de amor-próprio, de falta de energia para tornar conhecido o reino e os desígnios de Deus, será abafado pelo sentimento do amor, se este em mim predominar, e assim me purificarei cada vez mais pela presença e contacto de Espíritos puros e amorosos.

Purificando-nos pelo instinto do amor, que desde a vida terrena vai exercendo sua ação, purificando-nos ainda mais

pelo contacto e pela irradiação de Espíritos puros e elevados, nos prepararemos gradualmente para suportar à vista direta do perfeito Amor, que não nos deslumbrará então, nem impedirá de o gozarmos em toda a sua plenitude.

Mas, como poderia um simples mortal fazer uma idéia da contemplação desse amor personificado? E tu, caridade inesgotável! como poderias aproximar-te de quem bebe em ti o amor, sem que por esse fato ficássemos aniquilados ou deslumbrados?

Creio que, a princípio, o amor se manifestará invisivelmente ou sob uma forma desconhecida.

Não é assim que tem sempre sucedido? Quem mais invisivelmente amou do que Jesus? Quem melhor do que ele sabia representar a individualidade incompreensível do desconhecido? Quem poderia saber tomar formas melhor apropriadas? E ele podia fazer-se conhecer melhor do que ninguém, ou mesmo, mais do que nenhum outro Espírito imortal!

Ele, o adorado de todos os céus, veio sob a forma de modesto trabalhador, e conservou-se, até à morte, na individualidade de um nazareno. Logo após a ressurreição, Jesus se revelou primeiramente sob uma forma desconhecida, e, só depois de algum tempo, é que se mostrou de um modo mais evidente. Creio que ele conservará sempre esse modo de ação, tão análogo à sua natureza, à sua sabedoria, ao seu amor. Foi assim que o Cristo fez sua aparição a Maria Madalena, sob a forma de um jardineiro, no momento em que ela o buscava e desesperava de o encontrar. A princípio, ela só vê o jardineiro, para reconhecer depois, sob esta forma, o amoroso Jesus. Foi assim que ele se apresentou também a dois de seus

discípulos que caminhavam a seu lado e se sentiam influenciados por ele. Muito tempo caminharam juntos, sentindo os corações se lhes abrasarem em doce chama, o que denunciava a presença de um ser puro e elevado; só o reconheceram no momento de partir o pão, e quando, na mesma noite, tornaram a vê-lo em Jerusalém (13). O mesmo aconteceu nas margens do lago Tiberíade, quando, irradiando em sua deslumbrante glória, apareceu a Paulo. Como são sublimes e comoventes todas as ações do Senhor, todas as suas palavras e todas as suas revelações!

Tudo segue marcha incessante que, impelindo todas as coisas para diante, faz que nos aproximemos de um objetivo que, alias, não é o final. Cristo é o herói, é o centro, a principal personagem, tão depressa visível nesse drama imenso de Deus, admiravelmente simples e complicado ao mesmo tempo, que não terá jamais fim, embora pareça mil vezes terminado. Ele parece desconhecido na existência de cada um dos seus adoradores. Mas, como poderia esse manancial de amor recusar aparecer ao ente que o ama, justamente na ocasião em que mais necessidades tem dele? Tu, ó Cristo! és mais humano que os homens! Tu aparecerás aos homens pelo modo mais caridoso! Oh! sim, tu aparecerás à alma bondosa a quem escrevo e também te manifestarás a mim e te tornarás conhecido. Ver-te-emos uma infinidade de vezes, sempre diferente e sempre o mesmo, e, à medida que nossa alma melhorar, te veremos sempre mais formoso, porém nunca pela última vez.

Elevemos os nossos pensamentos com esta idéia consoladora, que procurarei, com o auxílio de Deus, esclarecer mais amplamente em minha próxima carta, e

torná-la compreensível por meio da comunicação de um defunto.

Zurique, 14 de setembro de 1798.  
João Gaspar Laváter

#### QUARTA CARTA

Em minha última mensagem, venerável senhora, prometi enviar-vos a carta que um defunto escreveu a um amigo, habitante da Terra, e essa carta, melhor do que eu poderá agora esclarecer as minhas idéias sobre o estado de um cristão depois da morte do corpo. Tomo, portanto, a liberdade de vo-la enviar.

Julgai-a sob o ponto de vista que vos indiquei e tende a bondade de fixar vossa atenção mais sobre o seu assunto principal, do que sobre as minúcias particulares, embora tenha eu poderosas razões para supor que essas minúcias encerram verdades.

Para melhor inteligência das matérias que me proponho expor, julgo ser necessário fazer-vos notar que tenho quase a certeza de que, apesar da existência de uma lei geral, eterna e imutável, de castigo e felicidade, cada Espírito, segundo seu caráter, não só moral e religioso, mas também pessoal e oficial, terá de sofrer penas depois da morte do corpo, ou gozará de felicidades apropriadas às suas qualidades.

A lei geral se individualizará para cada um em particular, isto é, produzirá em cada ser um efeito diferente e pessoal, assim como a luz que, atravessando um vidro de cor,

côncavo ou convexo, se espalha em diversos raios com a cor e a direção desse vidro.

Eu desejaria ver aceito como princípio isto embora todos os Espíritos, felizes ou não, estejam sob a ação da lei das afinidades, é, contudo presumível que o seu caráter substancial, pessoal ou individual, lhes dê um gozo ou sofrimento essencialmente diversos de um para outro Espírito.

Cada qual sofre de um modo especial, diferente do sofrimento dos outros, ou experimenta gozos que nenhum outro pode sentir. (14)

Essa idéia, que julgo verdadeira, serve de fundamento às seguintes comunicações, dadas por Espíritos desencarnados a seus amigos da Terra.

Folgaria que compreendêsseis, senhora, como cada homem, pela formação do seu caráter pessoal e pelo aperfeiçoamento da sua individualidade, pode preparar-se para gozos especiais e para uma felicidade particularmente sua.

Como essa felicidade, apropriada a cada indivíduo, é a que todos os homens procuram ou olvidam, embora todos tenham a possibilidade de a alcançar e gozar, tomo a liberdade, veneranda senhora, de vos rogar com insistência que vos digneis analisar atentamente esta idéia, pois certamente não a julgareis inútil à vossa edificação e elevação para Deus.

Deus se colocou e igualmente dispôs o Universo no coração de cada ser humano.

Todo homem é um espelho particular do Universo e do seu Criador. Empreguemos, pois, todo o nosso esforço em

conservar esse espelho tão puro quanto possível, para que Deus possa ver-se refletido na sua bela criação.

Zurique, 14 de setembro de 1798.  
João Gaspar Laváter

Carta de um defunto a seu amigo, habitante da Terra,  
sobre o estado dos Espíritos desencarnados.

Foi afinal permitido, querido amigo, satisfazer, ainda que só em parte, o desejo que eu tinha e também partilhavas, de comunicar-te alguma coisa sobre o meu estado atual.

Desta vez só poderei dar-te alguns pormenores, e, depois, tudo dependerá do uso que fizeres de minhas comunicações.

Sei que muito grande é o desejo que nutres de saber notícias minhas e, em geral, do estado dos Espíritos desencarnados; mas, não é menor a minha vontade de dar-te a conhecer tudo quanto for possível neste sentido. (15)

O poder de amar, compatível ao ser humano no mundo material, avoluma-se de um modo extraordinário quando ele passa a viver no mundo espiritual. Com o amor, aumenta-se proporcionalmente o desejo de transmitir, às pessoas que conheceu na Terra, tudo o que lhe é permitido.

Começo por explicar, meu bem-amado, qual o meio por que me é dado escrever-te sem tocar o papel, sem conduzir a pena, ou mesmo, como posso falar-te numa língua que aí não compreendia. (16) Basta isto para fazeres uma idéia aproximada do nosso estado presente.

Imagina que o meu estado atual, em relação àquele que tinha na Terra, é pouco mais ou menos como o da borboleta que, depois de abandonar o casulo da lagarta, fica voejando nos ares. Sou, portanto, essa lagarta transformada, emancipada, depois de passar por duas fases. E, assim, voamos algumas vezes, porém nem sempre, ao redor das cabeças dos homens.

Uma luz invisível aos mortais, conquanto visível a alguns, brilha e irradia-se docemente do cérebro de todo homem bom, amante e religioso. A auréola que imaginaste para os santos é essencialmente verdadeira e racional. Essa luz torna feliz todo ser humano que a possui, pois ela se combina com a nossa em laços de simpatia, e segundo o grau de claridade que lhe for correspondente.

Nenhum Espírito impuro pode ou ousa aproximar-se dessa luz santa. Por meio dela, pode-se perscrutar facilmente as almas, a fim de serem lidas ou vistas em toda a sua realidade. Assim, cada pensamento que parte dos seres humanos é para nós uma palavra e às vezes um completo discurso.

Respondemos aos seus pensamentos, porém eles ignoram que somos nós que estamos falando. Sopramos idéias que, sem o nosso concurso, eles não poderiam conceber, embora lhes fossem inatas à disposição e a aptidão para recebê-las.

O homem digno de receber a luz torna-se deste modo um instrumento útil para o Espírito simpático que a deseja comunicar.

Encontrei um Espírito, ou antes, um homem acessível à luz, do qual me pude aproximar, e é por seu órgão que me dirijo a ti (17). Sem sua mediação, impossível seria entender-me contigo verbalmente, palpavelmente, ou mesmo por

escrito. Recebes por este modo uma carta anônima da parte de um homem que não conheces, porém que alimenta em si grande tendência para as coisas ocultas e espirituais. Pouso sobre a fronte dele, da mesma forma que o mais divino de todos os Espíritos pousou sobre a fronte do mais divino de todos os homens, no ato do seu batismo; suscito idéias e ele as descreve sob a minha inspiração, sob a minha direção, por efeito de minha irradiação (18). Por ligeiros toques, faço vibrar as cordas de sua alma, de um modo conforme com a sua individualidade e com a minha. As minhas idéias tornam-se suas, e, assim, ele se considera ditoso em escrever o que eu desejo, sente-se mais livre, mais animado, mais rico de idéias, julga viver e pairar num elemento mais alegre e claro anda como um amigo pela mão de outro amigo, e deste modo é que te foi dado receber uma carta minha. Quem a escreve se considera livre e realmente o é, pois nenhuma violência sofre, são como dois amigos que, de braço dado, se assistem reciprocamente.

Deves sentir que meu espírito se encontra em relação direta com o teu, concebes o que te digo e compreendes os meus mais íntimos pensamentos. Basta por esta vez.

O dia em que inspirei esta carta se c entre vós.

Dê 15 de setembro de 1798.

## QUINTA CARTA

Muito veneranda senhora.

Temos nova carta chegada do mundo invisível. Para o futuro, se Deus o permitir, as comunicações serão mais freqüentes.

Esta carta contém uma pequeníssima parte daquilo que se pode dizer a um mortal sobre a aparição e visão do Senhor, que se apresenta simultaneamente e sob milhões de formas, a miríades de seres que povoam os mundos, multiplicando-se infinitamente ante suas inumeráveis criaturas, ou individualizando-se oportunamente ante cada uma delas em particular.

A vós, senhora, ao vosso espírito de luz, ele se mostrará um dia, como se apresentou a Maria Madalena no jardim do sepulcro.

De sua boca divina ouvireis chamar por vosso nome: Maria! - Rabi! respondereis imediatamente, penetrada do mesmo sentimento de suprema felicidade, qual o teve Madalena, e então, cheia de admiração, como o apóstolo Tomé, dir-lhe-eis: Meu Senhor e meu Deus!

Apressemo-nos em atravessar a noite das trevas para chegarmos à luz - passemos por esses desertos para entrarmos na terra prometida - suportemos as dores desta existência para aparecermos na verdadeira vida.

Que Deus seja com o vosso espírito.  
Zurique, 13 de novembro de 1798.

João Gaspar Laváter

Carta de um Espírito bem-aventurado a seu amigo, da  
Terra, sobre a primeira visão do Senhor

Querido amigo.

Das mil coisas a respeito das quais desejara falar-te, apenas me ocuparei por esta vez de uma única, que te interessará mais do que todas as outras.

Para isso foi mister licença especial, pois os Espíritos nada podem fazer sem permissão. (19)

Vivem exclusivamente na vontade do Pai Celestial, que transmite suas ordens a milhões de seres como se fossem um só, e responde instantaneamente a uma infinidade de matérias, aos milhões inumeráveis de criaturas que se dirigem a Ele.

Como te farei compreender o modo pelo qual cheguei a ver o Senhor?

Oh! foi muito diferente daqueles que vós os mortais podeis imaginar.

Depois de muitas aparições, instruções, explicações e gozos, que me foram concedidos por graça do Senhor, atravessei uma região bem-aventurada ou éden, em companhia de outros Espíritos que já se haviam elevado pouco mais ou menos ao mesmo grau de perfeição que eu.

Ao lado uns dos outros, em doce e agradável harmonia, formando como que uma leve nuvenzinha, gozávamos o mesmo sentimento de atração, a mesma propensão para um alvo elevadíssimo e passeávamos por aquele sítio encantador. Ligávamo-nos cada vez mais uns aos outros, e, à medida que nos adiantávamos, nos sentíamos mais íntimos, mais livres, mais alegres, mais aptos para gozar, e dizíamos: Oh! como é bom e misericordioso Aquele que nos criou!

Aleluia ao Criador! O Amor é que nos criou! Aleluia ao Amor!

Animados por tais sentimentos, seguimos nosso vôo e paramos ao pé de uma fonte. Ali, sentimos que alguém anunciava a sua presença como que pelo roçar de uma leve brisa: era um ser angélico e nele havia alguma coisa imponente que atraiu nossa atenção. Uma luz deslumbrante, até certo ponto semelhante à dos Espíritos bem-aventurados, nos inundou. Este é também dos nossos, pensamos simultaneamente e como por intuição. Então desapareceu a luz e no mesmo instante nos pareceu que estávamos privados de alguma coisa.

Que ser tão belo, dissemos, que donaire majestoso e ao mesmo tempo em que graça tão infantil! Que doçura e que majestade!

Enquanto assim falávamos, uma forma graciosa, emergindo de deliciosa ramagem, apareceu-nos de repente e dirigiu-nos afetuosa saudação.

Nenhuma semelhança havia entre a precedente aparição e o recém-vindo, pois este tinha alguma coisa de superiormente elevado e, ao mesmo tempo, inexplicável.

- Sede bem-vindos, irmãos! - disse ele, e então respondemos: - Bem-vindo sejas tu, bendito do Senhor! O céu se reflete em tua face e dos teus olhos se irradia o amor de Deus.

- Quem sois? - perguntou o desconhecido. '- Somos alegres adoradores do Amor todo-poderoso - respondemos.

- Quem é o Amor todo-poderoso? - redargüiu ele com sua inimitável graça.

- Não conheces então o Amor todo-poderoso? - lhe repliquei eu por todos.

- Conheço-o, em verdade - disse o desconhecido com voz cada vez mais melíflua.

- Ah! se dignos fôssemos de vê-lo, de ouvir sua voz! Mas não nos consideramos bastante purificados para contemplar diretamente a mais santa pureza!

A estas palavras, ouvimos atrás de nós soar uma voz que nos disse: "Estais purificados e lavados de toda a mácula. Estais declarados justos por Jesus-Cristo e pelo espírito de Deus vivo!" Uma felicidade inexplicável se apossou de nós e no mesmo instante desejamos volver para o sítio donde vinha aquela voz, a fim de adorarmos de joelhos o nosso invisível interlocutor.

Que sucedeu! Cada um de nós ouviu instantaneamente um nome que nunca ouvíramos pronunciar, e cada um compreendeu e reconheceu que era seu nome que fora designado pela voz do desconhecido.

Esponaneamente, com a velocidade do raio, todos, como um só, nos voltamos para o adorável interlocutor, e, então, ele assim nos falou com indizível graça: "Encontrastes o que procuráveis. Quem me vê, vê o Amor todo-poderoso. Conheço os meus e os meus me conhecem. Dou às minhas ovelhas a vida eterna e elas não perecerão na eternidade. Ninguém poderá arrancá-las das minhas mãos e das mãos de meu Pai, pois Ele e eu somos um".

Como explicar-te, por palavras, a doce, suprema felicidade de que nos sentimos possuídos quando ele, que a cada momento se fazia mais luminoso, mais gracioso e mais sublime, estendeu-nos seus braços e pronunciou estas palavras, que soarão eternamente para nós, sem que haja poder algum capaz de apagá-las de nossos ouvidos e de

nossos corações: "Vinde, eleitos de meu Pai; tomai posse do reino que vos foi designado desde o princípio dos séculos."

Depois abraçou-nos simultaneamente e desapareceu.

Ficamos silenciosos e sentimo-nos estreitamente unidos por toda a eternidade, fundimo-nos suavemente na verdadeira felicidade. O Ser Infinito veio unificar-se conosco e, ao mesmo tempo, tornou-se nosso todo, nosso céu, nossa vida em sua mais real expressão. Mil novas vidas pareciam animar-nos. Nossa existência anterior desvaneceu-se; estávamos como que nascendo para uma vida nova, prelibando a imortalidade, isto é, havia em nós uma superabundância de vida e de forças que traziam consigo o selo da imortalidade. Por fim recobramos a voz. Ah! se eu pudesse comunicar-te, mesmo que fosse somente diminuta, parte da nossa entusiástica adoração!

Deus existe! Nós existimos! Por si, só Ele é tudo! Seu ser é vida e amor! O que vê, vive e ama, é inundado dos eflúvios da imortalidade e do amor que são emitidos de sua divina face.

Vimos-te, ó todo-poderoso Amor! Tu te manifestaste aos nossos olhos sob a forma humana, tu, Deus dos deuses, e, entretanto, não foste Homem nem Deus, tu Homem-Deus! Só te revelaste como amor, e te mostraste todo-poderoso somente como amor! Tu nos sustentas por tua onipotência para impedir que a força de teu amor, embora suavizado, nos absorva!

És tu a quem glorificam os céus, tu, oceano de bem-aventurança e onipotência, tu, que encarnado entre os homens vieste regenerá-los e que, derramando teu sangue, suspenso da cruz, te revelaste humano?

Oh! sim, és tu! glória de todos os seres! Ser, diante de quem se inclinam todas as naturezas que desaparecem à tua vista para serem chamadas a viver em ti!

Da tua irradiação desperta-se a vida em todos os mundos, do teu peito desprende-se o amor! Tudo isto, querido amigo, é apenas uma pequeníssima migalha, caída da farta messe das inefáveis felicidades com que me alimentei então. Aproveita essas minhas comunicações e bem depressa outras te serão dadas. Ama e serás amado, pois só o amor pode fazer a felicidade. Oh! Querido amigo é pelo amor somente que me posso aproximar de ti, comunicar contigo e mais depressa conduzir-te ao manancial da vida.

Deus e o Céu vivem no amor, como vivem na face e no coração de Jesus-Cristo.

Segundo a vossa cronologia terrestre, escrevo esta a 13 de novembro de 1798.

Makariosenagape (20)

## SEXTA CARTA

Venerável senhora.

Mais uma carta acaba de chegar do mundo invisível.

Oxalá possa esta, como as precedentes, produzir em vossa alma salutar efeito.

Aspiremos, sem cessar, a uma íntima comunicação com o amor mais puro que se tem manifestado ao homem e está glorificado em Jesus, o nazareno.

Nossa felicidade futura está em nossas mãos, desde que nos é concedida à graça de compreender que só o amor nos pode dar suprema ventura, e que somente a fé no amor

divino faz nascer em nossos corações o sentimento que nos torna felizes eternamente: fé que desenvolve, purifica e completa a nossa aptidão para amar.

Muitas teses me faltam desenvolver. Procurarei, pois, acelerar a que já comecei a expor-vos e considerar-me-ei ditoso se puder ocupar agradável e utilmente alguns momentos da vossa preciosa existência.

Zurique, 16 de dezembro de 1798.

João Gaspar Laváter

Carta de um defunto a seu amigo, sobre as relações que existem entre os Espíritos e os seres que foram por eles amados na Terra.

Meu querido.

Estimulado por nobre curiosidade de saber, vi mil coisas que muito falaria de fazer-te conhecidas; entretanto, apenas posso falar-te de uma, porque mais do que isso não depende de mim, absolutamente.

Minha vontade, já te disse, depende dAquele que é a suprema sabedoria. Minhas relações contigo têm por único fundamento o amor.

A divina sabedoria e o amor dos homens, enchendo-nos, a mim e a meus mil vezes associados, dum felicidade que continuamente se torna mais elevada e mais extasiante, nos faz assim entrar em relações convosco, relações agradáveis para nós, conquanto nem sempre bastante puras e santas.

Não sei como fazer-te compreender esta grande verdade, que provavelmente te causará estranheza, apesar da sua

evidência, pois a nossa própria felicidade depende, algumas vezes, relativamente, compreende-se, do estado daqueles que deixamos na Terra e com os quais entramos em relações diretas.

Seus sentimentos religiosos nos atraem, sua impiedade nos afasta. Regozijamo-nos em suas puras e nobres alegrias, isto é, em suas alegrias espirituais e desinteressadas. Seu amor contribui para a nossa felicidade, assim como também sentimos, senão pesar, ao menos uma diminuição de gozo, se eles se deixam degradar por sua sensualidade, seu egoísmo, suas paixões animais, ou pela incerteza dos seus desejos.

Atende bem, meu amigo, ao que quero dizer com a palavra degradar. Todo pensamento elevado faz brotar do homem amoroso um raio de luz, que não é visto nem compreendido senão por naturezas iguais. Cada espécie de amor tem um raio de luz que lhe é peculiar. Esse raio forma a auréola dos santos e os torna mais resplandecentes e agradáveis à vista. Dessa qualidade e dessa amenidade depende o grau da nossa própria felicidade e da ventura que sentimos em existir. Com o desaparecimento do amor desvanece-se a luz e, com ela, todo o elemento de ventura.

Quem se torna estranho ao amor, degrada-se no sentido mais positivo e literal da palavra; torna-se mais material e, por conseguinte, mais inferior, mais terrestre, e as trevas da noite o cobrem com seu véu. A vida, ou, o que é o mesmo para nós, o amor, produz a luz, a pureza luminosa, a identidade e a magnificência de cada ser. Somente essas qualidades tornam possíveis as nossas relações íntimas com o homem. Como só a luz é que pode atrair a luz, a sua falta nas almas degradadas nos impossibilita de atuar sobre elas. A vida de cada mortal, a sua verdadeira vida, está na razão

direta do seu amor. Da luz nos homens nasce a nossa comunhão com eles, e vice-versa.

Nosso elemento é a luz (21), cujo segredo nenhum mortal conhece. Atraímos e somos atraídos por ela.

Este vestuário, este órgão, este veículo, este instrumento em que reside à força primitiva produtora de tudo, a luz, em uma palavra, constitui para nós o laço característico de todas as naturezas. Despendemos luz na medida do nosso amor. Conhecemo-nos pelo grau da sua claridade e somos atraídos por todas as naturezas amorosas e irradiantes como nós.

Por efeito de um movimento imperceptível, dando certa direção à nossa luz, podemos fazer nascer idéias mais humanas nas naturezas que nos são simpáticas, suscitar ações e sentimentos mais nobres e elevados; não podemos, porém, forçar e dominar alguém, ou, mesmo, fazer imposições aos homens, cuja vontade é em tudo independente da nossa.

Para nós, o livre-arbítrio dos homens é sagrado. (22)

É absolutamente impossível comunicarmos a nossa luz pura a um homem baldo de sensibilidade, pois este não possui sentido ou órgão apto para recebê-la.

Do grau de sensibilidade que se possui depende - oh! permiti repeti-lo em cada uma das minhas cartas - a aptidão para receber a luz, a simpatia por todas as naturezas luminosas e pelo seu protótipo original.

Os seres que tiverem ausência de luz não podem abeirar-se do manancial da luz, ao passo que milhares de naturezas luminosas podem ser atraídas por uma única natureza que lhes seja semelhante. O homem-Jesus, resplandecente de luz e de amor, era o ponto luminoso que incessantemente atraía legiões de anjos.

As naturezas degradadas, egoístas, atraem Espíritos degradados, grosseiros, privados de luz e malévolos, que mais e mais as envenenam; enquanto que as almas bondosas se fazem cada vez mais puras e mais amantes pelo contacto dos bons Espíritos. Jacó, dormindo, cheio de piedosos sentimentos, vê aproximarem-se-lhe legiões de anjos do Senhor, ao passo que Judas Iscariotes dá ao chefe dos Espíritos impuros o direito e, direi mesmo, o poder de penetrar na baixa atmosfera da sua alma traidora.

Os Espíritos do bem abundam onde se acham almas amorosas e os Espíritos das trevas pululam onde há grupos de almas impuras.

O meu bem-amado medita sobre o que acabo de dizer-te. Encontrarás a confirmação disso nos livros sagrados, que encerram verdades até hoje desconhecidas e numerosas instruções da mais alta importância sobre as relações que existem entre os mortos e os vivos, entre o mundo material e o espiritual. (23 )

Somente de ti depende o colocares-te sob a influência dos Espíritos bons ou afastá-los para longe. Podes conservá-los ao pé de ti ou forçá-los a abandonar-te. De ti depende, pois, fazeres-me mais, ou menos ditoso. Deves agora compreender que todo Espírito bom é mais ditoso quando encontra outro tão bom, pelo menos, como ele, pois todo ser feliz e puro é menos ditoso quando reconhece diminuição ou indiferença no amor daquele a quem ama. O amor abre o coração ao amor, e a ausência deste sentimento torna mais difícil, e às vezes impossível, o acesso de toda comunicação íntima. Se desejas, portanto, fazer que eu goze mais felicidade, torna-te cada dia melhor. Deste modo, conseguirás fazer-te mais simpático e agradável a todos os

Espíritos radiantes e imortais. Eles correrão ao teu encontro, sua luz unir-se-á à tua e a tua à deles, sua presença te tornará mais puro, radiante e vivaz, e, o que te parecerá mais difícil de crer, mas nem por isso deixa de ser positivo, eles próprios por efeito da tua luz, da luz que irradia de ti, se tornarão mais luminosos, mais vivazes, mais ditosos da existência e mais amorosos por efeito do teu amor.

Existem, querido amigo, relações imperecíveis entre os mundos visível e invisível, uma comunhão constante entre os habitantes da Terra e os habitantes do céu, uma ação recíproca e benéfica de cada um desses mundos sobre o outro.

Meditando e analisando com atenção estes ensinamentos, reconhecerás, cada vez mais, sua exatidão, sua utilidade e seu benefício.

Não olvides, meu irmão, que o vosso mundo é visível para nós e que o nosso é invisível para vós. Não olvides que, em nosso mundo, os Espíritos bons verão com alegria a tua fé no amor puro e desinteressado. Estamos juntos de vós quando nos supondes muito longe. Jamais se acha sozinho o homem de bem. A luz do amor penetra todos os mundos e vai até às trevas do mundo material, porém os Espíritos bons e luminosos se acham sempre nas proximidades do amor e da luz. São muito verdadeiras estas palavras de Jesus-Cristo: "Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí serei com eles."

Também é indubitavelmente verdade que afligimos, por nosso egoísmo, o espírito de Deus, e que, por nosso sincero amor, lhe damos satisfação, como se depreende do profundo sentido destas palavras: "O que ligares na Terra será ligado no céu, e o que desligares na Terra, será desligado no céu."

Desligais por egoísmo e ligais por caridade, isto é, pelo amor. Coisa alguma é tão compreendida no céu como o amor dos que se amam na Terra, pois o que atrai as Espíritos bem-aventurados é o amor dos seus irmãos encarnados.

Vós outros, chamados mortais, podeis, pelo amor, fazer o céu descer a Terra, podeis entrar conosco, os bem-aventurados, numa comunhão infinitamente mais íntima do que sereis capazes de imaginar, desde que vossas almas se abram à nossa influência.

Estou freqüentemente contigo, meu amigo, e tenho muito prazer em achar-me na tua esfera de luz. Consente, pois, que eu diga ainda algumas palavras íntimas.

Quando te enfadas, no momento em que, dominado de tal sentimento, pensas nos que amas e nos que sofrem, a luz que se irradia de ti se obscurece e, então, sou forçado a afastar-me (24). Nenhum Espírito bom pode suportar as trevas da cólera. Ainda há pouco tive de abandonar-te por esse motivo.

Perdi-te, por assim dizer, da minha vista e dirigi-me a outro amigo, para quem me atraiu a luz do amor. Orava este a Deus, derramando lágrimas por uma família que acabava de cair na miséria, e à qual não podia levar socorro algum. Oh! Quão luminoso ele me pareceu então! Parecia inundado de claridade deslumbrante.

Nosso Senhor aproximou-se-lhe e um raio do seu espírito caiu sobre ele.

Que ventura para mim poder banhar-me nessa auréola e, embebido nessa luz, inspirar-lhe a esperança de próximo socorro!

Sob esta impressão pude insinuar uma voz no fundo da sua alma que dizia assim: "Nada temas! crê! gozarás o prazer

de aliviar a desgraça daqueles por quem acabas de rogar a Deus."

Levantou-se contente e, no mesmo instante, senti-me atraído para outro ser bondoso que igualmente orava.

Este era a alma de uma virgem que fazia por este modo a sua prece: "Senhor, mostra-me o meio de fazer o bem, segundo tua vontade."

Descobri o meio de inspirar-lhe a seguinte idéia: "Não faria eu o bem, enviando a esse homem caritativo, que conheço, algum dinheiro para ele empregar, hoje mesmo, em proveito de alguma família pobre?"

Fixou-se nesta idéia com infantil alegria, acolheu-a como recebida de algum anjo do céu. Esta alma piedosa e caritativa tomou uma boa quantia e enviou-a com uma cartinha afetuosa àquele que eu havia antes encontrado orando, o que fez que este derramasse lágrimas de contentamento e de profundo reconhecimento para com Deus. Saiu imediatamente e eu o segui, haurindo indefinível felicidade em sua luz. Chegou à porta da desolada família e ouviu a esposa dizer ao piedoso marido: "Terá Deus piedade de nós? - Sim, minha amiga; Deus terá piedade de nós, como nós temos tido dos outros."

A estas palavras, o que levava o socorro abriu a porta e, sufocado pela comoção, pôde apenas pronunciar esta frase: "Sim, Ele terá piedade de vós, como vós tendes tido dos outros."

Eis aí uma prova da misericórdia de Deus. O Senhor vê os justos e ouve suas súplicas.

Com que viva luz brilharam então essas pessoas, quando, lida a cartinha, todas levantaram os olhos e os braços para o céu!

Legiões e legiões de Espíritos corriam apressadamente de toda parte.

Oh! como nos alegramos! como nos abraçamos! como nos fizemos mais perfeitos e melhores!

Tu te acalmaste depois e, então, pude volver a ti. Acabavas de praticar três ações que me davam o direito de aproximar-me de ti e de alegrar-me contigo. Derramaste lágrimas de vergonha, estavas arrependido da tua ira, tinhas refletido e procurado em ti mesmo os meios de dominar-te, pediste sinceramente perdão a quem, em teu arrebatamento, havias ofendido, e procuravas os meios de indenizá-lo do mal que fizeste. Esta preocupação restituiu a calma ao teu coração, a alegria aos teus olhos, a luz ao teu corpo.

Por esses exemplos podes julgar se estamos bem instruídos do que fazem os nossos amigos, da Terra, enquanto nos interessamos pelo seu adiantamento moral; debes também compreender a solidariedade que existe entre o mundo visível e o invisível, e até que ponto depende de vós promover as nossas alegrias ou aflições.

Ah! meu amigo se pudesses compenetrar-te bem desta verdade, se reconhecesses que o amor puro e nobre encontra em si mesmo a sua recompensa, que o melhor prazer e mais santo é o gozo de Deus, é o produto do sentimento depurado, então te esforçarias em purificar-te de tudo o que é egoísmo.

Doravante não te escreverei sem tocar neste ponto. Nada tem mérito sem o amor. Só o amor possui uma vista clara, reta, penetrante, para discernir o que merece estudado e o que é eminentemente verdadeiro, divino, imperecível.

Em cada ser mortal ou imortal, animado de um amor puro, vemos com inexplicável alegria refletir-se o mesmo

Deus, assim como vemos brilhar o Sol em cada gota d'água pura.

Todos os que amam, na Terra e no céu, se fundem num só pelo sentimento. Do grau do amor em cada um depende a nossa felicidade interna e externa. Teu amor é, pois, o que regula tuas relações com os Espíritos, tua comunhão com eles, a influência que podem exercer sobre ti e a sua ligação íntima com o teu espírito.

No momento em que te escrevo, um sentimento de previsão, que nunca me engana, me dá a conhecer que no futuro te encontrarás em excelente posição moral, pois meditas uma obra de caridade.

Cada uma de vossas ações e de vossos pensamentos leva consigo um sinal particular, compreendido e apreciado instantaneamente por todos os Espíritos desencarnados.

Que Deus te ajude!

Escrevo esta a 16 de dezembro de 1798.

Estas seis cartas estão reconhecidas como autênticas e são as únicas que foram encontradas sobre este assunto. Pode-se dizer que nelas está estampada a doutrina espírita, embora de um modo muito resumido. É bem possível que Laváter houvesse escrito muitas outras cartas sobre a vida futura, porém, se existem, ainda são desconhecidas ou não vieram à publicidade.

Que o investigador sincero encontre aqui bons elementos para fazer um estudo mais profundo nas obras em que Allan Kardec coordenou os princípios básicos de tão salutar, consoladora e verdadeira doutrina, tal é o nosso desejo.

## A reencarnação e a Igreja Católica (Considerações de Leon Denis)

Na revista católica « L'Idéal » , o cônego Coubé conagra três longos artigos a combater o que ele chama «encarnação ou a metempsicose».

Notemos primeiramente a intenção que se revela no fato de reunir e confundir duas idéias diferentes, a fim de conseguir para a primeira o descrédito em que haja caído à outra.

Os antigos entendiam por metempsicose à volta da alma aos corpos dos animais. É exato que alguns escritores e filósofos aplicam esse termo à passagem da alma a outros corpos humanos. A reencarnação é muitas vezes designada pelo nome de «palingenesia». Na opinião corrente, porém, o termo metempsicose conservou seu sentido restrito e pejorativo. O padre Coubé, que bem o sabe, aproxima os dois termos que geralmente se repelem, na esperança de tirar proveito do equívoco, da confusão que possa resultar para a maior parte de seus leitores. Ele não ignora, entretanto, que os espíritas rejeitam com energia toda hipótese de queda da alma na animalidade. Acreditamos na ascensão e não no recuo. Nosso perispírito ou corpo fluídico, que é o molde do corpo material ao nascer, não se presta às formas animais e essa razão por si só bastaria para tornar impossível uma tal regressão.

Os mesmos processos de argumentação se nos deparam em outros pontos do exame crítico do padre Coubé. Todas as sutilezas da dialética, todos os recursos da casuística e do silogismo foram por ele empregados para mostrar a uma luz

desfavorável a doutrina das vidas sucessivas. Porém, malgrado às habilidades de uma inteligência maleável, insinuante, engenhosa em desnaturar, em desfigurar as coisas mais simples e mais claras, a grande lei dos renascimentos se impõe com tanta força que obriga por vezes o eloqüente pregador a se inclinar e a lhe render homenagem. Por exemplo, depois de a ter qualificado de «sistema medíocre e ridículo» e mesmo de «loucura ou impostura»; depois de ter dito: «A reencarnação leva ao triunfo universal do mal», o autor deixa escapar esta confissão (pág. 218) : e a reencarnação não é por si mesma uma idéia ímpia e não parece intrinsecamente impossível»; depois: «A reencarnação poderia, a rigor, conciliar-se com o dogma do céu cristão.»

Admirável poder da verdade, que força seus próprios detratores a se curvarem e a proclamarem-na! Há aí um caso de psicologia bastante notável e quando mesmo o estudo crítico do padre Coubé sobre a reencarnação não devesse produzir outro resultado que não o de pô-lo em relevo, ainda assim motivo haveria para lhe sermos gratos por o ter empreendido.

Fiel à sua tática habitual, o padre Coubé amalgama doutrinas discordantes a fim de as englobar numa só condenação. É o que faz com o Espiritismo e a Teosofia.

Não nos ocupamos com esta última, que saberá defender-se. Quanto ao Espiritismo, como vimos em nossos artigos precedentes, esse, pelos seus fenômenos, que são de todos os tempos e de todos os lugares, por mil fatos da vida dos santos, por toda a mística cristã se alojou no coração mesmo da praça e para daí o expulsarem seria necessária à destruição de todo o edifício católico. São formais a esse

respeito os testemunhos das mais altas autoridades eclesiásticas. Já citamos algumas. Há muitas outras.

Nesses testemunhos iremos encontrar igualmente a Doutrina Espírita. A das vidas anteriores e sucessivas imperava em toda a cristandade nos três primeiros séculos e eminentes prelados ainda hoje a adotam.

A reencarnação está afirmada nos Evangelhos com uma precisão que não deixa lugar à dúvida alguma: que Ele é o Elias que havia de vir.» (Mateus, XI, v. 14 e 15), disse o Cristo referindo-se a João Batista. Ela também ressalta do seguinte diálogo: Falando dos judeus, pergunta Jesus a seus discípulos: «Que dizem eles do Filho do homem?» Respondem-lhe os discípulos: «Uns dizem que é João Batista; outros que é Elias; outros que é Jeremias ou um dos profetas.» (Mateus, VI, vv. 13-14; Marcos, VIII, v. 28.)

Os judeus e com eles os discípulos acreditavam, portanto na possibilidade que tem a alma de renascer em outros corpos humanos.

O Evangelho, tão amiúde rico em metáforas, é de uma notável clareza sobre esse ponto. A mesma convicção resulta do colóquio de Jesus com Nicodemos e do problema do cego de nascença (25). É preciso que se esteja a seu turno cego pela idéia preconcebida para negar tal evidência. Por isso mesmo, não é aos nossos contraditores obstinados, aos nossos adversários interessados, mas a homens imparciais, libertos de preconceitos acanhados, capazes de julgar com liberdade, que vamos submeter à questão, deixando que se pronunciem.

A doutrina das vidas sucessivas, que foi também doutrina de Platão e da Escola de Alexandria, impregnava inteiramente o Cristianismo primitivo. Todas as correntes do

pensamento oriental se reuniam para inocular em a religião que surgia uma vida nova e ardente. Nessas fontes bebiam os cristãos mais ilustres os elementos da sua ciência e do seu gênio. Orígenes, Clemente, a maior parte dos padres gregos ensinavam a pluralidade das existências da alma. Ainda no século IV São Jerônimo, na sua controvérsia com Vigilantius, reconhecia que a crença nas vidas sucessivas era a da maioria dos cristãos do seu tempo. Orígenes, sobre esse ponto de doutrina, não foi condenado pela Igreja, como o supõe o padre Coubé. O Concílio de Calcedônia e o quinto de Constantinopla rejeitaram, não a crença na pluralidade das vidas da alma, mas simplesmente a opinião de Orígenes de que a união do espírito com o corpo é sempre uma punição e a de que a alma viveu primeiro no estado angélico. Este ilustre pensador, que São Jerônimo considerava como «o maior dos cristãos depois dos Apóstolos», não levava muito em conta a lei de educação e de evolução dos seres.

Na realidade, a Igreja nunca se pronunciou sobre a questão das existências sucessivas, que continua aberta às possibilidades do futuro. Em todas as épocas, membros eminentes do clero católico adotaram essa crença e a afirmaram publicamente.

No século décimo quinto, o cardeal Nicolau de Cusa sustentou, em pleno Vaticano, a teoria da pluralidade das existências da alma e a dos mundos habitados, não só com o assentimento, mas com os aplausos sucessivos de dois papas: Eugênio IV e Nicolau V. (Ver <<Meditações sobre a lei do progresso; a estatística moral e a verdade religiosa>>, pelo coronel Dusaert - Paris, Didier, 1882.)

Eis aqui outros testemunhos mais recentes:

Em 1843, no seu mandamento, monsenhor de Montal, bispo de Chartres, falava nestes termos da preexistência e das reencarnações:

«Pois que não é defeso crer na preexistência das almas, quem pode saber o que se terá passado, nas idades longínquas, entre Inteligências?»

G. Calderone, diretor da «Filosofia della Scienza»>, de Palermo, que abriu um largo inquérito sobre as idéias dos nossos contemporâneos acerca da reencarnação, publicou algumas cartas trocadas entre monsenhor L. Passavalli, arcebispo vigário da basílica de S. Pedro, em Roma, e o Senhor Tancredi Canônico, senador do Reino, Guarda dos Selos, presidente da Suprema Corte de Cassação da Itália e católico convencido.

Citemos duas passagens de uma carta de monsenhor Passavalli

«De meu espírito desapareceram para sempre as dificuldades que me perturbavam quando Estanislau, «de santa memória» (monsenhor Estanislau Fialokwsky, morto em Cracóvia a 18 de janeiro de 1885), a cujo espírito atribuo em grande parte esta nova luz que me ilumina, me anunciava pela primeira vez - a doutrina da pluralidade das vidas do homem. Sinto-me feliz por haver podido verificar o efeito salutar dessa verdade sobre a alma de meu irmão.»

Outra citação

«Parece-me que se fosse possível propagar a idéia da pluralidade das existências da alma, quer neste mundo, quer no outro, como meio de realizar a expiação e a purificação do homem, com o objetivo de torná-lo finalmente digno de si e da vida imortal dos céus, já se teria dado um grande passo,

pois isso bastaria para resolver os problemas mais intrincados e mais árduos que atualmente agitam as inteligências humanas. Quanto mais penso nessa verdade, mais ela se me mostra grande e fecunda de conseqüências práticas para a religião e para a sociedade.» (a) Luis, arcebispo.

Da correspondência inédita de T. Canônico, publicada ultimamente em Turim, resulta que ele próprio fora iniciado na crença da reencarnação por Towiansky, escritor católico muito conhecido. Numa extensa carta, que traz a data de 30 de dezembro de 1884, ele expõe as razões pelas quais acha que essa crença nada tem de contrária à Religião Católica, apoiando-se em muitas citações das Santas Escrituras. (26)

Poderíamos multiplicar as citações, se não temêssemos fatigar o leitor. Já dissemos bastante para demonstrar que, sobre a questão das reencarnações como sobre a dos fenômenos e suas causas, nos encontramos em face das mesmas contradições, das mesmas incertezas, para não dizer da incoerência, da Igreja Romana. Não obstante suas pretensões à unidade de vistas e à infalibilidade, as oposições e as divergências não faltam em seu seio. De modo que, causa espanto às vezes o tom imperioso em que falam seus representantes, quando entre eles há tantas dúvidas e hesitações no que concerne aos problemas mais essenciais, o da vida futura e o do destino humano.

O padre Coubé, segundo suas próprias expressões, faz que a reencarnação compareça perante o tríplice tribunal da Religião, da Moral e da Filosofia. É uma empresa temerária, porquanto o julgamento que assim provoca não pode vir a dar senão num completo revés para ele.

Notemos, primeiramente, pelo que respeita às religiões, que seiscentos milhões de asiáticos, bramanistas e budistas, partilham da nossa crença. Dela partilharam também os egípcios, os gregos e os celtas, nossos antepassados. Por conseguinte, ela faz parte da nossa verdadeira herança nacional. Vimos que o Cristianismo primitivo dela esteve impregnado até ao século quarto. Presentemente a encontramos mesmo no Islamismo, sob a forma de certas suratas do Alcorão. Segue-se que a reencarnação é ou foi admitida em todas as religiões. Só o Catolicismo e os outros ramos do moderno Cristianismo escapam à regra universal, desde que fizeram silêncio e mergulharam em trevas certas passagens da Escritura que afirmavam as vidas anteriores.

A Filosofia colheu dela as mais belas inspirações. Pitágoras, que a ensinou, foi considerado um gênio por toda a Antigüidade. Platão recebeu o cognome de « divino », mesmo dos Pais da Igreja do Oriente. A Escola de Alexandria, com a sua plêiade de escritores - Fílon, Plotino, etc. - lhe deveu suas obras mais brilhantes. Kant, Spinoza a entreviram e, mais recentemente, a lista dos homens ilustres que a adotaram desde Victor Hugo até Mazzini, ocuparia uma página inteira. Ainda neste momento ela reaparece nas teorias de Bergson, que parecem destinadas a revolucionar todo o pensamento contemporâneo.

Quanto à moral, essa só tem que beneficiar da doutrina das vidas sucessivas.

A convicção de ser ele próprio o artífice de seus destinos, de que tudo o que fizer, de mau ou de bom, recairá sobre a sua cabeça como sombras ou raios de luz, servirá ao homem de estímulo para a sua marcha ascendente e o obrigará a vigiar escrupulosamente seus atos. Cada uma das nossas

existências, boas ou más, sendo a consequência rigorosa das que a precederam e a preparação das que hão de seguir-se, nos males da vida veremos o corretivo necessário das nossas faltas passadas e hesitaremos em recair nelas. Esse corretivo será muito mais eficaz do que o temor dos suplícios do inferno, nos quais ninguém mais crê, nem mesmo os que deles falam com uma segurança mais fingida do que real.

O princípio das reencarnações tudo aclara. Todos os problemas se resolvem. A ordem e a justiça surgem no Universo. A vida toma um caráter mais nobre, mais elevado. Torna-se a conquista gradual, pelos nossos esforços amparados do Alto, de um futuro sempre melhor. O homem sente engrandecer-se a sua fé, a sua confiança em Deus e, desta concepção larga, a vida social recebe profundas repercussões.

Ao inverso, não é uma idéia pobre e lamentável a que consiste em acreditar que Deus nos concede uma única vida para nos melhorarmos e progredirmos?

Pois quê! Uma existência que não dura mais do que alguns anos, alguns meses e, para muitos, algumas horas apenas, que é de oitenta ou cem anos para outros, tão desarmônica conforme as condições e os meios em que nos achamos colocados, conforme as faculdades e recursos que nos são outorgados, pode constituir o eixo único sobre o qual repouse todo o conjunto dos nossos destinos imortais? Não obriga o padre Coubé a contradição, a falta de equilíbrio que existe entre uma concepção tão acanhada, tão insuficiente da vida, e a amplitude, a majestade que se revelam no plano geral da Natureza? Como o pode conciliar com a Justiça e a Bondade de Deus a situação dos que nascem mortos, a dos que não vivem mais do que alguns instantes, a dos

condenados a sofrer desde o berço e às vezes durante muitos anos? Ignora ele que esses problemas foram causa do desespero de numerosos teólogos?

A existência humana não se harmoniza com o conjunto das coisas se nela não acharmos o mesmo encadeamento que vemos na ordem universal. Ora, esse encadeamento não se pode realizar senão sob a forma de vidas anteriores e sucessivas. O Ser Infinito não nos recusa meios ilimitados de reparação, de resgate, de renovamento.

Mas o nosso contraditor se nega a ver na lei das reencarnações uma aplicação possível e satisfatória da idéia de justiça. Escreve ele: «Com esta doutrina, Deus está desarmado diante do mal. O culpado, em lugar de se emendar, se obstinará no mal e cada vez mais se atolará nele. A reencarnação não é uma sanção, porquanto deixa o homem livre.»

Para se exprimir assim, o padre Coubé nunca mediu toda a extensão dos sofrimentos deste mundo. Nunca terá ele visto todo o longo desfile das enfermidades, das doenças, dos flagelos, numa palavra, todo o cortejo doloroso das misérias humanas? Basta que lancemos um olhar atento em torno de nós para que reconheçamos na dor física e moral, sob seus múltiplos aspectos, mil meios de realizar-se a expiação na justiça e ao mesmo tempo de efetuar-se a educação das almas, ao passo que as perspectivas de um inferno quimérico carecem de sentido prático e de fim útil, não satisfazem de modo algumas exigências da razão sábia e da soberana equidade.

Quanto ao argumento da ausência de lembrança, argumento que tantas vezes temos refutado, limitar-nos-emos a recomendar ao padre Coubé as experiências de

renovação da memória das vidas anteriores, as reminiscências dos homens ilustres, as das crianças-prodígio e tantos outros fatos, observados, verificados, reconhecidos exatos e que o quadro deste artigo nos não permite reproduzir. A esse respeito, bastar-nos-á apelar do padre Coubé, pouco esclarecido nesta matéria, para o padre Coubé melhor informado.

\*

Em meio da tormenta, da imensa tragédia que abala o mundo, muitas vezes a criatura, com o coração oprimido, com os pensamentos perturbados, pergunta: Por que permite Deus tantas calamidades? Para esta interrogação a Igreja Católica só tem respostas vagas e confusas. É, diz ela, a conseqüência da impiedade dos povos, do proceder deles abandonando a religião, desprezando seus preceitos e seus direitos temporais. Esquece a Igreja que foi o mais católico e o mais praticante dos povos, a Bélgica, o que sofreu primeiro e com mais intensidade os horrores da guerra. Esquece que uma outra nação católica, a Áustria, contribuiu para que eles se desencadeassem. Dois monarcas devotos, meticulosos observadores das práticas religiosas, tendo sempre na boca o nome de Deus, um católico, protestante o outro, são os que carregam a pesada responsabilidade dos crimes cometidos e das ondas de sangue derramadas.

O ensino da Igreja, com a sua doutrina de uma existência única para cada alma, é impotente para explicar o drama atual. Mister se faz procurar outra coisa. Só a filosofia das vidas sucessivas, a compreensão da lei geral de evolução

podem dar a solução do problema e conciliar a bondade, a justiça de Deus com os acontecimentos que se desenrolam.

Lembremos primeiramente que, quando emanações maléficas invadem a atmosfera, tornando o ar dificilmente respirável, estala a tempestade para purificação do meio terrestre. Do mesmo modo, quando elementos mórbidos se desenvolvem no nosso organismo, quando os micróbios infecciosos crescem de número, sobrevém uma crise e a febre se manifesta. É a luta dos infusórios bons e maus que povoam o corpo humano. Se temos que continuar a viver, ela prossegue até a destruição dos parasitas perigosos e o nosso corpo readquire saúde e vigor. O mesmo se dá com o organismo social e planetário.

Deus não se desinteressa dos nossos males. Ele vela pela Humanidade dolorosa como um pai médico pelo filho enfermo, dosando os remédios de maneira a fazer que dos sofrimentos deste resulte um estado de vida mais são e melhor.

A Humanidade temo-lo dito, se compõe, na sua grande maioria, das mesmas almas que voltam, de vida em vida, a prosseguir neste mundo a sua educação, o seu aperfeiçoamento individual, contribuindo para o progresso comum. Elas renascem no meio terreno até que hajam adquirido as qualidades morais necessárias para subirem mais alto. Em sua evolução através dos séculos, a Humanidade sofre crises que assinalam outras tantas fases do seu desenvolvimento. Atualmente, ela mal saiu da sua crisálida, da sua ganga impura e grosseira e desperta para a vida superior. A nossa civilização é toda superficial e esconde um fundo considerável de barbaria. O drama a que

assistimos representa a luta dos instintos egoístas e brutais contra as aspirações ao direito, à justiça, à liberdade.

No curso das primeiras existências terrestres, a alma tem antes de tudo que construir a sua personalidade, desenvolver a sua consciência. É o período do egoísmo, em que o ser tudo atrai a si, tirando do domínio comum às forças, os elementos necessários a constituir o seu eu, a sua originalidade própria. No período seguinte, restituirá, irradiará, distribuindo com todos o que houver adquirido, sem se empobrecer por isso, pois que, nesta ordem de coisas, aquele que dá aumenta o que possui, aquele que se sacrifica entesoura.

A Humanidade, como dissemos, chegou, na sua marcha, a ponto de transição entre dois estados. Para cada um de nós, a juventude é o momento mais crítico da vida, pela razão de que, por efeito da nossa experiência e do nosso arrebatamento, ela nos pode arrastar a atos que retardem a nossa evolução e comprometam o nosso destino. O mesmo se dá com a Humanidade. Diante dela se ergue hoje o seu passado cheio de faltas, de erros, de crimes, de traições, de perfídias, de espoliações, que lhe cumpre expiar pela dor e pelas lágrimas. Daí a crise atual. A tempestade varre os miasmas deletérios que envenenavam a nossa atmosfera. O capital de egoísmo e de ódio acumulado pelos séculos e acrescido dos males do presente tem que se liquidar. É também a reação dos elementos sãos contra os elementos de decomposição e, por conseguinte, um meio de educação e de reerguimento. Diante dos males causados pela guerra, os corações mais frios, mais indiferentes se comovem. A piedade, a sensibilidade despertam. Ainda é necessário o cadinho do sofrimento para que o orgulho feroz de uns, a

apatia, a indiferença, o sensualismo dos outros se atenuem, se fundam, se evaporem. Numa palavra, duras lições se fazem precisas para que o nosso mundo material e atrasado se impressione.

Quanto às vítimas da guerra, essas, antes de nascerem, haviam aceitado as provações por que passam, quer para resgatarem faltas, quer para progredirem. É certo que a lembrança das resoluções tomadas se lhes apagou dos cérebros materiais e o padre Coubé não deixaria de tirar desse esquecimento temporário um argumento. Que ele, porém, reflita na situação do homem que conhecesse de antemão o seu destino e visse aproximar-se, dia a dia, os acontecimentos terríveis em cuja engrenagem houvesse de ser colhido e triturado. As almas humanas são ainda muito fracas para suportarem um peso tão grande.

Deus lhes faz um benefício deixando-lhes, até ao último momento, com a ignorância do que se vai seguir, inteira liberdade de ação.

Para compreendermos o que se passa em torno de nós, preciso é, portanto, que reunamos numa mesma concepção a lei de evolução e a das responsabilidades, ou da consequência dos atos a recair, através dos tempos, sobre aqueles que os praticaram.

A ignorância dessas leis, dos deveres e sanções que elas acarretam entra por muito nas desgraças e sofrimentos da hora presente. Se a Igreja os houvesse ensinado sempre, provavelmente não veríamos abrir-se-lhe sob os passos tão profundo abismo. E, no entanto, ela outrora conheceu esses princípios e sua doutrina tirou deles um brilho e um prestígio incomparáveis. Mas, nos tempos bárbaros, preferiu os espantalhos pueris inventados para impressionar um mundo

criança. Agora, em face dos problemas formidáveis que se levantam, ela se mantém hesitante, embaraçada, impotente para responder às queixas, às recriminações que se erguem de todos os lados, para dissipar as dúvidas que em tantos espíritos despertam a injustiça aparente da sorte e as crueldades do destino. Pois bem, o que a Igreja não quer ou não pode fazer, o Espiritismo o fará. Ele abriu de par em par as portas do mundo invisível que a Igreja fechara há séculos e por elas ondas de luz, tesouros de consolação e de esperança jorrarão cada vez mais sobre as aflições humanas. Passada a tormenta, dissipar-se-ão as nuvens sombrias que nos escurecem o céu. Um límpido raio de sol brilhará sobre as ruínas acumuladas e uma era nova começará para a Humanidade. Extensão considerável tomarão as ciências psíquicas, que trarão elementos de renovação a todos os domínios do pensamento e da arte. A própria Religião será obrigada a levar em conta as provas, que elas fornecem, da sobrevivência.

Grandes coisas se realizarão, dizem-nos os Espíritos. Almas poderosas reencarnarão entre nós para dar vigoroso impulso à ascensão geral. A consciência humana se desembaraçará das peias do materialismo. A Filosofia se espiritualizará. O cepticismo, que forma o fundo do caráter francês (e de tantos outros caracteres) mesmo entre a maior parte dos católicos, que só por hábito e rotina praticam o culto, se transformará pouco a pouco numa fé esclarecida, baseada na razão e nos fatos. A vida social também se transformará com a educação, e a moral exercerá seus direitos. Sem dúvida, estaremos ainda longe da perfeição; mas, pelo menos, um passo sensível se terá dado no caminho do progresso, aproximando-nos da unidade de vistas para

uma compreensão mais elevada e mais nítida da idéia de Deus e das leis universais de justiça e harmonia.

\*

Deveremos examinar todas as razões invocadas pelo padre Coubé para combater a doutrina das vidas sucessivas? Algumas são violentas, outras pueris. Todas são injustas, errôneas, tecidas de modo a surpreender a boa-fé dos leitores. Ele escreve, por exemplo: <<A duquesa de Pomar se inculcava como sendo Maria Stuart reencarnada.>> Com certeza o padre Coubé ignora a existência de uma brochura escrita por essa grande personagem e intitulada: «Uma visita noturna a Holyrood>>. Nesse livro a duquesa conta que, tendo ganhado a confiança do guarda da antiga residência dos reis da Escócia, penetrou à noite na capela onde está o túmulo de Maria Stuart, para invocar o Espírito dessa desafortunada rainha. O Espírito lhe apareceu e lhe falou longamente, dando-lhe conselhos e instruções relativamente à tarefa que ela tomara a si desempenhar na Terra. Ora, se a duquesa acreditasse ser a reencarnação de Maria Stuart, teria falado daquela aparição e daquele diálogo debaixo das abóbadas históricas de Holyrood?

São desse quilate os argumentos do padre Coubé. E que resta de seus ataques ao Espiritismo? Como vimos, todos se voltam contra ele. Suas críticas, que não são inspiradas por nenhum sentimento de imparcialidade, que não se apóiam num conhecimento profundo do assunto, se desvanecem como fumo, ao menor exame. Mesmo no seio da Igreja Romana, ele, com relação a esses pontos essenciais, se acha em contradição com pensadores e escritores ilustres. É

evidente que a campanha movida por ordem superior contra nós não foi precedida de um estudo sério da questão. A fraqueza dos raciocínios demonstra a insuficiência da preparação.

O recurso maior, o refúgio supremo do padre Coubé é sempre a teoria do inferno. A cada página de « L'Idéal », ela surge como uma obsessão, alindada com um estribilho de ópera. Para ele, isto supre a tudo. Apega-se e se compraz no uso dos métodos envelhecidos que a maior parte dos pregadores de há muito pôs de parte. Não causa estranheza ver-se que essa idéia fixa que durante séculos produziu tantas perturbações mentais, tantas devastações, gerou abusos sem conta, ainda afeta certos cérebros eclesiásticos? O padre Mainage ousa escrever na « Revue des Jeunes » : «O Espiritismo leva à desintegração das faculdades mentais.» Oportuna seria a ocasião para lembrarmos os casos de loucura mística produzida pelo temor das penas eternas. Por exemplo, o desse pai de família, de que os jornais há tempos deram notícia, que estrangulou os filhos ainda pequeninos para lhes proporcionar as alegrias do paraíso, visto que se achavam em estado de inocência... Mas, não insistiremos.

Na sua apologia do inferno, o padre Coubé se exprime assim: «O Inferno não é em si mesmo uma crueldade, pois que a crueldade consiste em fazer sofrer um ente para gozar com o seu sofrimento, portanto, além do que ele merece e do que a ordem reclama.>>

Responderemos: É sempre cruel infligir a um ser sofrimentos que não tenham a leni-los nenhuma esperança e que não comportam resultado algum. Em todo o Universo o sofrimento é, sobretudo um meio educativo e purificador. Considerando-o como uma expiação temporária, do ponto de

vista da justiça divina e segundo o Espiritismo, ele se nos mostra como um processo de evolução, pois que, desenvolvendo em nós a sensibilidade, nos aumenta a vida, tornando-a mais intensa; ao passo que, com as penas eternas, o sofrimento não é mais do que uma baixa vingança, uma crueldade inútil.

Ora, Deus nada faz sem objetivo e o seu objetivo é sempre grandioso, generoso, benéfico para suas criaturas. O padre Coubé não deve ignorar que a maioria dos teólogos não renunciado à teoria das penas eternas. De fato, está reconhecido e firmado que a palavra hebréia que se traduziu por eterno não significa sem-fim, mas apenas - de longa duração. A Bíblia qualifica de eternas diversas coisas que já desapareceram há muito tempo, por exemplo: o monumento que Josué mandou erigir em comemoração da chegada do povo de Israel à Terra Prometida.

Não seria um estudo bastante curioso o dos esforços de imaginação que os nossos adversários empregam para escorar essa teoria que desmorona por todos os lados? Com esse propósito eles têm amontoado as complicações sobre as inverossimilhanças e as impossibilidades. Por exemplo, como se poderá compreender que Deus haja imposto a Satanás a tarefa de atormentar no Além os que o serviram neste mundo? As almas dos condenados dizem-nos, suportam ao mesmo tempo sofrimentos físicos e torturas morais. E como causa espanto que Espíritos possam sofrer materialmente, recorreu-se ao dogma da ressurreição da carne, isto é, à reconstituição final do corpo humano, cujos elementos, dispersados por todas as correntes da Natureza, serviram sucessivamente às mil formas da vida. A qual

dessas formas humanas serão restituídos tais elementos?  
Perturbadora questão!

Outra consideração não menos embaraçosa: Deus, com a sua presciência, conhecendo de antemão a sorte das almas, tê-las-ia então criado na sua grande maioria para perdê-las, pois que, segundo a célebre sentença, muitos são os chamados e poucos os escolhidos?

Quanta confusão, quando é tão fácil e simples descobrir a verdade! Basta lancemos um olhar em torno de nós para que reconheçamos que a dor física impera no nosso mundo. A Terra é o verdadeiro purgatório, o inferno temporário. O sofrimento do Espírito na vida do Espaço não pode ser senão moral. Resulta, dizem-nos os invisíveis, da ação da consciência que desperta imperiosa, mesmo que se trate das almas mais atrasadas. O Espírito sofre principalmente pela lembrança de suas existências passadas.

Em meio de tantas obscuridades acumuladas pela Igreja no decurso dos séculos, não é de admirar que a pobre Humanidade se tenha extraviado e erre, sem bússola, à mercê das tempestades da paixão, da dúvida, do desespero. É bem tempo que o Espiritismo venha iluminar, para todos, o caminho da vida.

Com ele, nada de afirmações sem provas e, portanto, sem efeito possível sobre os materialistas. O Espiritismo repousa sobre um conjunto de fatos e de testemunhos que, crescendo continuamente, lhe assegura o seu lugar na Ciência e lhe prepara esplêndido porvir. Todas as descobertas recentes da Física e da Química vieram confirmar suas experiências.

A aplicação dos raios X, os trabalhos de Becquerel e de Curie sobre as maravilhosas propriedades radiantes dos corpos demonstraram objetivamente o que os Espíritos

ensinam a longo tempo, isto é, que existem estados sutis da matéria e formas de vida até então ignoradas dos sábios.

O Espiritismo não nos revela somente as leis profundas desse mundo invisível ao qual todos pertencemos, mesmo estando neste mundo, pelos elementos essenciais e imperecíveis do nosso ser. Ele nos mostra por toda parte a ordem e a justiça no Universo; estabelece as responsabilidades da consciência humana e a certeza das sanções divinas, coisas todas essas que exasperam os ateus e perturbam a quietude dos gozadores. E são essas doutrinas, esses ensinamentos do mais elevado e mais austero espiritualismo que se pretende inspirados, ditados pelo demônio!

O Espiritismo é, pois, ao mesmo tempo uma ciência e uma fé. Como fé, pertencemos ao Cristianismo, não, é certo, a esse cristianismo desfigurado, apoucado, rebaixado pelo fanatismo, pela beatice de corações odientos e de almas pequeninas, mas à Religião que une o homem a Deus em espírito e verdade.

Não nos passa pela mente fundar um novo evangelho. O de Jesus, na sua interpretação real, nos basta plenamente. Somos pelas doutrinas amplas, nas quais a alma humana acha abrigo, o coração se dilata, a verdade resplandece como puro diamante de mil facetas, as asas do pensamento não se vêem comprimidas no seu vôo pelo infinito, na frase mesma da Bíblia. Ubi spiritus, ubi libertas. A igreja que não admita esta divisa não é a nossa! Apoiados nessa ciência e nessa fé somos invulneráveis e aguardamos confiantes o futuro.

Se um dia o grande ideal intelectual, desejado pelos sábios, entrevisto por todos os inovadores, vier a realizar-se pelo acordo entre a Ciência e a Fé, a Humanidade o deverá

ao Espiritismo, a suas investigações laboriosas, à sua filosofia consoladora e elevada. Graças a ele é que se cumprirá a bela profecia de Claude Bernard: «Virá o momento em que o sábio, o pensador, o poeta e o sacerdote falarão a mesma linguagem.»

## CONCLUSÃO

Chegado ao fim deste trabalho, lanço um olhar de conjunto sobre a obra da Igreja Católica Romana e resumo o meu pensamento nestes termos: Malgrado as suas manchas e sombras, é bela e grande a história da Igreja, 'com a sua longa série de santos, de doutores, de mártires. Nas épocas de barbaria, foi ela o asilo do pensamento e das artes e, por séculos, a educadora do mundo. Ainda hoje suas instituições de beneficência cobrem a Terra.

Mas a obra da Igreja teria sido incomparavelmente mais bela, mais eficaz, se ela houvesse sempre ensinado a verdade em toda a sua plenitude, se houvesse feito luz completa sobre o destino humano, mostrado a todos o fim nobre, ainda que distante, das nossas existências. Quanto houvera aumentado a sua autoridade, quanto houvera crescido o seu prestígio, se, em lugar de embalar tantas gerações com vãs quimeras, lhes tivesse mostrado Deus na majestade de suas leis, no esplendor e na harmonia de seus universos, oferecendo a todos os seus filhos as possibilidades de reparação pela prova, do resgate pelo sofrimento e guiando a ascensão eterna de todos os seres para estados sempre

melhores, numa crescente participação de suas obras sublimes.

Se houvesse feito isso a Igreja, não veríamos a indiferença, o cepticismo, o materialismo se espalharem, produzindo por toda parte suas devastações. Se a Igreja houvesse ensinado sob suas formas reais as leis de justiça e de responsabilidade, a comunhão íntima dos dois mundos e a certeza do encontro no Além daqueles que se amaram, não veríamos tantas revoltas contra Deus, tantos desesperos e suicídios. Não veríamos as paixões, as cobiças, os furores se desencadearem à volta de nós.

Por isso mesmo, comprovando os efeitos de seus ensinamentos, podemos perguntar se os nossos contraditores, em suas afirmações e críticas, estão bem senhores de si, bem certos de seguir o caminho traçado do Alto. As dúvidas, as hesitações de grande número de padres, suas lutas interiores e suas confidências nos autorizam a crer o contrário. Cruel é a situação de tantos homens dignos, colocados entre as exigências da sua razão e as do dogma. Essa situação se agravará cada vez mais e se tornará dolorosa no dia em que, transpondo os umbrais do Além, se acharem diante da multidão dos que eles tinham o encargo de guiar, de aconselhar, de dirigir e que lhes perguntarão com insistência por que as condições da vida espiritual se mostram tão diferentes de tudo o que a respeito lhes fora dito neste mundo. E se o Cristo, Mestre de todos nós, aparecendo nos fulgores da sua glória, lhes pedir, por sua vez, contas da missão que receberam e do uso que fizeram da sua verdadeira doutrina, que lhe responderão? Em presença de tão temíveis eventualidades, não insistiremos. Deixamos à consciência dos nossos adversários o encargo da resposta.

Giovana  
(NOVELA ESPÍRITA)

I

Todos aqueles que têm percorrido a Lombardia, conhecem o lago de Como, esse espelho do céu de Itália caído entre montanhas, esse maravilhoso éden em que a Natureza se entroniza, preparada para uma festa eterna. As linhas sucessivas de montes que o emolduram, a toalha límpida e azul de suas águas, formam um contraste surpreendente. As cidades e as alvacentas aldeias sucedem-se em sua margem como pérolas de um colar. Acima delas, sobre o flanco das colinas, derramam-se jardins em esplanadas guarnecidas de laranjeiras, limoeiros, romeiras e figueiras em profusão. Mais acima, a folhagem pálida das amendoeiras, o tapete das encostas. Graciosas casas de campo, vivendas pintadas de delicadas cores, com cintos de grandes árvores, sombreando brancas estátuas, abrem aqui e ali esse manto verdejante.

Ao longe elevam-se os Alpes majestosos, coroados de um diadema de neves. E, sobre tudo isso, resplandece a luz do meio-dia, luz radiosa, que reveste de tons deslumbrantes os pináculos dos rochedos e as velas dos barquinhos de pesca que deslizam numerosos sobre o tranqüilo lago.

Para desfrutar a poesia serena dessas paragens, tomai um barco e fazei-vos de vela ao largo, à hora do crepúsculo. Nesse momento uma brisa branda ondula as águas e faz

estremecer as tamareiras da margem. O odor penetrante das murtas casa-se aos doces perfumes das laranjeiras e dos limoeiros. De todos os pontos do lago elevam-se cânticos. É a hora em que os campônios e os jovens operários das fábricas regressam para as pequenas aldeias cantando modinhas. Suas melodias chegam até vós, enfraquecidas pela distância; na calma das tardes, elas parecem vozes descendo do céu.

Bem depressa vem juntar-se a esses sons o rumor dos instrumentos de música vindos das herdades iluminadas.

Todo o lago vibra então como uma só harpa. E se, ajuntando-se à magia dessa cena, o astro da noite mostra o seu disco por cima das montanhas; se, sob seus raios peneirados, os cimos alpestres se coloreiam; se ele esparge sobre as águas transparentes sua luz amena e prateada: então, esse ar deslumbrante, esse céu tão doce, esses perfumes, essas harmonias, essas alternativas de luz e de sombras, tudo isso encherá vossa alma de emoção deliciosa e inexprimível.

Uma graça encantadora envolve toda a região Sul do lago; mais adiante, porém, para o Norte, nas proximidades dos Alpes, o aspecto torna-se severo, imponente. As rochas são de formas mais ásperas; os montes são mais escarpados; os jardins, as plantações de oliveiras são substituídos pelos castanheiros e pelos sombrios pinheirais.

Grandes picos escalvados, solitários, olham do extremo horizonte e parecem sonhar.

Perto de Gravedona estende-se um estreito vale, banhado por uma corrente que salta de rocha em rocha, fazendo resplandecer suas águas vivas em graciosas cascatas. Algumas habitações modestas estão disseminadas na verdura. Junto duma estrepitosa queda d'água, pela qual a

torrente se precipita nos últimos contrafortes, um moinho, desmoronando-se de velhice, faz ouvir seu constante rumorejar. Daí, um atalho segue as desigualdades do terreno, sobe os declives, mergulha nos barrancos pedregosos e através das sarças, das aveleiras, das murtas e dos espinheiros, confina numa última choupana, que dois grandes teixos protegem com sua sombra.

Em torno de seus robustos troncos enroscam-se hastes de videiras, que enlaçam os ramos com seus festões e, quando chega o outono, deixam pender essas belas uvas da Itália, com cachos de meio metro, de bagos alongados, saborosos, que estalam nos dentes. O casebre está quase inteiramente escondido por espessa camada de hera. Sobre o telhado, transformado em canteiro, crescem gramíneas, desabrocham flores. As andorinhas fizeram ninhos entre o vigamento; ao menor ruído são vistas suas cabecinhas inquietas.

Um grande cercado, invadido por ervas e plantas selvagens, estende-se por trás da choupana, e um curral vazio, arruinado, aberto a todos os ventos, é limitado por um gradeamento de pau.

Alguns anos antes, o aspecto desse canto da Terra era inteiramente diferente. O jardim, cultivado com desvelo, era produtivo, agradável à vista; o curral dava abrigo a duas belas cabras e a um vigoroso jumento.

Pietro Gerosi habitava nesse pardieiro com Marta, sua mulher, e três filhos. Toda essa família vivia do produto da pequenina herdade.

Uma vez por semana, Pietro carregava o seu jumento Rufo com cestinhas de frutas, de legumes e bilhas de azeite, que ia vender no mercado de Gravedona. No inverno havia leite das cabras, e, durante longos serões, trançavam-se

cestas e preparavam-se as seiras que deviam guarnecer os garrafões de vinho.

Reinava a abundância nesse albergue. Vieram, porém, os maus dias. Pietro, acometido de moléstia grave, foi por muito tempo definhando, até que morreu. Tornou-se preciso vender as cabras, e Rufo foi-se por sua vez. Abandonado o jardim e não mais produzindo, fez-se sentir o peso da miséria sobre a humilde família. Sujeita a um trabalho incessante, minada por afanosos cuidados, Marta sentiu suas forças desaparecerem rapidamente.

Penetrai nesse interior e vede, sobre um pobre leito, essa mulher envelhecida antes do tempo, de tez amarelenta, de faces cavadas, de olhos brilhantes pela febre; eis ao que as vigílias, o sofrimento e as lágrimas reduziram a robusta camponesa. Junto dela estão suas três filhas. A mais velha, Lena, rapariguinha de quinze anos, de membros delgados, de feições já abatidas pelas privações e desassossegos, está sentada num banquinho perto da cama e conserta uns farrapos usados. Suas irmãzinhas, agachadas na terra recalçada, ensaiam-se em trançar uma cesta. As paredes estão desnudadas, caiadas de branco. A um canto, folhas de feto amontoadas servem de cama para as crianças. Uma Nossa Senhora de madeira coberta com um retalho de estofado que tinha sido azul, algumas imagens grosseiras de santos formam, com rústicos móveis, os únicos ornamentos da casa. Um completo silêncio, apenas interrompido pela respiração opressa da doente, reina na choupana. Raios de sol, penetrando pela porta escancarada, alumiam o antro dessa miséria.

Um leve ruído, porém, fez-se ouvir do lado de fora. Dir-se-ia que eram pisadinhas leves sobre algum estofado. As

crianças voltam-se e proferem exclamações alegres. Uma jovem está de pé no limiar da porta. É bem uma jovem? Não é antes uma criatura sobre-humana, alguma aparição celeste? O Sol, iluminando suas tranças louras, coroa-lhe a fronte com uma espécie de auréola. Seu vestido branco, seu talhe esbelto, suas feições encantadoras a tornam semelhante a essas virginais pinturas de Rafael Sanzio. Ela se aproxima; e, vendo-a, o semblante emagrecido de Marta se ilumina com um pálido sorriso; as crianças cercam-na. Ela se inclina para a doente; com sua mão alva e delicada aperta-lhe os dedos que queimam; dirige-lhe palavras consoladoras e amistosas. Uma matrona, curvada ao peso de enorme cesto, entra por sua vez. Assenta-se esbaforida, e, em seguida, coloca na caixa de madeira provisões de toda sorte: um frasco de vinho generoso, vestimentas e um cobertor. Estes objetos ficam amontoados naquele móvel, estreito demais para contê-los.

Pelo ar afetuoso da donzela, pelo empenho com que a acolhem, com que a festejam, adivinha-se que suas visitas são freqüentes. A loura e graciosa jovem é a providência dessa humilde habitação, como de todas aquelas onde há aflições a consolar, lágrimas a enxugar, sofrimentos a curar. É por isso que lhe chamam a fada dos pobres.

## II

Giovana Speranzi nasceu na vila de Lentisques, cujas vivendas esbranquiçadas se avistam do vale. Seus dezoito anos passaram nestes sítios, emoldurados pelo sol e pelas flores. Diz-se que a alma está ligada por influências secretas às regiões em que habita, que ela compartilha de sua graça ou de sua rudez. Debaixo desse céu límpido, no meio dessa

natureza serena, Giovana cresceu, e todas as harmonias físicas e morais uniram-se para fazer dela uma maravilha de beleza, de perfeição. Ela é alta e delgada; tez clara, cabelos louros, espessos e sedosos; boca pequena, guarnecida de dentes miúdos e lustrosos; olhos de um azul profundo e meigo. A altivez do semblante tem um cunho de nobreza, de pureza ideal.

Claridades parecem envolvê-la. A despeito da expressão de melancolia que lhe é habitual, Giovana, na florescência de suas dezoito primaveras, é uma das mais encantadoras filhas de Milão. Órfã aos treze anos, conservou uma saudade sempre viva pela perda dos seus. Tornando-se pensativa, concentrada, seu semblante distraído pende, as mais das vezes, para a terra onde dormem os queridos mortos. Ardentes aspirações arrebatam-na para as coisas elevadas, para Deus, para o infinito. Entretanto, ela não menospreza o mundo. Um tesouro de sensibilidade, de inefável caridade, está encerrado no seu coração; todo sofrimento, toda dor encontra eco em si. Por isso, sua vida é consagrada aos que choram. Ela não conhece alegria mais doce, nem tarefa mais atraente do que socorrer e consolar os infelizes.

Deste modo se passa a sua juventude, entre uma tia doente e uma velha aia que nada cuida, acompanhando-a nas suas visitas aos indigentes.

Entretanto, há pouco tempo veio um incidente interromper a uniformidade dessa vida, lançando a perturbação na alma cândida de Giovana. Um dia em que seguiu o atalho bem conhecido que vai ter à morada dos Gerosi, nuvens negras amontoaram-se por cima do pequeno vale, grossos pingos d'água caíram em abundância por entre as moitas das avelheiras, e o raio, explodindo subitamente,

encheu os desfiladeiros das montanhas com relâmpagos ofuscantes. Apenas tinha ela entrado na choupana, quando o temporal se desencadeou com violência, curvando até ao solo a ramagem das árvores e encobrendo o horizonte com um espesso lençol de chuva. A corrente, engrossando extraordinariamente, misturava o murmúrio de suas águas com o troar da tempestade. Um jovem vestido a caçador, trazendo uma espingarda na mão, alcançou, correndo, a choupana e pediu para se abrigar ali.

Enquanto lá fora o temporal fazia estragos, ele pôde examinar a vontade o lugar em que se achava. A vista da miséria, ao aspecto de Marta deitada no leito do sofrimento, mostrou interessar-se por esse infortúnio e fez algumas perguntas discretas, às quais Giovana respondeu abaixando os olhos. A presença, o procedimento desse anjo consolador entre tais infelizes, tocou-o. Pediu para associar-se a essa boa obra, e a conversação travou-se de modo tal, que a tempestade já há muito havia cessado, e o Sol voltara a sorrir, e ele não pensava em deixar essa habitação onde um acaso fortuito o trouxera. Por fim retirou-se, mas para voltar muitas vezes. Quase que não se passava um dia, sem que fosse visto aparecer à hora habitual em que Giovana visitava a pobre família. Ali ficava até que ela se retirasse, olhando-a com ternura, admirando a sua graça virginal, a sua delicada bondade para com a doente. Acabou por prolongar as visitas por muito tempo, mesmo depois que Giovana se retirava, conversando sobre ela com Lena, a quem assediava com perguntas. Embora nunca tivesse, anteriormente ao dia do temporal, entrado em casa dos Gerosi, Maurício Ferrand não era desconhecido. Quinze anos antes, um francês, exilado por motivo de acontecimentos políticos, viera fixar-se no

país. Tinha comprado em Domaso, aldeia que confina o lago, perto de Gravedona, uma pequena habitação situada numa colina, cuja vista abraça o imenso panorama das águas e dos montes, a Brianza, a Valtelina, os grandes pinos dos Alpes. O exilado trazia um filho consigo, jovem de oito a dez anos, cuja mãe havia falecido em França. Maurício era o filho; percorria a região, acompanhando os pequenos pastores aos rochedos na procura dos ninhos de pombos bravos, ou os pescadores de trutas que exploram o leito das correntes, e bem depressa aprendeu a língua poética e sonora de Manzoni e de Alfieri. Foi preciso, porém, renunciar a esses alegres divertimentos, e um dia seu pai o levou a Como, onde tomaram a estrada de ferro de Milão. Chegados a esta grande cidade, o primeiro cuidado do exilado foi colocar o filho em um dos melhores colégios, voltando depois a encerrar-se no seu pavilhão onde vivia só, com uns livros e uma velha criada.

Maurício fez rápidos progressos. Sua viva inteligência, sua prodigiosa memória prestaram-lhe tão bons serviços que, em poucos anos, não tendo mais nada que aprender no estabelecimento em que tinha sido colocado, foi continuar os estudos na Universidade de Pavia. À medida que sua instrução se desenvolvia, seu caráter se revelava; caráter singular, mesclado de sentimentos generosos e severos. Maurício amava instintivamente a solidão; tinha poucos amigos.

Os modos bulhentos, expansivos, dos lombardos e dos toscanos, no meio dos quais se achava, desagradavam-lhe. Vivia afastado o mais possível, consagrando as horas vagas à leitura dos poetas favoritos. Uma profunda curiosidade levava-o assim para os estudos filosóficos. Cedo entrou na

indagação do porquê das coisas, querendo aprofundar esses misteriosos problemas que nos dominam durante a vida, e que, semelhantes ao fluxo das marés, banidos do nosso pensamento pela impotência, lá voltam cada vez mais imperiosos.

O sentimento religioso, a princípio, manifestara-se nele por um vivo amor ao catolicismo. As pompas brilhantes do culto italiano, a voz potente dos órgãos; os cânticos, os perfumes, a magnificência dos edifícios, desses zimbórios milaneses, maravilhas de escultura, cujas estátuas de mármore perfilam-se em legiões inumeráveis sob o azul do céu, todos esses esplendores do romanismo enchiam de emoção profunda a alma de Maurício. Quando, porém, se habituou a essas pompas majestosas, sua razão quis descer ao fundo dos dogmas, analisá-los, penetrá-los; quando, rasgado o véu brilhante e material que cobre aos olhos do vulgo a pobreza do ensino católico, ele nada mais viu que a moral embaciada pelas fórmulas, os princípios do Cristo falsificados, um Deus parcial e cruel entronizado sobre um acervo de superstições, então procurou uma crença esclarecida, capaz de satisfazer seu coração, sua razão, sua necessidade de fé e de justiça.

Aprofundou-se no estudo das diversas filosofias, desde a dos gregos e dos orientais até o moderno e árido positivismo. Desse exame colossal despreendeu-se para ele uma fé espiritualista baseada no estudo da Natureza e da consciência, e achou na comunicação íntima da alma com Deus uma força moral que julgou suficiente para manter o homem no caminho reto. Ele acreditou então que a existência presente não era a única para nós, que a alma deve

elevant-se pelas vidas sucessivas e sempre renascentes para a perfeição.

### III

Era principalmente na época das viagens, bem curtas por sua vontade, que Maurício fazia à residência paterna, e mesmo durante as excursões que se lhes seguiam, que seu pensamento, estimulado pela poesia da Natureza, elevava-se para Deus, num impulso rápido e seguro. Aprazia-se então em vagar por entre as montanhas, em percorrer os sítios escuros onde ecoa o murmúrio constante das torrentes e das cascatas, e embrenhava-se nas florestas de pinheiros e faias, que cobrem com suas sombrias copas a encosta dos Alpes.

As rajadas de vento, curvando as ramagens, lançando na profundidade dos bosques suas notas lânguidas e harmoniosas, semelhantes ao toque de um órgão invisível, o marulhar das águas resplandcentes, o cântico das aves, o soar longínquo do machado do lenhador nos troncos das árvores, todas essas vozes da solidão embalavam seu espírito, falavam-lhe uma linguagem pacífica. Por entre os píncaros banhados de luz, por entre as abóbadas de verdura, sua prece subia a Deus de um modo mais puro e fervoroso que nos templos invadidos pela multidão. No seio dos bosques odoríferos, os retiros sombrios e ocultos convidavam-no ao repouso. E os mil rumores desta natureza agreste formavam para ele uma melodia deliciosa, de que se embriagava, a ponto de esquecer as horas e de deixar passar o momento do regresso. Urgia entretanto arrancar-se a essas delícias dos olhos e do

coração, para retomar o curso dos estudos interrompidos. Maurício foi bem-sucedido em seus exames. Hesitando depois entre as diversas carreiras que se lhe deparavam, a convite do pai seguiu a de Direito, fez-se advogado, e começou a exercitar-se no foro de Milão. Sua eloquência ousada, atrativa, sua viva imaginação, o estudo aprofundado das causas que lhe eram confiadas, fizeram que fosse logo notado pela gente dos tribunais; um brilhante futuro sorriria à sua ambição se ele tivesse querido submeter à consciência às sutilezas da chicana, da política, e fazer-se satélite dos poderosos. Mas, essa alma elevada e ativa não podia abaixar-se a semelhante papel. As intrigas, as torpezas das cortes e dos salões enchiam-no de amargura.

O espetáculo de um mundo ocioso, corrompido, sustentando com estrépito sua riqueza e seus títulos; a ambição, o egoísmo, subindo de assalto à sociedade e dominando-a; a probidade vacilante; a especulação desenfreada humilhando o trabalho regenerador; todas essas úlceras da nossa época de decadência moral, mostrando-se em sua deformidade aos olhos do mancebo, ensinaram-no a desprender-se mais e mais das coisas terrestres. Tendo querido umedecer os lábios na taça dos prazeres, só achou fel, o amor a preço, a orgia brutal, o jogo estupefaciente eram para ele outros tantos monstros que o tinham feito recuar de horror.

Com tais gostos, uma disposição natural para a meditação, o amor da solidão, viu pouco a pouco desmancharem-se as suas relações. Aqueles que a princípio o haviam acolhido, chocados agora pela sua rigidez, por essa misantropia que se desabafa em termos amargos, pela ausência dessa benevolência tão necessária aos sábios,

afastaram-se de Maurício e o deixaram entregue aos seus sonhos. O vácuo fazia-se ao seu redor. Um desgosto profundo apoderou-se do jovem advogado. Rejeitou as causas mais ou menos duvidosas que lhe queriam confiar, e viu assim reduzir-se o número dos clientes. Suas brilhantes faculdades ficaram sem utilidade.

Invadia-o um sombrio abatimento, quando, de Domaso, lhe chegou à notícia de que seu pai, gravemente doente, chamava-o para perto de si. Maurício partiu imediatamente.

O exilado, devorado pela nostalgia, por esse amor do torrão natal, por essa necessidade da pátria que coisa alguma pode substituir, lutava em vão contra um mal incurável. Cedo morreu nos braços do filho. Essa morte derramou uma sombra ainda mais espessa sobre a fronte de Maurício; sua tristeza, sua melancolia naturais cresceram. Renunciou ao foro e instalou-se na pequena casa solitária que o falecido lhe havia legado. Seu tempo foi dividido entre leituras e excursões. Muitas vezes, desde manhã, tomava a espingarda e, a pretexto de caçar, percorria a região em todos os sentidos, caminhando ao acaso, indiferente aos obstáculos. A caça podia passar impunemente perto dele. Mergulhado em intermináveis ilusões, pouco se lhe dava persegui-la. Às vezes assentava-se nalgum rochedo dominando o lago, para observar o movimento dos barcos deslizando ao impulso dos remadores, as águias descrevendo círculos imensos no céu, as lentas declinações da luz durante as horas da tarde, e somente quando a noite começava a estender seu véu sobre a Terra é que ele cuidava em voltar a casa.

Foi durante uma dessas excursões que, surpreendido pela tempestade, refugiou-se em casa dos Gerosi, e ali encontrou Giovana. Desde esse dia sua vida mudou.

O olhar dessa donzela reanimou-o no mesmo instante. Um alegre raio de esperança atravessou a obscuridade da sua alma; uma voz desconhecida cantou-lhe no coração. A princípio, ele não se apercebeu do novo sentimento que em si nascia. Uma força magnética, a que instintivamente obedecia, levava-o para junto da jovem. Quando ela estava presente, na sua frente, esquecia-se de si mesmo, contemplando-a, ouvindo-a. O timbre de sua cândida voz acordava-lhe no ser ecos de uma doçura infinita. Via nela mais que uma filha da Terra, mais que uma criatura humana; parecia-lhe uma aparição fugaz, reflexo misterioso de outro mundo, um tesouro de bondade, de pureza, de caridade, a quem Deus emprestara uma forma sensível, a fim de que, vendo-a, os homens pudessem compreender as perfeições celestes e a elas aspirar. A presença de Giovana arrancava-o da sua misantropia. Ela fazia emanar de si uma onda de pensamentos benfazejos e generosos, um ardente desejo de ser bom e de consolar. Seu exemplo convidava-o para o bem; sentia o vácuo, a inutilidade de sua vida, e compreendia afinal que há muito que fazer aqui embaixo, e que não deve fugir dos homens ou encerrar-se numa indiferença egoística. Interessava-se agora pelas dores alheias; pensava muito mais nas crianças, nos deserdados deste mundo, em todos aqueles que a adversidade oprime; procurava avidamente os meios de lhes ser útil.

Durante suas entrevistas, ainda que pouco se falassem, trocavam mil pensamentos. A alma tem meios de exprimir-se, de comunicar-se ocultamente, que a ciência humana não pode definir nem analisar.

Uma atmosfera fluídica, em correlação íntima com o seu estado moral, circunda todos os seres, e, segundo sua

natureza, simpática ou adversa, eles se atraem, se repelem, se expandem ou se concentram, e é por este modo que se explicam as impressões que experimentamos, à vista de pessoas desconhecidas.

Corriam os dias. Graças aos socorros de Giovana, graças aos cuidados do médico de Gravedona, cujas visitas Maurício pagava, Marta havia recuperado a saúde. No dia em que ela pôde sair, uma surpresa agradável a esperava da parte de fora. O jardim, invadido outrora pelas ervas daninhas e pelas silvas embaraçosas, estava de novo limpo e galante. A primavera havia engrinaldado de flores todas as roseiras. As pereiras e as figueiras vergavam ao peso dos frutos. Compridos cachos de bagos vermelhos pendiam das hastes das amoreiras; abundantes legumes cobriam os canteiros. Um hábil jardineiro, enviado por Maurício, tinha podado as árvores, tratado da vinha e operado esta transformação. Desse canto desolado tinha ele feito um maravilhoso pomar. A vida da pobre família estava garantida.

#### IV

Sobre uma das colinas que orlam o lago, a alguma distância de Gravedona, estende-se um florestal de freixos e ciprestes. Sua verdura sombria aparece ao longe semeada de manchas de alvura deslumbrante. Tumbas funerárias, cruzes de madeira ou de pedra erguem-se dentre a ramagem. É o campo-santo, o lugar onde vai terminar a infinita cadeia das dores humanas. Uma flora brilhante desabrocha entre os

sepulcros e espalha no ar agradáveis aromas. A luz se esparge e os pássaros cantam sobre as lousas tumulares. Que importa, enfim, à Natureza, que tantas esperanças e alegrias aí sejam para sempre ocultas aos olhos humanos? Nem por isso ela deixa de prosseguir no ciclo das suas maravilhosas transformações.

Perto da entrada do cemitério existe uma grande lousa de mármore emoldurada de roseiras, de jasmims, de cravos encarnados, entre os quais zumbem os insetos. Uma acácia a esconde em sua sombra. Aí dormem, embalados pelos ecos longínquos, pelos murmúrios enfraquecidos da vida, os pais de Giovana, e é a mão piedosa desta que aí coloca essas flores. Muitas vezes por semana ela vai orar à igreja de Gravedona, e daí, acompanhada de sua aia, segue para o cemitério onde jazem os restos dos seus maiores. Também ali repousa o corpo do pai de Maurício e este, em seu taciturno tédio, gosta de percorrer essas alamedas silenciosas, gosta de retemperar seu espírito na grande calma da cidade dos mortos. Um dia, aí se encontraram os dois jovens. Giovana, ajoelhada, a cabeça pendida para a sepultura de sua mãe, parecia conversar com esta em voz baixa; via-se que seus lábios se agitavam. Que dizia ela à morta? Que misteriosa troca de pensamentos se operava entre essas duas almas? Maurício não o sabia, mas, receoso de interromper tal recolhimento, conservava-se ao longe, imóvel, atento. Ao erguer-se, Giovana deu com ele e seu rosto tingiu-se de púrpura. Maurício, porém, bem contente com esse encontro, aproximou-se e cumprimentou-a.

- Minha senhora - disse-lhe -, vejo que um mesmo móvel nos conduziu para este lugar. É doce o vir meditar junto

daqueles que perdemos, provando-lhes que sua lembrança está para sempre gravada em nosso coração, não vos parece?

- Assim é - respondeu ela - e, no cumprimento desse dever, adquirem-se novas forças e nos fortalecemos no bem. Cada vez que aqui venho, saio mais calma, mais submissa à vontade de Deus.

- Sentireis vós também o que eu experimento junto dos mortos? Desde que me aproximo da sepultura de meu pai, parece-me que uma íntima comunicação se estabelece. Julgo ouvir sua voz; falo-lhe e ele me responde. Pode ser, porém, que isto não seja mais do que uma vã ilusão, um efeito da nossa emoção...

Giovana ergueu para ele os olhos que tinham um brilho profundo e doce.

- Não; isto não é uma ilusão - disse ela -; eu também ouço essas vozes interiores. Aprendi há muito tempo a compreendê-las. E não é somente aqui que se fazem ouvir em mim; em qualquer parte que eu esteja, se chamo pelo pensamento meus caros invisíveis, eles vêm, me aconselham, me encorajam e guiam meus passos na vida. A sepultura não é uma prisão; quando muito, pode-se considerá-la um meio de recordação. Não acrediteis que as almas aqui estejam prisioneiras.

- As almas dos mortos voltam pois a Terra?

- Podereis duvidá-lo? - disse a jovem. Coma deixariam de interessar-se por nós no espaço aqueles que nos amaram aqui embaixo? Libertados os laços da matéria, não estão mais livres, e a recordação do passado não os torna a trazer para junto de nós? Sim, certamente, eles voltam, associam-se às nossas alegrias e às nossas dores. Se Deus o permitisse, nós os veríamos muitas vezes ao nosso lado regozijarem-se

com as nossas boas ações e entristecerem-se com as nossas faltas.

- Entretanto, sois uma católica fervorosa; ora, o catolicismo não ensina que depois da morte a alma é julgada e, segundo a sentença divina, permanece eternamente no lugar do castigo ou na mansão dos bem-aventurados?

- Adoro a Deus, obedeço como posso à sua lei; essa lei, porém, é uma lei de amor e não uma lei implacável. Deus é por demais bom e justo para punir eternamente. Conhecendo a fraqueza do homem, como poderia mostrar-se cruel para com ele? - Qual será, pois, no vosso entender, a sanção do bem, e como se cumprirá a justiça divina?

- A alma, deixando a Terra, vê rasgar-se o véu material que lhe fazia esquecer sua origem e seus destinos. Compreende então a ordem do mundo; vê o Bem reinar acima de tudo. Segundo sua vida tiver sido boa ou má, estéril ou fecunda, conforme ou contrária à lei do progresso, ela goza de uma paz deliciosa ou sofre um pungente remorso, até que volte a reassumir a tarefa acabada.

- E como é isto? Dizei-me.

- Voltando simplesmente a esta Terra de provação para trabalhar no seu adiantamento e ajudar as suas irmãs na marcha comum para Deus.

-Pensais então que a alma deve efetuar muitas existências aqui embaixo?

- Sim, eu o sinto; uma existência não pode bastar para nos habilitar a atingir a perfeição; e como, a não ser assim, se poderia justificar o fato de os filhos de Deus serem tão dessemelhantes de caráter, de valor moral e de inteligência?

- Haveis de consentir que me admire de que na idade em que tantas jovens são vaidosas e loucas, vós sejais tão séria, tão refletida e tão esclarecida das coisas do Alto.

- Sem dúvida é porque tenho vivido mais do que as de que falais.

Uma andorinha passou dando um grito agudo que fez estremecer Giovana.

- Creio como vós - respondeu Maurício -, que a existência atual não é a primeira que realizamos; mas, por que motivo a lembrança do passado se apaga da nossa memória?

- Porque os tumultos e as ocupações da vida material nos distraem da observação íntima de nós mesmos. Muitas reminiscências de minhas vidas de outrora voltam-me ao espírito. Creio que muitas pessoas poderiam reconstruir suas existências passadas, analisando seus gozos e seus sentimentos.

- A amizade ou a repugnância instintiva que experimentamos à primeira vista por certas pessoas, não terão origem nesse passado obscuro?

- Sim, sem dúvida, mas devemos resistir a esses sentimentos de repugnância. Todos os seres são nossos irmãos, e nós lhes devemos a nossa afeição.

- Assim, este impulso irresistível que me leva para vós desde o primeiro dia em que vos vi, esta força que não faz senão aumentar, desde o nosso encontro em casa de Marta e que me faz procurar-vos por toda parte, será uma prova de que já nos encontramos e nos conhecemos nesta Terra?

A jovem sorriu, e calou-se.

- Cara donzela - continuou Maurício -, em tom grave e comovido, devo dizê-lo, os nossos pensamentos unem-se

numa concordância mútua. Torno a achar em vós todas as minhas idéias; mas estas idéias, confusas em meu espírito, se engrandecem e se esclarecem quando passam por vossa boca. A solidão e a reflexão fizeram de vós um anjo de bondade e de doçura; a mim, elas tinham-me amargurado e tornado indiferente aos sofrimentos humanos. No dia, porém, em que vos vi agindo, compreendi onde estava o bem e o dever. Minha vida recebeu um novo impulso. É a vós que devo esta revelação. Vendo-vos, ouvindo-vos, um véu rasgou-se, um mundo de sonhos, de imagens, de aspirações mostrou-se a meus olhos. Deste modo, vossa presença tornou-se para mim uma necessidade, uma profunda alegria. Deixai-me a esperança de poder tornar a ver-vos muitas vezes.

Um ruído de passos e de vozes o impediu de continuar, e veio a tempo de esconder a perturbação de Giovana. Aproximava-se uma cerimônia fúnebre; uma salmodia lúgubre elevava-se aos ares. A jovem chamou pela aia, mas, antes de se apartar, fez um sinal amigável a Maurício e atirou-lhe estas palavras: - Até depois!

O mancebo acompanhou-a com o olhar até seu vestido branco desaparecer no ângulo da alameda.

A admiração que se tinha despertado no espírito de Maurício, em seu primeiro encontro com Giovana, ia aumentando à medida que melhor aprendia a conhecê-la. Essa impressão, porém, pouco a pouco transformava-se num sentimento inteiramente diferente. Após cada uma de suas entrevistas com ela, sentia-se, segundo ele mesmo dissera, melhor, mais atraído para o bem, mais meigo para com os seus semelhantes. A potência imperiosa que irradiava ao redor de Giovana envolvia-o, e fazia evaporar o que havia de

dureza, de glacial em sua alma. Uma força atrativa, invencível, prendia-o a ela. Uma espécie de embriaguez subia-lhe ao cérebro ao ouvir apenas o som da sua voz. Maurício amava. Amava com ardor juvenil, com entusiasmo dum coração que fala pela primeira vez. Cada dia descobria em Giovana uma nova perfeição. Todos que a conheciam, todos esses humildes campônios a quem ela tinha socorrido, não apregoavam suas virtudes?

E como, a despeito de sua doçura e modéstia, mostrava-se ela superior a todas as jovens de sua idade! Maurício tinha visto de perto as senhoritas da grande cidade lombarda, conhecia as filhas do país. Em parte alguma encontrara quem a igualasse. Tinha visto na maior parte delas a vaidade, o desejo de brilhar, de dominar. Sem dúvida, entre as que tinha encontrado, havia criaturas sedutoras, donzelas capazes de fazer um esposo feliz; mas nenhuma possuía essa simplicidade unida a um ar nobre e doce, esse não sei quê sobre-humano, essa flama quase divina que se refletia nos olhos de Giovana, conquistando os corações e desterrando, dos que se lhe aproximavam, todo o pensamento baixo ou impuro. Não era, pois, uma coisa maravilhosa ouvi-la, aos dezoito anos, falar com tanta convicção das grandes leis ignoradas pelo homem, penetrar os tenebrosos mistérios da vida e da morte, reconfortar os indecisos, a todos mostrar o dever? Eis o que Maurício dizia a si mesmo depois da entrevista do cemitério, quando a imagem de Giovana preocupava o seu espírito. Repassava na memória todos os incidentes que de si a haviam aproximado. Tornava a vê-la como lhe aparecera em dia de festa, na igreja de Gravedona, mergulhada em sua prece, enquanto que em volta dela tudo era motim, movimento de cadeiras removidas, farfalhar de

estofos sobre ladrilhos. E de tudo isto, lembranças, pensamentos, secretas esperanças, desprendia-se um sonho delicioso, sonho de amor e de felicidade, que ele acariciava silenciosamente no fundo de sua alma.

## V

Maurício, nas suas errantes correrias, tinha encontrado algumas vezes Luísa, a velha aia. Tendo sabido granjear sua amizade, dela adquiriu a certeza de que seria bem acolhido na casa dos Speranzi, e para lá foi um dia. Quem, conhecendo o misantropo advogado, tivesse podido nele ler, bem surpreendido ficaria da emoção que experimentava. O passo que ia tentar não destruiria ou realizaria suas esperanças? Foi muito bem recebido pela tia de Giovana que, abatida pela idade e pela doença, sentia chegada à ocasião de dar um amparo natural, um marido à sua sobrinha. Autorizou Maurício a repetir as visitas, o que ele fez freqüentemente. Começaram então para os jovens esses entretenimentos prolongados, essas conversas no terreno que domina o lago, durante as quais suas almas se expandiam em mútuas confidências. Maurício contava sua vida, sua triste vida de filho sem mãe; depois, os desapontamentos, os desânimos de sua mocidade. Abria, como se o estivesse rasgando, o coração a Giovana. Ela consolava-o, confiava-lhe seus sonhos tão cândidos, tão puros como os dos anjos.

Esses dois seres, mais e mais se aproximando, aprendiam ainda mais a se amarem. Mil vínculos secretos se formavam, enlaçando-os, unindo-os em estreitas e potentes malhas.

O dia em que, segundo os usos da nobre Itália, deviam ser celebrados os esponsais, logo foi marcado e tudo se preparou para essa festa íntima, na qual deviam tomar parte dois ou três velhos amigos.

Na véspera desse dia, Maurício foi cedo encontrar-se com Giovana. Depois da refeição da tarde, os dois jovens dirigiram-se para a chapada, donde suas vistas podiam descortinar um magnífico horizonte. Assentaram-se silenciosos debaixo de um bosque de laranjeiras. Luísa conservava-se um pouco distante.

A noite aproximava-se lentamente; estendia sobre o lago seu véu escuro; espalhava um tom uniforme sobre os campos de oliveiras, sobre as vinhas, sobre os bosques de castanheiros, sobre as cidades e aldeias. Enquanto a sombra invadia os vales, os cumes, as colinas, avermelhadas pela púrpura do sol cadente, pareciam outros tantos focos de incêndio. A noite pouco a pouco se adiantava; seus sombrios traços distenderam-se sobre os píncaros dos montes; um sem-número de luzes iluminaram as janelas das casas e das choupanas. As trevas envolveram inteiramente o lago e seu panorama de montanhas; mas, lá para o Norte os raios do dia, que declinava, ainda coloriam de um modo fantástico os colossais dos Alpes. Como um exército de gigantes em linha de combate, o Bermina, o Stella, o Monte d'Oro, o Disgrazia e outros vinte picos apontavam para o céu suas orgulhosas cristas coroadas de neve, sobre as quais o Sol, antes de desaparecer no Ocidente, lançava seus amortecidos raios. A noite tentava apagá-los, mas eles iluminavam ainda. Por fim, a escuridão tudo avassalou.

Extinguiram-se os últimos clarões. Triunfava a noite: solitária, ela ia reinar até à aurora.

Nesse momento, um concerto argentino elevou-se aos ares. Em todas as aldeias tocavam os sinos. Era a hora das Ave-Marias, da oração da tarde, o sinal que desperta em todos, no pescador do lado, no lenhador da floresta, no pastor da montanha, o pensamento de Deus. Giovana e Maurício, taciturnos, recolhidos, observavam esse majestoso espetáculo; ouviam o som melancólico dos sinos, acompanhavam com o olhar as belas estrelas de ouro, emergindo das profundezas do céu, para subirem lentamente, em legiões compactas, ao zênite. A poesia dessa noite enchia suas almas; seus lábios conservavam-se mudos, mas seus corações confundiam-se num êxtase profundo. Foi Maurício o primeiro que rompeu o silêncio.

- Giovana - disse ele -, pensaste algumas vezes nessas esferas luminosas que se movem. no espaço? Perguntaste a ti mesma se elas são, como a nossa Terra, mundos de sofrimentos, habitados por seres materiais e atrasados, ou se o são por almas mais perfeitas e que vivem no amor e na felicidade?

- Muitas vezes - respondeu ela -, tenho visitado esses mundos. Os protetores, amigos invisíveis, levam-me quase todas as noites para essas regiões celestes. Apenas fecho os olhos, um grupo de Espíritos, de compridas vestimentas flutuantes, de fronte resplandecente, cercam-me. Vejo minha própria alma que, semelhante a eles, se desprende de meu corpo e os segue. Rápidos como o pensamento, atravessamos então espaços imensos, povoados de uma multidão de Espíritos; por toda parte, repercutem cânticos harmoniosos, duma suavidade desconhecida na Terra. Percorremos esses arquipélagos estelares, essas esferas longínquas, tão diferentes do nosso globo. Em vez de matéria compacta e

pesada, muitos dentre esses mundos são formados de fluidos leves, de cores brilhantes. Enquanto os hóspedes da Terra arrastam-se penosamente pela superfície do seu planeta, os habitantes desses mundos, de corpos sutis, aéreos, facilmente elevando-se, adejam no espaço que os cerca. Eles agem sobre os fluidos leves e coloridos que constituem a atmosfera de seus planetas, dão-lhes mil formas, mil aspectos diversos.

Palácios admiráveis, de colunatas imponentes, os inumeráveis pórticos, templos de zimbórios gigantescos, ornados de estátuas e cujas paredes transparentes deixam passar a vista. De toda parte erguem-se construções prodigiosas, asilos da ciência e das artes, bibliotecas, museus, escolas magnificentes, sempre invadidas pela multidão. O ensino ali é dado sob a forma de painéis luminosos e mutáveis. A linguagem é uma espécie de música.

- E podes dizer-me quais são as necessidades corporais dos habitantes desses mundos?

- Eles não conhecem o frio nem a fome, e quase que nem a fadiga. Sua existência é muito simples. Empregam-na em se instruírem, em estudarem o Universo, em penetrarem suas leis físicas e morais. Rendem a Deus um culto grandioso, e tributam em sua honra os esplendores de uma arte desconhecida aqui embaixo. Mas, a prática das virtudes é sobretudo o seu objetivo. A miséria, as enfermidades, as paixões, a guerra, são quase ignoradas nesses mundos. São moradas de paz, de felicidade, das quais não se poderia fazer idéia alguma em nosso globo de misérias e lágrimas.

- É, portanto, para aí que vão os homens virtuosos que deixam a Terra?

- Muitos graus há a transpor antes de se obter acesso nesses mundos. Eles são os últimos degraus da vida material e os seres que os povoam, diáfanos e leves para nós, são ainda grosseiros e pesados, comparados aos Espíritos puros. Nossa Terra não é mais que um mundo inferior; só depois de se ter aqui vivido um número de existências suficientes para completar sua educação e avançamento moral, é que o Espírito a deixa para alcançar esferas cada vez mais elevadas e revestir um corpo menos sujeito aos males e a toda espécie de necessidades. A alma, depois de ter um número incalculável de vidas, sempre mais longas e ao mesmo tempo menos atribuladas, engrandecendo-se em ciências e em sabedoria, esclarecendo-se, progredindo sem cessar, abandona para sempre as esferas materiais e vai prosseguir no espaço o curso da sua ascensão eterna. Suas faculdades aumentam, ela se torna uma fonte inesgotável de caridade e de amor; compreende as leis superiores, conhece o Universo, entrevê Deus. Porém, ai de mim! quão distantes estão de nós essas bem-aventuranças, esses gozos inefáveis! Para ganharmos essas alturas sublimes, é preciso que nós mesmos nos elevemos; para isso Deus nos deu os meios. Ele quis que fôssemos os operários da nossa felicidade. Não está escrita em nossa própria consciência a lei do progresso? Não recuemos, portanto, diante das lutas, dos sacrifícios, diante de tudo que purifica, eleva e enobrece. Oh! se os homens quisessem saber! Se dignassem procurar o verdadeiro fim da vida! Que horizontes se abririam diante deles! Como os bens materiais, esses bens efêmeros, lhes pareceriam miseráveis, como eles os rejeitariam para inclinarem-se ao bem moral, à virtude, que a morte não pode arrebatá-la e que, só ela, abre o acesso às regiões felizes!

Assim passavam-se as horas. Maurício embriagava-se com as palavras da jovem, porque essas palavras ensinavam-lhe coisas das quais os seus livros o tinham sempre deixado na ignorância. Era isso para ele como uma linguagem seráfica, revelando-lhe os mistérios de além-túmulo, e com efeito, Giovana, médium inspirada, era por sua vez o eco de uma voz sobre-humana que repercutia nas profundezas do seu ser.

Quase todos os dias iam assim conversando familiarmente através dos bosques perfumados, aquecidos pelos raios do Sol, abafados pelo vento, debaixo do profundo azul do céu. Algumas vezes embarcavam e deixavam-se deslizar docemente à mercê das correntezas do lago. Pouco a pouco, os rumores enfraquecidos vinham das margens e aí terminavam os seus ecos. Muito alto, no ar límpido, grandes aves de rapina descreviam ziguezagues; peixes de escamas prateadas divertiam-se na água transparente. Então, tudo convidava-os à distração, às doces efusões do coração. Impelida, porém, por uma força oculta para os assuntos graves, Giovana falava de preferência da vida futura, das leis divinas, dos progressos infinitos da alma, de sua depuração pela prova e pelo sofrimento.

- A dor - dizia ela -, tão temida, tão repelida aqui embaixo, é na realidade o ensino por excelência, a grande escola em que se aprendem as verdades eternas. Só ela habilita o ser a desprender-se dos bens pueris, das coisas terrestres, a elevar-se para a felicidade. Sem as provas, o orgulho e o egoísmo, esses flagelos da alma, não teriam freio algum. Seu papel é depurar os Espíritos rebeldes, constrangê-los à paciência, à obediência e à submissão. O sofrimento é o grande cadinho de purificação. É necessário

haver sofrido para condoer-se dos sofrimentos dos outros. A aflição nos torna mais sensíveis, nos inspira mais piedade para com os infelizes. Os homens deveriam abençoar a dor como o mais poderoso agente de progresso, de engrandecimento, de elevação. Por meio dela a razão se fortifica, o juízo se esclarece, as enfermidades do coração deixam de existir. Mais elevada do que a glória, ela mostra à alma aflita a grande figura do dever erigindo-se imponente, augusta, iluminada pelos clarões do foco que não se extingue.

Essas revelações, essa voz encantadora, esses acordes eloqüentes, inesperados, enchiam Maurício de espanto e admiração.

- Oh! Giovana - dizia ele -, fala ainda, fala, sempre, caro e vivo eco de minhas esperanças, de minha fé, de minha paixão pelo justo e pelo verdadeiro. Fala! tão feliz sou em te ouvir, em te contemplar! E, entretanto, sobressalto-me algumas vezes em recear que a nossa ventura venha a desaparecer repentinamente. Nossa felicidade nada tem de humana. Parece-me que o vento rígido da adversidade vai soprar sobre nosso sonho de amor; uma voz secreta me diz que um perigo nos ameaça.

Debalde procurava a donzela banir esses receios.

- A aproximação de acontecimentos dolorosos - dizia ele - enche-me de uma vaga apreensão. A alma pode pressentir o futuro? Eis aí um problema dependente ainda de nossa inteligência e que não saberíamos resolver.

Segundo o que dissera Giovana, quem pode aqui embaixo prever o dia seguinte? Alegrias, riquezas, honras, amores loucos, afeições austeras, tudo passa, tudo desaparece das mãos do homem como se fosse uma areia

finíssima. As horas amargas e angustiosas da vida podem tocar de perto as horas de ventura e de paz, mas é raro, quando as primeiras se aproximam, que não sejamos tocados por um sombrio prognóstico. Assim pensava Maurício. Esta conversação sobre a dor, dizia ele, não seria um presságio, uma espécie de aviso do céu? Quando se separou de Giovana, uma penosa opressão apertava-lhe o coração. A noite para ele foi longa e de insônia. Mas, os primeiros clarões da aurora baniram essas impressões, e quando, ao voltar para junto de sua estremecida, a viu cheia de graça, de jovialidade, de vida, preparada para os esponsais, seus últimos receios dissiparam-se como um nevoeiro matinal aos raios do sol de agosto.

Giovana e Maurício tinham permutado os anéis consagrados; o dia da união chegara. Entregues à sua ventura, tudo para eles decorria rapidamente. Ignoravam que um terrível flagelo se aproximara, que seus estragos haviam despovoado as planícies lombardas e que o ar puro das montanhas seria impotente para detê-lo. Com efeito, que lhes importavam as notícias do exterior, os bulícios da Terra? O mundo para eles se resumia em um só ser: o ser amado! Seus pensamentos apenas freqüentavam as regiões ultraterrenas.

Não cuidavam senão do seu amor, na vida que diante de si se abria tão bela, tão rica de promessas. A Vontade Suprema, porém, ia deitar por terra todas essas esperanças. Depois de ter entrevisto uma felicidade ideal, Maurício devia recair na realidade sombria e desesperadora.

O tifo contagioso baixou às margens do lago quase todos os habitantes de Gravedona e de Domaso foram atingidos sucessivamente. Alguns dias, apenas, haviam decorrido e já muitas casas ficavam vazias. A azulada fumaça não mais se

elevava por cima dos telhados. O silêncio, esse silêncio terrível da morte ou do pavor, substituía a cadência do trabalho e das canções; grandes cruces brancas apareciam nas portas das cabanas desertas. A foice da morte ceifou muitas existências entre essas famílias de pescadores e de operários, mal vestidos, mal alimentados, de um asseio duvidoso, e que ofereciam fácil presa ao flagelo. Todos os dias, o sino da igreja tocava o dobre fúnebre e numerosos cortejos encaminhavam-se para o campo-santo.

A epidemia não poupou os Gerosi. Marta foi à primeira atacada, caindo doente por sua vez a filha. Todas as famílias, todas as habitações associadas pelo flagelo foram abandonadas. Os médicos eram em pequeno número. Nenhum cuidado se podia esperar, nem dos parentes, nem dos amigos. O insulamento, o sofrimento e a morte eis o que podiam esperar aqueles a quem o contágio atacava.

As lamentações que ressoavam por toda parte e a tristeza geral arrancaram Giovana de seu sossego, de sua ventura. A voz imperiosa do dever levantou-se nela e dominou a voz do amor. Desprezando o perigo, surda às súplicas de Maurício, repartiu desde então o tempo entre os infelizes abandonados. Seu noivo, não podendo desviá-la do perigo, seguiu-lhe o exemplo. Giovana passou um mês inteiro à cabeceira dos moribundos; muitos expiraram a sua vista. Marta e filha morreram, apesar dos desvelos. Ela assistiu-as até aos últimos momentos, suportando com uma calma aparente o espetáculo de suas convulsões, respirando o hálito envenenado que se exalava de seus lábios. Tantas fadigas e emoções prostraram a jovem. Uma tarde em que, extenuada, voltava para casa com Maurício, ela teria caído desfalecida no caminho, se o noivo não a tivesse amparado nos braços.

Ao chegar, teve de ir para o leito e sintomas terríveis logo se manifestaram. Um círculo de fogo apertava-lhe as têmporas; zunidos insólitos atordoavam-lhe os ouvidos, os calafrios acometeram-na, profundas olheiras rodearam-lhe os olhos. O mal fazia rápidos progressos; a vida de Giovana derretia-se como cera mole ao sopro das ardentes do flagelo. Desde o dia seguinte, a sombra da morte pairava em suas feições. Maurício, pálido, desalentado, conservava-se junto dela, apertando-lhe as mãos geladas. Aproximando os lábios da sua boca desbotada, pedia a Deus que lhe fizesse aspirar à morte num beijo.

Giovana respondia docemente aos seus carinhos. Seus olhos, já brilhantes dos clarões do além, fixavam-se nele com uma expressão de calma, de serena doçura. Mesmo neste momento solene, a despeito do sofrimento que lhe martirizava os membros, um sorriso resignado iluminava-lhe o semblante. Pela tarde, começou a agonia. Giovana agitava-se convulsamente, debatendo-se numa opressão dolorosa e implorando a Deus. A essas crises terríveis sucederam profundo abatimento, imobilidade semelhante à morte. Somente os lábios da jovem se moviam. Parecia conversar com os seres invisíveis. Às vezes também a ouviam murmurar o nome de Maurício. Um ligeiro aperto de mão, um último estremecimento, Giovana expirou. A alma desse anjo voltava para Aquele que a havia formado.

Maurício, esmagado pela dor, parecia um embriagado. Suas lágrimas, não podendo rebentar, recaíam sobre o seu coração e o afogavam em ondas de um desespero feroz. Tendo anoitecido, colocaram-se círios acesos junto ao leito; um crucifixo repousava no peito da morta, cujos cabelos louros, esparsos, formavam uma coroa de ouro em volta da

cabeça pálida. Dos cantos da sala fizeram-se ouvir soluços meio sufocados. A tia, a velha aia de Giovana e algumas pessoas pobres para as quais tinha ela sido caritativa, oravam e choravam. Maurício aproximou-se da janela inteiramente aberta. Ironia da Natureza! O disco brilhante da Lua iluminava planícies e montanhas; perfumes balsâmicos pairavam no ar; a corrente, precipitando-se pelas pedras, fazia ouvir seu alegre murmúrio ao qual respondia o rouxinol pendurado nos ramos altos. No seio da Natureza tépida e perfumada, tudo era luz e cânticos, tudo celebrava a dita de viver, e ali, sobre o leito virginal, a meiga jovem dormia já o sono eterno! Assim pensava Maurício; mil idéias sombrias, tumultuosas, avolumavam-se em seu cérebro como um vento de tempestade.

Que cruel Deus é este que se diverte assim com o nosso coração! Ter mostrado a felicidade, ter feito tocá-la, para a arrebatá-la no mesmo instante! Pois quê! esses sonhos dourados, esses sonhos mutuamente formados ficaram dissipados para sempre? Esse cadáver que ali jaz é tudo o que resta de Giovana?

Não mais a verei, não mais ouvirei a sua voz, não mais perceberei em seus olhos esses lampejos de ternura, que deliciosamente me reanimavam?

Algumas horas ainda e dela nada mais ali haverá, nada mais que uma saudade, saudade despedaçada, penetrante como um alfanje na alma ulcerada? Não mais excursões diárias pelo vale; não mais passeios pelo lago à brilhante luz do dia, não mais conversações na chapada, à suave claridade das noites? Estava triste, abatido, quando a conheceu; como um raio, seu olhar havia-lhe iluminado à vida, e eis que de súbito tudo se extinguiu. Agora se havia acabado; sua vida

estava encerrada, não mais haveria sonhos alegres, não mais haveria esperança; o vácuo, a solidão horrorosa, as trevas formavam-se em volta dele.

Como o coração batia precipitadamente em seu peito, como sua testa queimava! Um peso esmagador fazia-lhe pender a fronte e curvar os joelhos. E chamava pela morte, desejando-a ardentemente. "Vem - dizia ele -, leva-me com ela, envolve-nos na mesma mortalha, deita-nos na mesma cova; que a mesma lousa nos encubra!" Porém, não, ela estava morta e ele tinha de viver. Que abismo se abria diante de seus passos! E nessa alma estourava a revolta contra o implacável destino.

Evocando as recordações de sua vida, desde os tristes anos de sua infância, Maurício via passar como num turbilhão as ilusões dissipadas, as alegrias tão curtas, tão depressa desvanecidas, as felicidades efêmeras da sua mocidade. Todas as sombras, todas as inquietações do passado subiam, como onda amarga, do fundo de sua memória, submergindo nele as derradeiras esperanças. Em seu lugar ficava uma profunda sensação de insulamento e de abandono. Todos os que amara tinham partido: sua mãe, quando era ele apenas uma criança; depois, seu pai e agora era Giovana. Tudo o que havia alegrado sua existência, tudo o que havia feito bater seu coração, ia resumir-se em três sepulcros. "Oh! - murmurava ele - Ser Invisível que te ris de nossas lágrimas, não nos fazes pois viver senão para torturar-nos? Entretanto, eu não pedi para nascer. Por que me tiraste do nada, onde se dorme, onde se repousa, onde não se sofre?"

A aurora com seus pálidos clarões veio iluminar o triste aparato da morte; Giovana foi colocada no caixão, e, à

chegada do padre, efetuou-se a partida para o cemitério. Semelhante a um autômato, Maurício acompanhou o féretro que ficou coberto de ramos, de rosas brancas, e foi conduzido por donzelas de Gravedona. Mergulhado em dor, nada viu do cerimonial fúnebre da igreja, nem mesmo ouviu as lúgubres salmodias. O rumor surdo da terra, caindo sobre as tábuas do caixão, chamou-o a si finalmente.

Retirados os assistentes, entulhada a cova, achou-se sozinho diante da sepultura da noiva. Então, seu coração despedaçou-se; ele se lançou por terra, estendendo os braços em cima da morta; um soluço avolumou-lhe o peito e uma torrente de lágrimas correu-lhe dos olhos ...

## VI

Chegara o inverno; nuvens espessas passam rapidamente no céu; o vento sopra rugindo sobre as colinas desnudas e faz redemoinhar os montões de folhas secas. Maurício, sozinho, vestido de luto, está assentado junto ao fogão, que aquece seu pequeno aposento, dominando o lago. Diante dele está um livro aberto, mas não o lê; sombrios pensamentos acometem-no. Pensa naquela que lá repousa na terra gelada e presta atenção aos gemidos do vento norte, que chora como legião dalmas em sofrimento. Às vezes, levanta-se e vai contemplar por dentro da vidraça a toalha pardacenta das águas e o horizonte cujas tintas cor de chumbo se harmonizam com o estado do seu espírito; depois, lançando mão de um cofre de madeira lavrada, abre-o e dele tira flores secas, um laço de fita e jóias de mulher. Leva aos lábios

essas relíquias de amor; o passado evocado desperta-se-lhe na memória. Horas sucedem-se às horas. Maurício lá está, meio inclinado sobre esse fogo que crepita e cuja fumaça se espalha na atmosfera úmida. Sonha a felicidade que fugiu, as esperanças perdidas. O desânimo de novo se apodera dele; o desgosto da vida, esse desgosto amargo de outrora, o invade novamente; idéias de suicídio germinam no íntimo do seu pensamento. Anoitece e o fogo vai-se extinguir; Maurício, porém, compraz-se nessa obscuridade cada vez mais completa. Um farfalhar faz-se ouvir atrás de si. Volta-se e nada vê. Foi sem dúvida o barulho do vento ou os passos da criada no quarto próximo. Perto da chaminé há um piano, cujas teclas estão mudas desde muito tempo. De repente, escapam-se sons desse móvel hermeticamente fechado. Confuso, de surpresa, Maurício presta atenção. Essa música é muito sua conhecida, é uma ária de Mignon, a predileta de Giovana e que ela gostava de tocar à tarde, depois do jantar. O coração de Maurício confrange-se; seus olhos se umedecem de lágrimas. Levanta-se e rodeia o piano ninguém! o banco está vazio. Volta para o seu lugar. Será uma ilusão dos sentidos? Uma sombra branca ocupa a poltrona que ele havia deixado. Tremendo, aproxima-se.

Esses olhos, esse olhar límpido, esses cabelos louros como espigas maduras, essa boca sorridente, esse talhe esbelto, alto, é a imagem de Giovana. Oh! magia! então o túmulo restitui os seus hóspedes! Uma voz vem acariciar-lhe os ouvidos: "Amigo, nada receies, sou eu mesma, não tentes tocar-me, não sou mais que um Espírito. Não te aproximes mais, escuta-me."

Maurício ajoelha-se, chora: "ó meu anjo, ó minha noiva, és tu, então?"

- “Sim, sou tua noiva, tua muito antes desta vida. Escuta, um laço eterno nos une. Nós nos conhecemos há séculos, temos vivido lado a lado sobre muitas plagas, temos percorrido muitas existências. A primeira vez que te encontrei na Terra, era eu bem fraca, bem tímida e a vida então era dura. Tu me tomaste pela mão, me serviste de apoio; desde esse momento, não nos deixamos mais. Sempre seguíamos um ao outro em nossas vidas materiais, andando no mesmo caminho, amando-nos, sustentando-nos um ao outro. Metido em combates, em empresas guerreiras, tu não podias realizar os progressos necessários para que teu Espírito livre, purificado, pudesse deixar este mundo grosseiro. Deus quis experimentar-te; separou-nos. Eu podia elevar-me para outras esferas mais felizes, enquanto que tu devias prosseguir sozinho a tua prova aqui embaixo. Preferi, porém, esperar-te no espaço. Efetuaste duas existências desde então e, durante seu curso, testemunha invisível de teus pensamentos, não cessei de velar”. por ti. Cada vez que a morte arrancava tua alma à matéria, tu me reencontravas e o desejo de te elevares fazia-te retomar com mais ardor o fardo da encarnação. Desta vez eu também pedi, tanto supliquei ao Senhor, que ele me permitiu voltar a Terra, tomar aí um corpo e ser uma voz para ensinar-te o bem, a verdade. Nossos amigos no espaço nos aproximaram, nos reuniram, mas por um tempo limitado. Eu não podia ficar mais tempo neste planeta: meu papel estava preenchido. Não devia ser tua aqui na Terra.

“Chegou à hora em que os Espíritos podem, segundo a permissão divina, comunicar-se com os humanos. Assim, eu torno a vir para guiar-te, encorajar-te, consolar-te. Se queres que esta existência terrestre seja a última para ti, se queres

que ao sair dela sejamos reunidos para nunca mais nos separarmos, consagra tua vida a teus irmãos, ensina-lhes a verdade. Dize-lhes que o fim da existência não é adquirir bens efêmeros, mas esclarecer a inteligência, purificar o coração, elevar-se para Deus. Revela-lhes as grandes leis do Universo, a ascensão dos Espíritos para a perfeição. Ensina-lhes as vidas múltiplas e solidárias, os mundos inumeráveis, as humanidades irmãs. Mostra-lhes a harmonia moral que rege o infinito”.

“Deixa após ti as sombras da matéria, as mas paixões; dá a todos o exemplo do sacrifício, do trabalho, da virtude. Tem confiança na divina justiça. Fita a todo o momento a luz longínqua que ilumina o alvo, o alvo supremo, que deve reunir-nos no amor, na felicidade”.

"Põe mãos à obra sem tardança; nós te sustentaremos, nós te inspiraremos. Estarei junto de ti durante a luta, envolver-te-ei com um fluido benéfico. Assim como nesta tarde, tornar-me-ei novamente visível a teus olhos, revelar-te-ei o que ignoras ainda. E um dia, quando tudo que há em ti de material e ínfimo se tiver dissipado, unidos, confundidos, nos elevaremos juntos para o Eterno, juntando nossas vozes ao hino universal que sobe de esfera em esfera até Ele."

Encontrei Maurício Ferrand, faz alguns anos, em uma grande cidade, além dos Alpes. Havia começado a sua obra. Pela pena, pela palavra, trabalhava para derramar esta doutrina conhecida pelo nome de Espiritismo. Os sarcasmos e zombarias choviam sobre ele de todas as partes. Cépticos, devotos, indiferentes uniam-se todos para o abaterem. Ele, porém, calmo, resignado, não perseverava menos em sua

tarafa. "Que me importa - dizia - o desdém destes homens? Dia virá em que as provas os obrigarão a compreender que esta vida não é tudo, e pensarão em Deus, em seu futuro esplendoroso. Pode ser que então se recordem do que lhes digo. A semente neles lançada poderá germinar. E, além disso, acrescentou, fitando o Espaço - e uma lágrima brilhou em seus olhos -, o que eu faço é para obedecer àqueles que me amam para aproximar-me deles."

## FIM

### Notas de Rodapé

(1) Os Espíritos nos ensinam que essa região, de onde viemos e para a qual voltamos, é o mundo espiritual ou o Espaço. Ele é apenas desconhecido para os seres encarnados. Quando o nosso corpo repousa, o nosso Espírito vai libera-se nesse mundo, e, ao acordarmos, resta-nos daí quase sempre uma vaga lembrança, que denominamos sonho.

(2) Essa diferença de estado existe também durante o sono, e assim pode-se dizer que morremos todas as noites. Neste estado, como no do sonambulismo, o Espírito conserva-se preso ao corpo por um laço fluídico, mas isso não impede o Espírito de transportar-se às regiões acessíveis

ao seu grau de adiantamento. A separação entre o Espírito e o corpo torna-se efetiva somente depois da morte deste.

(3) Esse corpo espiritual é o que foi designado em "O Livro dos Espíritos" por perispírito, e como tal conserva as aparências que a alma tinha na sua vida material. O perispírito é conservado sempre com a alma e lhe serve de veículo em todas as suas encarnações.

(4) Esse estado constitui a perturbação para a alma, porém é provisório, pois, desde que a alma se depura ou progride, o perispírito se rarefaz e deixa ver as coisas de um modo mais claro.

(5) Essa nova existência é a espiritual, de onde viemos e para a qual voltamos. E aí mesmo que nos prepararemos para nova encarnação, cujos principais incidentes são sempre as conseqüências das vidas anteriores.

(6) Por ocasião da morte do corpo, o Espírito cai numa perturbação, espécie de letargia, cuja duração é variável. Voltando a ter consciência de si, o Espírito reconhece o seu passado, e, então, colhe o que semeou, em virtude da lei das conseqüências, lei inflexível à qual ninguém pode subtrair-se. Lede a obra „O Céu e o Inferno".

(7) O sonambulismo já ofereceu exemplos de percepção. Depois da morte do corpo, o perispírito, tornando-se o principal órgão de transmissão, a percepção se opera em razão do seu grau de progresso. Os Espíritos inferiores não

podem, portanto ver e julgar como aqueles que são superiores. Lede a obra "O Céu e o Inferno".

(8) Lei das afinidades. Esses Espíritos inferiores têm uma ocupação útil nas agitações terrestres. Instrumentos voluntários do mal, eles servem para suscitar entre nós as causas das lutas, de que sempre resultam ensino e progresso.

(9) Esse estado é uma consequência do passado, mas os Espíritos adiantados estão livres disso. Lede a obra "O Céu e o Inferno".

(10) Tudo se combina, se encadeia e procede das mesmas leis, embora os meios sejam diferentes. Lede a obra "O Céu e o Inferno".

(11) Atendendo-se ao fato de não ser ainda permitido conhecer o mistério da Divindade, esta definição parece suficiente.

(12) O Espírito não se torna melhor pelo fato de haver deixado a Terra; no estado espiritual ele pode perseguir-nos com seu ódio e assim constituir-se um inimigo invisível. Saibamos sempre discernir todas as influências espirituais, a fim de colhermos as que forem boas e repelirmos as que forem más.

(13) O Espiritismo permite hoje se classificar esses fenômenos de aparição e de tangibilidade entre os fatos de ordem natural. As condições do meio e de aptidão bastam para produzir esses fenômenos. Lede a obra "A Gênese" (capítulo sobre fluidos).

(14) A ansiedade que às vezes se experimenta nos sonhos, pode dar uma idéia da natureza dos sofrimentos ou das alegrias que nos esperam depois da morte, definidos claramente na obra "O Céu e o Inferno".

(15) Dotados de órgãos mais livres que os nossos, os Espíritos percebem as coisas por um modo diferente daquele que conheciam quando encarnados, mas, eles podem revelar-nos somente o que for compatível com o nosso progresso e os nossos esforços.

(16) O ensino de "O Livro dos Espíritos" confirma esta definição, e, portanto, Laváter pode ser considerado como um dos precursores desta doutrina.

(17) Consiste nisso a mediunidade, conforme está perfeitamente explicado em "O Livro dos Médiuns".

(18) A idéia que é suscitada por um bom Espírito não pode ser má, porém, é mais fácil em nosso mundo que as inspirações venham de Espíritos inferiores, e por isso convém saber discernir o bem e o mal. O fim do Espiritismo é contribuir para o nosso aperfeiçoamento, e convém que não façamos dele um mau uso, para não nos tornarmos vítimas dos Espíritos inferiores. Lede "O Livro dos Médiuns".

(19) Por toda parte e em todos os degraus da escala da Criação, há somente uma vontade diretriz. O mundo dos Espíritos, sociedade muito semelhante à nossa em certos pontos, está submetido a leis que não permitem a ninguém se

desviar do plano da harmonia geral. Lede "O Livro dos Espíritos".

(20) Esse Espírito quis provavelmente descrever as sensações que teve no momento da sua passagem a um grau superior

(21) Ainda não se conhece bastante esse fluido luminoso, misteriosa propriedade do perispirito.

(22) Disso resulta a responsabilidade que temos dos nossos atos, seja qual for à influência a que obedeçamos.

(23) A crença nos Espíritos vem desde a mais remota Antigüidade. As divindades pagãs, a quem os antigos elevavam templos, não eram mais do que Espíritos encarregados de espalhar a luz pelo mundo.

(24) É bem exato o que diz esse Espírito. Os fluidos que desprendemos no momento da ira afastam os bons Espíritos e atraem os maus. Os efeitos dos fluidos perispirituais também podem ser observados na simpatia ou antipatia que, instintivamente, às vezes, experimentamos uns pelos outros.

(25) Vide padre Didon em A Vida de Jesus.

(26) Ver Annales des Sciences Psychiques, setembro de 1912.

